



*A política agrícola da Nova República começa mesmo a se definir com a próxima lavoura de verão. O milho promete retomar espaços perdidos para a soja, apesar dos preços mínimos não terem agradado o produtor. O arroz e o feijão também ganham força*

## O DESAFIO DO VERÃO

Página 4

### PECUÁRIA

## Os criadores que não sabem o que é entressafra

Página 18



Agricultores acamparam três semanas em Porto Alegre

### PREVIDÊNCIA

## Atendimento sem limite para rurais

Página 13

### LEITE

## CCGL surpreende o produtor com extra-cota

Página 17

COTRIJUI  
BALANÇO DAS  
DECISÕES



## Entre as 10 maiores

A Cotrijuf ocupa o 9º lugar entre as 100 maiores empresas nacionais. É a segunda maior empresa do Rio Grande do Sul, perdendo apenas para a Varig, e a segunda maior cooperativa do país. Estas posições são reveladas pela revista "Balanço Anual - 1985", uma publicação do grupo Gazeta Mercantil, que todos os anos analisa o desempenho das principais empresas brasileiras. A edição de 85 começou a circular agora, em agosto, com dados referentes ao exercício de 1984, e revela ainda que a Cotrijuf ocupa o 49º lugar entre os grandes grupos nacionais. A lista das 100 maiores empresas brasileiras é liderada pela Copersucar, apresentando depois - entre as 10 maiores - pela ordem, Pão de Açúcar, Petróleo Ipiranga, Varig, Camargo Corrêa, Andrade Gutierrez, Odebrecht, Casas da Banha, Cotrijuf e Mendes Júnior. A Cotrijuf é, entre as 100 maiores, a única cooperativa singular. A outra cooperativa que aparece na relação, mas como central, é a Centralsul, em 16º lugar.

Na lista dos 300 maiores grupos, a Cotrijuf está em 49º lugar. Nessa relação, constam empresas que controlam outras empresas subsidiárias, e também aqui, como na lista anterior, a predominância

é de paulistas. O grupo líder é o Bradesco, seguido do Votorantim, Camargo Corrêa, Bamerindus, Itaú, Mendes Júnior, Real, Klabin, Bonfiglioli e Andrade Gutierrez. O grupo gaúcho em primeiro na lista é o Gerdau. Na relação das maiores cooperativas brasileiras, a Cotrijuf está em segundo lugar, atrás apenas da Copersucar. Depois seguem, pela ordem, até o 10º lugar, a Centralsul, a Cocamar, Coamo, Leite Paulista, Coopagro, Femecap, Cotrefal e Carol. A publicação revela ainda que, entre as 26 empresas do setor agropecuário mais endividadas, há sete cooperativas. A Cotrijuf, que aos poucos vem conseguindo melhor administrar suas dívidas, não consta desta lista. A Gazeta Mercantil levou em conta vários dados, para fazer as listagens, como a renda operacional líquida, o crescimento real, o patrimônio, o lucro operacional, o endividamento e até o número de funcionários. A Cotrijuf, com sua receita operacional líquida de 757 bilhões de cruzeiros em 1984, foi a empresa nacional que apresentou maior crescimento real da receita (mais 46 por cento), de 83 para 84, entre as 10 maiores do país. Também aparecem na publicação, em boas colocações, subsidiárias da Cooperativa, como a Cotriexport e a Transcooper.

## Guerra aos venenos

O ministro Pedro Simon deu o primeiro passo, no dia 2 de setembro, e o presidente José Sarney o segundo, no dia 9. Os dois assinaram, nestas datas, portarias relacionadas com agrotóxicos. Simon proibiu a comercialização, distribuição e uso de produtos organoclorados destinados à agricultura, entre os quais o Aldrin, o BHC, o Endrin, o Endosulfan. Ficaram fora da proibição as iscas para formigas fabricadas com Aldrin e dodecacloro, e os produtos para combate ao cupim, empregados em reflorestamento. Foi a primeira decisão

da área federal, quanto aos agrotóxicos, tomada nos últimos anos, em apoio às legislações estaduais. O presidente Sarney, por sua vez, determinou, também por portaria, a formação de uma comissão especial que vai estudar mudanças na legislação federal que trata do assunto.

A comissão deve apresentar relatório dentro de 60 dias, e é integrada por representantes de várias entidades. É claro que o trabalho desse grupo de técnicos não será tão fácil, pois as indústrias estão preparadas para exercer pressões.



Reunião da comissão que irá coordenar o congresso

## Minifúndio é o tema

O Rio Grande do Sul conta com quase 300 mil propriedades com menos de 20 hectares, que garantem a produção de boa parte dos alimentos básicos, como o feijão, o milho, a batata, a mandioca e outros hortigranjeiros. De 10 a 12 de outubro, na cidade de Lajeado, esses

minifúndios serão tema de um encontro, promovido pela Secretaria da Agricultura com o apoio de entidades do setor. O 1º Congresso Estadual da Pequena Propriedade pretende apresentar alternativas para as áreas de minifúndio, enfocando tanto os aspectos técnicos como econômicos da rotação de culturas, da indústria caseira, do uso de animais, da formação de pomares. A comissão técnica do Congresso já realizou reuniões, para definir o programa. Integra esta equipe o agrônomo Rivaldo Dhein, coordenador da área de solos da Cotrijuf.

## As mulheres vão à luta

A organização das mulheres rurais continua crescendo, e deverá deslanchar mais ainda no Estado. Mais uma amostra disso será dada dia 17 de outubro, em Porto Alegre, quando do Encontro Estadual das Mulheres Trabalhadoras Rurais, promovido pelos Sindicatos de Trabalhadores Rurais, pela Pastoral e Fetag. O encontro pretende ampliar essa organização, a partir do debate de assuntos que interessam diretamente às esposas e filhas de agricultores, para que elas sejam reconhecidas como trabalhadoras. "Pela lei - diz o boletim número 1 do encontro - somos dependentes dos homens, dos nossos pais e maridos. Mas numa família, numa propriedade rural, todos não dependem uns dos outros?" Esse encontro irá discutir não só questões como os benefícios previdenciários (aposentadoria, atendimento quando de acidente do trabalho e outros), mas também as funções do sindicalismo. O símbolo usado é de uma margarida, que tem como base o próprio símbolo do sexo feminino (um



círculo com uma cruz virada para baixo). A margarida é uma forma de homenagem a presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, na Paraíba, assassinada com um tiro de espingarda. Ela era combativa, na defesa de direitos dos trabalhadores na região, onde a grilagem anda solta. Tinha 4 filhos e seu nome era este: Margarida Alves. O boletim do encontro lembra: "Sua morte não foi em vão. De seu sangue derramado, muitas outras Margaridas nascerão".



## Cacho duplo na bananeira

As plantas continuam apresentando surpresas. Uma bananeira da propriedade do seu Ivon Rycheski, da Linha 10 Leste, em Ijuí, teve um cacho duplo (foto à esquerda), coisa não muito comum. O cacho foi colhido na primeira semana de agosto. Os dois têm, cada um, umas 150 bananas. No segundo, as frutas são bem menores. Para quem não sabe, bananeira só dá um cacho, mas podem acontecer casos de gêmeos, como este.

## Funaro e a agricultura

O ministro Francisco Dornelles já estava se transformando no novo Delfim Netto para os agricultores brasileiros. Ele conseguiu, em pouco mais de



Dilson Funaro

cinco meses, comprar brigas com o Ministério da Agricultura, tentando impedir a liberação de recursos para a comercialização da safra de verão, monopolizando os estoques reguladores e até mesmo retardando o lançamento do programa de distribuição de alimentos a baixo custo para populações de baixa renda. Pois Dornelles caiu, e no dia 27 de agosto o Ministério da Fazenda ganhou um titular que se enquadra melhor com a Nova República: Dilson Funaro, um empresário paulista de 51 anos, dono da fábrica de brinquedos Trol. Funaro é o oposto de Dornelles. Não é monetarista e quer a retomada do crescimento da economia, sem sacrifícios para a população. Defende a agricultura como base capaz de assegurar esse crescimento. É favorável ao subsídio à produção. Entende que o FMI deve parar de ditar normas ao Brasil. Ele levou para o Ministério economistas que defendem as mesmas ideias. Não houve, além de Dornelles, é claro, e dos monetaristas, ninguém que dissesse uma palavra contra a indicação de Funaro, que foi aplaudida no Ministério da Agricultura.

## Copiando o que é bom

"Antes de partir para inovações duvidosas nós temos é que copiar o que é bom. E o trabalho da Cotrijuf merece ser copiado". Esta recomendação foi feita pelo agrônomo Renato Zenkel, da Secretaria da Agricultura, durante um debate sobre conservação de solos, em Santo Ângelo (veja na página 8). Ele se referia às atividades que a Cooperativa desenvolve no Centro de Treinamento, em Augusto Pestana, ressaltando que as experiências do CTC, já colocados em prática a nível de lavoura, devem servir de exemplo aos técnicos. Zenkel condenou colegas que estão aderindo ao tal de murundum, sem antes dar atenção às práticas consagradas de conservação do solo, como as que podem ser vistas no CTC. Os elogios ao Centro de Treinamento da Cotrijuf não surgiram apenas nesse encontro, mas também em outra reunião de produtores da 6a. região da Fecotrigo, em Santa Rosa. No momento em que os agricultores debatiam alternativas para a lavoura, muitos deles lembraram o trabalho da Cooperativa. E não foram poucos os que sugeriram a criação de um centro regional, com o apoio das cooperativas, para centralizar atividades, copiando o modelo do CTC. Para os produtores e os agrônomos, a Cotrijuf está alguns anos na frente em matéria de propostas concretas para superação do atual modelo agrícola.



# Novo espaço para o milho

“A tendência é de que a lavoura de milho na região apresente um crescimento por volta de 10 por cento”, afirma o agrônomo e também diretor do Departamento Agrotécnico da Cotrijuf, Renato Borges Medeiros. Mas esse crescimento, embora em níveis pequenos, não significa que o milho vá tirar algum espaço da lavoura de soja, que deverá, novamente neste ano, ocupar os mesmos 285 mil hectares da safra passada. O milho certamente ocupará espaços destinados a outras culturas de menor rentabilidade. A lavoura de milho na área de ação da Cotrijuf, Região Pioneira, ocupou na última safra 54.600 hectares, mas na safra 83/84, ela chegou a ser plantada em 84 mil hectares.

Esta estimativa mais favorável a lavoura de milho na região é vista pelo diretor da Cotrijuf como consequência da falta de segurança do produtor em relação a soja, que até o momento não está apresentando nenhuma perspectiva de mudança de mercado a nível internacional. Sendo assim, o produtor está saindo em bus-

ca de outras alternativas de produção, procurando diversificar mais a sua propriedade. Mas é preciso saber, preocupa-se o Renato Medeiros se realmente a proposta do governo de dar amparo a produção de alimentos vai continuar se firmando.

A baixa produtividade do milho, ainda em torno dos 2.000 quilos por hectares, aliado ao alto custo de produção — de acordo com levantamentos feitos pelo setor de custos da própria Cotrijuf, o produtor que quiser fazer uma lavoura de milho bem caprichada necessitará de Cr\$ 5.567.304 por hectares — são fatores que realmente tem desencorajado o produtor a aumentar sua lavoura. Mas o Renato Medeiros acredita que se o crédito aliado a pesquisa, conseguiu fazer com que a

soja e o arroz dessem bons resultados, a mesma coisa pode acontecer com o milho, basta apenas que ele mereça um pouco mais de atenção de parte do governo. Ele lembra que a própria mecanização da lavoura de milho é deficiente, isso sem considerar que tem ocupado sempre áreas marginais, que não são as melhores para a cultura.

Mas concorda que se o milho receber uma maior atenção, ele até pode, num primeiro momento, competir com a soja a nível de mercado interno e quem sabe, num segundo momento, competir no mercado internacional. Admite que

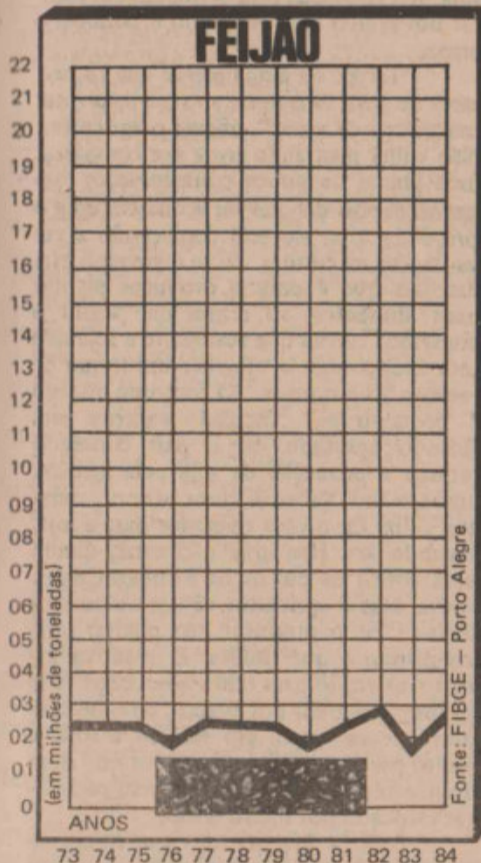
a maior dificuldade para se chegar a esse estágio está justamente no aumento de rendimento a baixos custos de produção. “Isso significaria uma redução no uso de insumos, principalmente do adubo, que é o mais significativo”. O produtor pode amenizar esse problema buscando técnicas alternativas de redução de custos, sem prejuízo da produção por hectare, desde que durante o inverno, em vez de usar a terra para plantar grãos, use-a para o cultivo de leguminosas, como a ervilhaca e os trevos, na intenção de procurar recuperar o solo e estocar Nitrogênio. No ca-

BRASIL — Evolução do Quadro de Oferta e Demanda do Milho — 1977/78 a 1984/85 (1.000 ton)

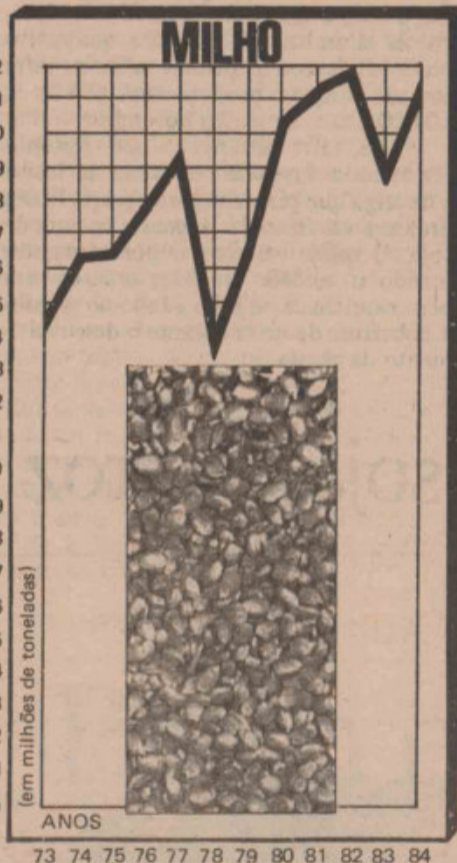
Safra	Estoque Inicial	Produção	Consumo	Exportação	Importação	Estoque Final
1977/78	901,0	14.016,7	16.416,7	— o —	1.500,0	1,0
1978/79	1,0	16.513,2	17.700,0	— o —	1.520,0	334,2
1979/80	334,2	19.939,3	21.033,5	— o —	2.011,0	1.251,0
1980/81	1.251,0	21.871,8	21.959,0	— o —	— o —	1.163,8
1981/82	1.163,8	22.103,7	20.993,0	543,0	— o —	1.731,5
1982/83	1.731,5	18.744,0	19.740,0	738,0	240,0	237,5
1983/84	237,5	21.203,6	20.143,3	353,2	205,0 *	1.149,6
1984/85	1.149,6	19.954,3	20.500,0	— o —	400,0	1.003,9

Fonte: ETAC MERCADOS — Milho  
\* Previsões CRIAEC

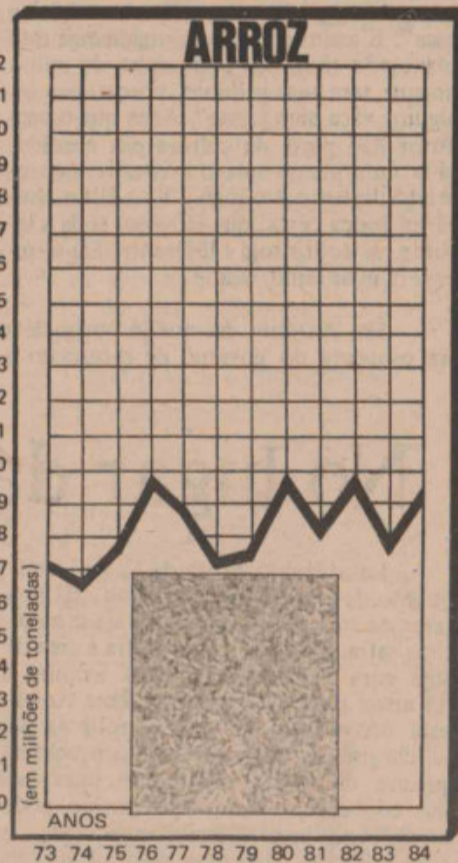
## As safras nacionais nos últimos 12 anos



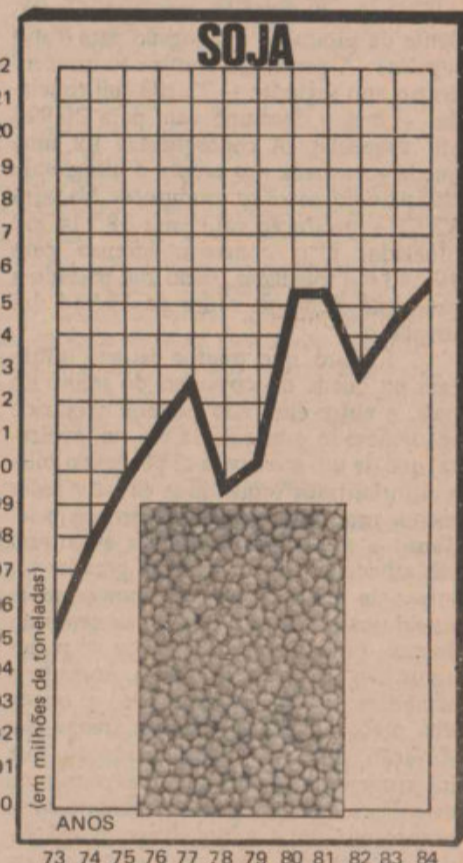
A produção brasileira de feijão é considerada um fiasco. Ela se mantém praticamente estável desde 1973, enquanto, é claro, cresce a população. O economista Fernando Homem de Mello, de São Paulo, dispõe de números que mostram que a oferta de feijão no país, nos últimos 6 anos, cresceu 16 por cento abaixo das necessidades de consumo. É claro que este dado leva em conta o número de habitantes, e não a sua real capacidade de compra. Isso quer dizer que, apesar da produção não ter crescido, aparentemente não há falta acentuada de feijão. Acontece que a grande massa da população já não consegue nem mesmo manter o nível de consumo de um produto que deveria estar, com fartura, nas mesas dos brasileiros. A safra do ano passado foi de 2 milhões e 621 toneladas. Nesses 12 anos, a maior produção no país foi a de 1982, com 2 milhões e 902 mil toneladas. A pequena propriedade, de até 100 hectares, produz 80 por cento da safra nacional.



O milho se apresenta como a grande vedete da nova política do governo para a agricultura. Sua produção é basicamente destinada à alimentação de animais, diretamente ou depois de transformada em rações. Há muito se fala que o Brasil poderia economizar milhões de dólares por ano se apostasse no milho também para o consumo humano, em substituição à farinha de trigo. A produção nacional, nos últimos 12 anos, teve um crescimento de apenas 50 por cento, passando das 14 milhões de toneladas de 1973 para as 21 milhões do ano passado. A produção média por ano foi de 18 milhões de toneladas. Nos últimos 6 anos, o país produziu milho, 6,3 por cento abaixo das necessidades de consumo. A pequena propriedade garante 70 por cento da produção nacional, que — se for confirmada a expectativa criada pelo governo — deve crescer na próxima safra. Mas ninguém sabe ainda de que forma de milho uma maior oferta será absorvida pelo mercado.



O arroz é a cultura das terras arrendadas e, como todo produto para mercado interno, sua oferta não acompanhou as taxas de crescimento da população. As safras, nos últimos 6 anos, ficaram 15,2 por cento abaixo do crescimento populacional. Em 1973, o Brasil produzia 7 milhões e 167 mil toneladas, e no ano passado produziu 9 milhões e 22 mil toneladas. A produção média anual, nesses 12 anos, foi de apenas 8 milhões e 321 mil toneladas. Os arroteiros já demonstraram que têm capacidade de mobilização, para impedir medidas desfavoráveis do governo. Muitos deles já começam a apostar nas mudanças propostas pela Nova República. São os que plantam soja e arroz e decidiram reduzir as áreas destinadas à primeira cultura, para ampliar as lavouras de arroz. O Rio Grande do Sul contribuiu com um terço da safra nacional, e 70 por cento das terras gaúchas com arroz são ocupadas por produtores arrendatários que dão 30% da safra como pagamento.



O milho entra em alta e a soja entra em baixa. As dificuldades para comercialização da última safra deram o sinal que faltava: o governo se transformou, pela primeira vez, em comprador de soja. Os preços de mercado ficaram abaixo do mínimo, com um quadro internacional totalmente desfavorável. A safra norte-americana deverá sepultar, se não houver nenhum acidente, o sonho de quem ainda pensa em prolongar o ciclo desta cultura que reinou por mais de uma década. A nova política agrícola tenta apenas ajudar com o fechamento do ciclo da monocultura, pois o produtor já percebeu isso nos últimos anos. A ajuda é dada como corte no crédito. A produção nacional, que chegou a 17 milhões de toneladas, deve cair na próxima safra. O que todos esperam agora é que o milho se firme como alternativa de verão, e que o mercado internacional não volte a dar um último suspiro, como fez em 1983, quando uma seca nos EUA levantou os preços.

so do plantio da ervilhaca o produtor ainda tem a vantagem de deixá-la como cobertura morta sobre o solo, agindo como uma "espécie de herbicida natural" sobre os inços. Essa atitude por parte do produtor, segundo o diretor da Cotrijuf, viria reforçar uma idéia antiga de que o inverno deve ser encarado como a época ideal para se recuperar o solo e prepará-lo para as duas grandes culturas de verão: a soja e o milho.

Superados todos esses problemas que vão desde baixos rendimentos, altos custos de produção até a falta de variedades, o Renato Medeiros tem certeza de que o milho é a grande alternativa, isso se comprovado a intenção do governo de realmente apoiá-lo. "Só mesmo a cultura do milho poderia mudar de forma substancial o modelo agrícola da região".

#### A PRODUÇÃO BRASILEIRA

A produção brasileira de milho vinha crescendo de forma acentuada até por volta de 80/81, quando ainda não havia limitação de mercado, pois o consumo era maior que a produção, o que levava o país, todos os anos, a importar grande quantidade de produto. Enquanto durou essa situação, os preços pagos ao produtor eram bons e serviam de incentivo para que a produção continuasse crescendo.

A partir da safra 80/81, segundo o Boletim da Criaec - Central de Informações Agropecuárias e Econômicas da Fidene/Unijuf, essa situação começa a tomar novos caminhos. A boa safra desse ano, de 21.871 mil toneladas, somados aos estoques anteriores do produto importado, supera o consumo, de 21.959 mil toneladas, fazendo com que o excedente da produção seja jogado para o ano seguinte. A produção continuou crescendo no ano seguinte - 22.103 mil toneladas - mas o consumo caiu para 20.993 mil toneladas. A consequência foi uma queda acentuada nos preços e um grande desestímulo entre os produtores. Na safra 82/83 a produção caiu para 18.744 mil toneladas e o consumo interno para 19.740 mil toneladas. Já no ano passado a produção ficou ao redor de 19.954 mil toneladas.

É claro que muitos fatores influíram na queda do consumo do milho no país, e entre eles, não poderia deixar de ser lembrado a avicultura e a suinocultura, que de uns anos para cá perderam toda a euforia, transformando-se em atividades menos produtivas dentro da propriedade. Tanto a suinocultura como a avicultura são atividades que consomem grandes volumes de milho, o principal componente na fabricação de ração para a alimentação animal. Foi justamente a queda do poder aquisitivo do povo brasileiro, somado a estabilização das exportações, a queda dos preços internacionais do frango e a elevação dos custos de produção que interromperam os planos de expansão na avicultura. Mais ou menos a mesma coisa aconteceu com a suinocultura, provocando, nos últimos anos, uma acentuada redução na produção. A crise da suinocultura e da avicultura representam, tranquilamente, menos consumo de milho no país.

#### A PRIORIDADE

Considerando como um produto essencialmente voltado para o mercado interno, o milho, ao lado do feijão, do arroz e da mandioca, está recebendo nesta safra, uma maior atenção. Dentro de sua política de dar prioridade a produção de alimentos, o governo está concedendo, para os pequenos produtores financiamento total para a formação de suas lavouras. Os médios produtores terão direito a 90 por cento do custeio, enquanto os grandes a 80 por cento. O novo preço mínimo definido pelo governo, com um reajuste de apenas 186,2 por cento, quando o Ministério da Agricultura vinha propondo 217,9 por cento, deve ter esfriado em parte os ânimos dos produtores. Mesmo assim, acredita-se que a lavoura de milho do país aumente de 1.729.450 hectares para cerca de um milhão e 800 hectares.

## Planta de risco

Proprietário de 17,5 hectares na localidade de Vila Santo Antônio, em Ijuí, o agricultor Antônio Rosa Gobo não está muito motivado para plantar mais milho nesse ano. Mas já decidiu que vai plantar menos soja. "Minha intenção é reduzir de 13 para 12 hectares a lavoura de soja", afirma ele, convencido de que essa oleaginosa começa a se tornar uma planta de risco, ainda mais considerando os baixos preços pagos pelo produto na safra anterior.

O aumento que o seu Antônio pretende fazer na lavoura de milho não é representativo. Vai plantar uns 70 quilos, no máximo, contra os 55 plantados na safra passada. "Não quero saber de plantar milho para o comércio. Toda a produção é destinada para o gasto da propriedade". Diz que seus vizinhos também estão plantando mais milho nesse ano, mas que ninguém está pensando em produzir para o comércio. "Tem um velho ditado, conta o agricultor, que diz o seguinte: galpão sem milho é miséria na casa". E assim como eu, a vizinhança está plantando mais um pouquinho de milho porque tem suas galinhas, porquinhos ou alguma vaca para tratar". Acha que o produtor não gosta da cultura por considerá-la uma planta muito arriscada e entra muito dinheiro em jogo. "É só faltar chuva na época certa, que lá se vai toda a lavoura. Já com a soja é diferente. Ela se recupera mais rapidamente.

Seu Antônio diz que já ouviu falar na proposta do governo de incentivar a



Antônio Rosa Gobo

produção de alimentos, como o milho, o feijão, o arroz. Considera a medida muito correta, pois acha que de uns anos para cá o produtor vem se "fiando só na lavoura de soja", e o resultado está aí: a produção crescendo e valendo cada vez menos". O caminho certo na sua opinião é produzir de tudo e um pouco, numa diversificação muito bem feita e aí vender apenas o que estiver sobrando. "O produtor tem que deixar de se fiar só numa cultura, como faz com a soja. E muito menos plantar só o milho. Não resolve o problema. Sempre que dá uma produção grande, como aconteceu com o milho na safra 83/84, o preço cai lá embaixo". Ele acha que muito produtor deixou de plantar milho na safra passada porque o produto valeu Cr\$ . . . . 10.000 o saco de abril a novembro.

Na safra anterior o seu Antônio fez todas as lavouras por conta, inclusive a de trigo que planta só para o gasto. Para a próxima vai financiar apenas a lavoura de soja. O milho vai plantar por conta, tomando o cuidado de fazer uma lavoura bem caprichada, usando adubo no plantio e cobertura de uréia durante o desenvolvimento da planta.

## No lugar da soja, o arroz

Luiz Anildo Brum da Costa, arrendatário de Dom Pedrito, plantou 280 hectares de soja e 80 hectares de arroz na última safra. Este ano, ele reduzirá a área de soja para 150 hectares, e irá ampliar a de arroz para 98,5 hectares. Luiz Anildo está convencido de que o ciclo da soja chegou ao fim, mesmo porque não precisa de muito argumento para que lhe convençam disso. Ele mesmo pôde comprovar, nos últimos anos, que as compensações deixadas pela oleaginosa não foram muitas.

"Se dependesse apenas da soja, não daria para continuar, pois o que dá dinheiro mesmo é o arroz", afirma o agricultor, que ocupa terras na localidade de Música e irá plantar este ano também numa área do Ibiçuí. Ele garante que nunca colheu uma safra de soja que pudesse considerar excelente, o que não quer dizer que não tenha obtido algum lucro com essa cultura. Luiz Anildo, paga 15 por cento da colheita pelo arrendamento tanto da soja como do arroz.

No caso do arroz, geralmente os proprietários cobram 30 por cento do que é colhido, mas ele paga menos porque fez as barragens e, na área nova do Ibiçuí, vai recalcar a água. Os 30 por cento, no início, até que não saem caro para a maioria dos arrendatários, segundo ele. Mas ano a ano o custo da lavoura aumenta. Acontece que as terras inicialmente não precisam de adubação, mas com o passar do tempo exigem investimentos em fertilizantes.



Luiz Anildo da Costa

Este ano, Luiz Anildo vai reduzir o uso de insumos na soja, com menor adubação, e utilizar nas lavouras de arroz o maquinário que ficaria ocioso com a redução na área de plantio da oleaginosa. "Estou aumentando a área de arroz, mas não que essa lavoura tenha passado a ser um grande negócio", explica ele, "Acontece que a soja é que está em baixa". Nos últimos anos ele formou 30 por cento das duas lavouras com recursos próprios, e este ano pretende aumentar essa participação, para que não se obrigue a tomar financiamentos com juros altos.

## O produtor sem saídas



Henrique Czyzeski

O seu Henrique Czyzeski, proprietário de 25 hectares de terra na Linha 6 Leste, em Ijuí, vinha até a safra passada destinando 21 hectares de lavoura para a soja. Nos outros quatro hectares plantava de tudo e um pouco, desde o milho, feijão, batatinha e mandioca. Mas depois da reviravolta que aconteceu com o preço da soja, seu Henrique está pensando em plantar um pouco mais de milho e também o arroz.

"Talvez eu ainda plante uns 18 hectares de soja, mas nesse ano quero plantar um pouco de arroz", afirma o agricultor. Não vinha plantando arroz por considerar uma planta de pouca compensação, mas agora, depois do que viu acontecer com o preço da soja, ele está começando a ver vantagens na cultura. "E se o governo está dizendo que é para o produtor plantar mais alimentos, só temos que seguir o conselho". Acha que realmente a soja não tem muito mais a oferecer em termo de retorno ao produtor. "O consumo interno é pequeno e o mercado externo está ficando apertado. Se o país conseguir reduzir a produção de soja pela metade, ainda assim, vai ficar ruim para o produtor", diz. Os preços operados para a soja, segundo seu Henrique não estão dando para cobrir os custos de formação da lavoura. Mas o agricultor vê um outro problema. "Se o produtor não plantar soja, vai plantar o quê? Milho? E quem vai garantir mercado para tanta produção?" Ele lembra que além dos preços, o milho tem outra desvantagem em relação a soja: é muito perecível. "É um produto que além de não ter peso de mercado, não pode ficar estocado por muito tempo.

Toda a lavoura do seu Henrique será feita com recursos próprios, que não quer mais saber de dinheiro de banco. Já no ano passado ele havia plantado apenas seis hectares de soja financiado. "A minha decisão definitiva de acabar com a lavoura financiada aconteceu no dia em que fui pagar o banco. Devia muito mais do que pensava". Garante que só volta a pegar dinheiro do banco para financiar a lavoura no dia em que mudar a política do governo. "Quem diria que um dia o produtor ia enfrentar uma situação como a que está vivendo agora. Os juros comem todos os resultados da lavoura.

Seu Henrique não pretende reduzir o uso de insumos porque não acredita que uma lavoura possa apresentar bons rendimentos sem fertilizantes. Diz que não adianta o produtor querer economizar em adubo, se a lavoura não vai produzir direito. "ainda mais a soja, que de uns tempos para cá, anda apresentando baixos rendimentos. Tudo isso é o resultado de tanta soja em cima de soja".







# Uma "invenção" movimentada Toledo

O município de Toledo, no oeste do Paraná, é reconhecido no Sul do país pela capacidade de mobilização comunitária de seus habitantes, para tratar de questões não só da agricultura. Pois Toledo passa, com o murundum, a ser conhecido também como a capital dos tratores de esteira. Segundo o agrônomo Davi Benvenutti, um levantamento realizado no ano passado indicava a existência de 85 desses tratores no município. Muita coisa gira em torno dos terraços em Toledo e, é claro, há muita gente ganhando dinheiro com isso.

O mesmo Davi informou que são 12 as empresas instaladas na cidade, para a elaboração de projetos, que geralmente incluem os murunduns. A cooperativa local, que empregava apenas sete agrônomos em 1977, hoje conta com uma equipe de 40. Aos poucos, a área científica também vai se interessando pelo assunto. Hoje - disse ele - 12 agrônomos estão realizando curso de mestrado (uma especialização), usando o trabalho da bacia hidrográfica do rio Toledo como tema.

## INVENTOR

A maioria dos agricultores, inclusive os gaúchos, já sabe que o murundum é um terraço construído em nível, por trator de esteira, levantando muros de terra com médias de 1 metro e meio a 1 metro e 80, podendo chegar além disso. Mas o murundum não é tão inovador. Há agrônomos que afirmam já terem visto coisa parecida em São Paulo, anos atrás. Davi Benvenutti diz que "inventou" o terraço sem a ajuda de livros ou qualquer apoio técnico de especialista.

Ele é gaúcho de Santo Ângelo, e se empenha na construção dos murunduns desde 1980. Durante os debates, Davi deixou algumas dúvidas sem resposta. O agrônomo disse, por exemplo, que o pro-

grama de microbacias já atinge 670 mil hectares no Paraná, abrangendo outros municípios além de Toledo. Lembrou que o governo estadual já destinou muito dinheiro ao projeto, e que irá liberar Cr\$ 106 bilhões no próximo ano. E garantiu que as áreas com murunduns já totalizam 78 mil hectares, só em Toledo.

## DÚVIDAS

Ele esqueceu de citar um dado importante, segundo alguns agrônomos. Davi não revelou, por exemplo, o número de agricultores envolvidos nesse trabalho. Outra dúvida: o murundum custa caro. É

pago pelo produtor, mas em três anos se transforma em terraço de base larga, pela própria ação das chuvas. Por que, então, investir em algo que, no Rio Grande do Sul, segundo a Emater, custa Cr\$ 326 mil o hectare, e que dura tão pouco tempo?

Técnicos e agricultores que foram ao Paraná não se convenceram ainda de que esses terraços poderão "mudar a mentalidade" do produtor diante da monocultura e do modelo agrícola. Em Ijuí, o agricultor Arlindo Treter, da Linha 8 Oeste, lembra que, ao retornar do Mato Grosso do Sul, viu palha de trigo sendo quei-

mada em áreas com murunduns, à beira da estrada, em Toledo. "De que adianta tudo isso, se até a queima da palha eles não deixaram de lado?", pergunta Arlindo, que construiu terraços de base larga em sua lavoura.

## EMATER

A verdade é que as visitas ao Paraná não mostraram muita coisa além do murundum, apesar de Davi garantir que a cooperativa local recebe hoje 28 produtos, em função da diversificação de culturas. No Rio Grande do Sul, a Emater aderiu aos murunduns, que têm o apoio de

seu coordenador de Solos, Tabajara Ferreira. Tabajara entende que o murundum pode ser uma alternativa onde os terraços de base larga não apresentem resultados.

A Emater já mapeou 14 microbacias no Estado, e vai multiplicando murunduns, mesmo que continue a ser criticada por técnicos da Secretaria da Agricultura, ligados à Divisão de Conservação de Solos. As 30 agências conservacionistas dessa Divisão desaconselham a prática. "Precisamos mostrar ao produtor que só com um bom manejo resolveremos os problemas do solo", disse Antonio Tubino, que trabalha nessa Divisão. Ele foi um dos atingidos pelas críticas dos que condenaram debates pela imprensa, e que foram assim resumidas por Davi Benvenutti: "Roupa suja se lava em casa".



O murundum ajuda a movimentar a economia do oeste do Paraná

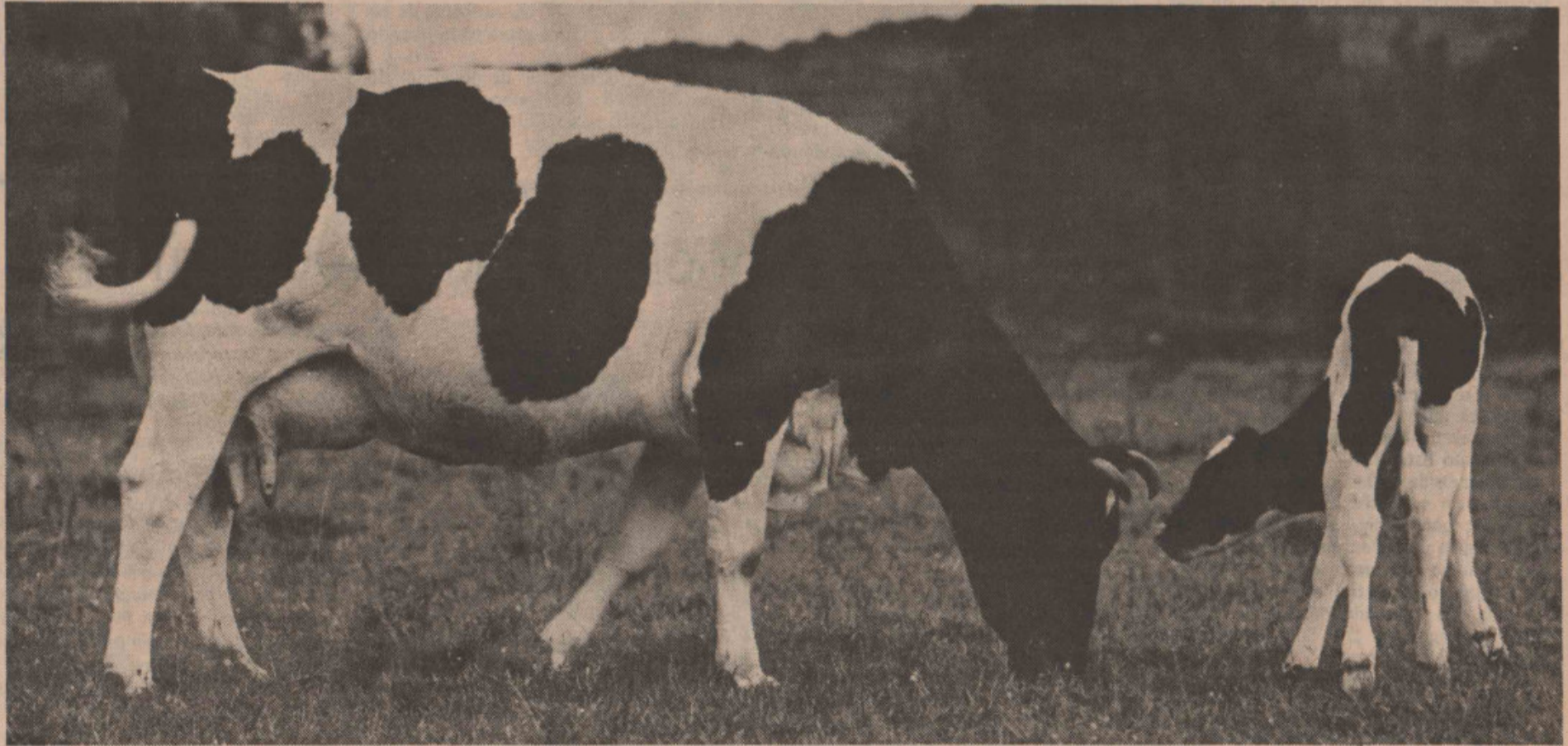


Davi Benvenutti



Tabajara Ferreira

## AJUDANDO A ENGORDAR A PECUÁRIA NACIONAL



A produção animal tem agora mais motivos para se desenvolver com segurança. A Cotrijuí e seus associados, que sempre se empenharam na criação de uma pecuária forte, vão trabalhar ainda mais. O novo Brasil está precisando de mais carne, leite, lã e couro. Junte-se a nós, produza e comercialize com mais segurança.



COTRIJUI

Nada substitui a força da união

# TRIGO

## A boa safra do cerrado

A região tritícola do Mato Grosso do Sul se situa numa área abrangida por um círculo de 100 quilômetros em torno de Dourados. São aproximadamente 300 mil hectares com solo e clima propícios ao pleno desenvolvimento do cereal. E foi esta área a escolhida pela direção do Departamento de Comercialização do Trigo para a visita de representantes dos sindicatos das indústrias moageiras de trigo de todo o País. Isso acontece de 19 a 21 de agosto, quando foram visitadas, além da Cotrijuí em Dourados, a Embrapa, a Cotia e a Fazenda Itamarati, onde há trigo irrigado. Na Cotrijuí, os visitantes foram informados do potencial tritícola do Estado e da estrutura operacional da cooperativa.

A região de Dourados responde hoje por 95 por cento da área plantada com trigo do Mato Grosso do Sul. Estimativa do próprio Departamento de Comercialização do Trigo (Ctrin), do Banco do Brasil, indica que a lavoura do Estado este ano ficou em 209 mil hectares. O potencial é, entretanto, bem superior, podendo chegar a 500 mil hectares. Os dados revelam que o MS tem ainda um grande potencial a explorar em termos de trigo. A área plantada este ano é a maior já registrada no Estado, com uma expansão de 47 por cento em relação ao ano passado, quando foi de 142 mil hectares.

### PEQUENA

O vice-presidente da Regional do MS da Cotrijuí entende que a pesquisa ainda tem muito a fazer para que o Estado amplie o seu potencial tritícola. Nedy Borges reconhece que a utilização de variedades adaptadas às condições de clima



Nedy Borges

e solo, mais resistentes às doenças, foi decisiva para a expansão da lavoura de trigo no Estado, que deverá, segundo o Ctrin, apresentar rendimento médio superior a 1.300 quilos por hectare este ano.

Por ocasião da visita de diretores do Ctrin e representantes dos sindicatos das indústrias moageiras de todo o País, Nedy Borges mostrou-se otimista com o futuro do trigo no Estado. A zona da mata, que compreende de 400 a 500 mil hectares, já mostrou ser apta ao plantio de trigo, cuja ocupação pode representar um significativo aumento na produção do cereal no Estado. Para o vice-presidente da Regional do Mato Grosso do Sul, o futuro agrícola do País está no Estado, não apenas em relação ao trigo, que já é hoje a principal opção para o inverno.

### PEQUENOS

O agrônomo Ermínio Guedes dos Santos, responsável técnico pela unidade de Dourados, mostrou um importante dado aos diretores do Ctrin e aos moageiros. Segundo ele, o trigo é hoje uma cultura explorada pela maioria dos pequenos proprietários do Mato Grosso do Sul. Assim, os pequenos proprietários têm, no inverno, uma opção econômica que vem se mostrando viável para o Estado, pelo me-

nos na região de Dourados e em algumas outras áreas. A garantia de uma renda extra nestes meses dá a esses produtores uma maior estabilidade econômica, e assegura uma melhoria na qualidade de vida.

Se de um lado o trigo apresenta estes aspectos positivos, de outro ele passa a preocupar os técnicos da cooperativa, especialmente em função do solo. O Rio Grande do Sul já mostrou na prática que a monocultura foi responsável por um alto índice de degradação do solo, razão pela qual os técnicos da cooperativa estão preocupados com a preservação das capacidades químicas, físicas e biológicas do solo.

Ermínio afirmou a diretores do Ctrin e moageiros de todo o País que existem condições para melhoria da produtividade. A solução dos problemas da triticultura brasileira, em especial do Mato Grosso do Sul, passa pela pesquisa, pela conservação do solo, pela diversificação de atividades e, principalmente pela redução de custos.

O clima é também um fator limitante da produtividade do trigo. O ano de 1985 é considerado excepcional pelos próprios produtores, pois nem mesmo o baixo volume de chuvas no Estado reduziu a produção. Houve, porém, anos em que a falta de chuva contribuiu decisivamente para a redução dos resultados, com médias abaixo inclusive da obtida a nível nacional.

### ESTRUTURA

A estrutura de funcionamento da Cotrijuí no Mato Grosso do Sul foi tema abordado pelo vice-presidente Nedy Borges. A cooperativa se estruturou, especialmente a partir de 1980, para atender as necessidades dos cerca de 3 mil associados da regional. A soja é o produto que ocupa o primeiro lugar entre os produtos recebidos. Após, vem o trigo, o que mostra o crescimento que esta cultura vem tendo



O Mato Grosso do Sul já é o terceiro maior produtor de trigo do país

no Estado, quando se sabe que Santa Catarina reduziu drasticamente a área, e que os produtores do Rio Grande do Sul só não abandonaram a cultura por não terem outra boa opção segura para o inverno.

As condições de clima da região de Dourados são, segundo Nedy Borges, bastante favoráveis à cultura de trigo, razão pela qual os produtores têm dedicado, a cada ano, áreas maiores. Esta expansão já preocupa os técnicos da cooperativa que, a partir do exemplo do sul, têm insistido na necessidade de diversificar as atividades nas propriedades, como forma de reduzir os riscos para os produtores quando da frustração de safras.

O vice-presidente da Regional do Mato Grosso do Sul destacou ainda a capacidade de armazenagem da cooperativa, que responde hoje por cerca de 30 por

cento da capacidade total de armazenagem do Estado. São, ao todo, 16 instalações com capacidade para mais de 480 mil toneladas de grãos. A Cotrijuí conta com cerca de 800 funcionários para o atendimento aos associados.

Os moageiros, por sua vez, ficaram impressionados com a estrutura montada pela Cotrijuí no Mato Grosso do Sul e, em especial, com a preocupação com a produtividade e a preservação do solo. Acreditam eles que esta preocupação, aliada às condições de clima e solo, tornará o Mato Grosso do Sul um grande produtor de trigo do país, contribuindo para reduzir cada vez mais as importações. Os representantes dos sindicatos das indústrias moageiras também demonstraram confiar nas propostas do Ctrin para o desenvolvimento da triticultura brasileira.

## Produtor modelo colhe 2.400 quilos/ha

Achiles Decian, gaúcho de Panambi, foi escolhido produtor modelo no município de Dourados, onde tem uma área de 1.300 hectares e arrenda outros 500. A diversificação (planta soja, milho, trigo e culturas de subsistência) e a preocupação com a conservação do solo foram fatores preponderantes na escolha, tanto como produtor modelo quanto para ter sua propriedade visitada pelos diretores do Ctrin e moageiros.

O trigo estava em fase de colheita, quando da visita, com rendimento médio de 2.400 quilos por hectare, e isso entusiasmou os visitantes. Decian também estava satisfeito e revelava que sua meta é obter, na próxima safra, produtividade ainda maior, algo em torno de 3 mil quilos por hectare.

Aos moageiros, ele contou que sua ida para o Mato Grosso do Sul ocorreu em função da soja, pois ainda mantém uma área de 360 hectares no Rio Grande do Sul. Com o tempo, passou a diversifi-



Achiles quer chegar aos 3 mil quilos

car as atividades em sua lavoura, mas sem encontrar uma opção para o período de inverno. Foi só nos últimos anos, com a introdução de variedades mexicanas, que o trigo despontou, e com rendimentos cada vez maiores.

### DIFERENÇAS

Decian diz que a lavoura de trigo é mais viável economicamente no Mato Grosso do Sul que em outros Estados. O

início, recorda, foi difícil, pela falta de estrutura de recebimento. Esta deficiência foi superada pela participação da Cotrijuí, da qual é associado desde que a Cooperativa atua no Estado.

Para o produtor, existe uma grande diferença entre as lavouras de trigo do Rio Grande do Sul e do MS. No Rio Grande, afirma, o clima não ajuda tanto, com a cultura ficando sujeita às geadas e outros problemas. No Mato Grosso do Sul, o único problema que enfrentou durante a safra, isto em 1984, foi a falta de chuva, que reduziu um pouco a produtividade.

Achiles Decian afirma que o trigo é uma cultura que ainda precisa de um maior estímulo oficial, que vá além do reajuste mensal do preço mínimo, que ajudou a aumentar a área de plantio no Estado. "Só com maior apoio do governo é que o Brasil vai produzir mais trigo e reduzir as importações", concluiu o produtor.

# Fensterseifer quer fim do subsídio



Diretor do Ctrin defende nova política

O diretor do Departamento de Comercialização do Trigo (Ctrin), do Banco do Brasil, é favorável à extinção gradual do subsídio ao consumo do trigo. Nilo Fensterseifer entende que o fim do subsídio dará ao governo, aos produtores e às indústrias uma visão real da triticultura, permitindo assim a definição das mudanças políticas que o setor hoje exige.

Dizendo que o fim do subsídio é "um assunto para as autoridades", Fensterseifer lembra as distorções causadas por essa política e suas influências negativas sobre o déficit público e, de outro lado, os hábitos alimentares da população. A preferência pelo pão de farinha de trigo, em detrimento, por exemplo do pão de milho, se consolidou a nível nacional depois que o governo concedeu subsídio ao consumo de farinha de trigo, o que inibiu o desenvolvimento de produtos alternativos.

O subsídio também fez com que o governo mantenha a compra oficial, pois esta é a única garantia que produtores e consumidores têm diante da atuação, nem sempre correta, dos intermediários. A eliminação do subsídio pode levar, segundo Fensterseifer, a livre comercialização do produto, que é um pedido dos produtores.

O diretor do Ctrin disse ser questionável o motivo pelo qual o governo optou pela concessão de subsídio ao consumo. Fensterseifer acredita que resultados melhores teriam sido alcançados se o incentivo fosse dado aos produtores, na forma de preços melhores, por exemplo. Isto teria contribuído para o aumento da produção e a conseqüente redução das importações.

## PRODUÇÃO

Fensterseifer acredita ser possível elevar a produção brasileira de trigo a nível próximo do consumo interno, a partir do aumento da área cultivada. No caso do Mato Grosso do Sul, disse ele, é possível mais que duplicar a área, passando dos atuais 209 mil hectares para 400 a 500 mil hectares, quando a produção chegará a 600 mil toneladas. Atualmente, o Mato

Grosso do Sul é o terceiro Estado maior produtor de trigo, ficando atrás apenas do Paraná e do Rio Grande do Sul.

O Ctrin se preocupa hoje, disse seu diretor, com o desenvolvimento da cultura de trigo em todos Estados, inclusive no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, tradicionais produtores que enfrentam problemas relacionados com o clima. A pesquisa do trigo no Brasil recém agora apresenta seus primeiros resultados, com o lançamento de variedades adaptadas aos

diferentes climas.

Fensterseifer lembra que o lançamento de novas variedades exige cerca de 10 anos de pesquisas e testes, atividade esta iniciada apenas em 1974, com a inauguração do Centro Nacional de Pesquisa do Trigo (CNPT-Embrapa), em Passo Fundo (RS). As novas variedades são promissoras, e o trigo pode voltar com força total nos Estados tradicionais produtores e continuar seu desenvolvimento nas demais regiões do País. Mas sempre em rota-


ção com outras culturas.

Este ano, o Brasil poderá colher sua maior safra de trigo, com 3 milhões e 160 mil toneladas, conforme estimativas da Companhia de Financiamento da Produção, feitas no final de agosto. Se esta previsão se confirmar, será a maior safra brasileira. A colheita recorde foi a de 1976, com 3 milhões de toneladas. A mesma CFP estima que a produtividade média poderá ficar em torno de 1.300 quilos, que também será recorde.

**FIQUE COM  
QUEM VOCÊ  
CONHECE.  
FIQUE COM**

**O** *O Barrisul é um banco gaúcho que investe todos seus recursos no Estado. Apoiando a indústria, o comércio e a agropecuária, o Barrisul dá a maior força para o desenvolvimento da nossa terra. Continue trabalhando com o Barrisul. Fique com quem você conhece.*

**barrisul**  
O Banco da Gente Farroupilha.

 GOVERNO JAIR SOARES

**BARRISUL.**



**COTRIEXPORT —  
CORRETORA DE  
SEGUROS LTDA.**

**A SERVIÇO DA COTRIJUF  
E DE SUAS SUBSIDIÁRIAS**

Senhores Associados e Funcionários,  
Estamos aptos a prestar-lhe os seguintes serviços: — Seguro de Veículos; — Seguros de Maquinários Agrícolas; — Seguros Residenciais; — Seguro de Vida em Grupo e Acidentes Pessoais; — Bilhete Obrigatório.

Maiores informações: Em Ijuí: Rua das Chécaras, 1513 — Fone: 332-3765 ou 332-2400, ramal 364.

Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342, 5º andar — Fone: 21.08.09.



Manifestação dos trabalhadores sem-terra levou mais de 500 pessoas à Praça da República, em Ijuí



Júlio César: o movimento vai avançar

# Mantendo a vigília

*Sem-terra ficam atentos e voltam a exigir plano de emergência*

A Reforma Agrária proposta pelo governo chegou ao seu momento decisivo. No dia 20 de setembro, deverá estar concluído o plano oficial, depois de estudadas as sugestões encaminhadas a Brasília e analisadas por uma comissão. É agora que se definirá de fato a implantação da Reforma, pois os trabalhadores sem-terra já deram demonstração de que não pretendem esperar muito tempo. Muitas manifestações, realizadas no Rio Grande do Sul e em outros Estados, serviram de amostra da organização dos agricultores, que exigem o cumprimento do prazo estabelecido pelo próprio governo.

As manifestações no Estado, depois do acampamento de agosto em Palmeira das Missões, se concentraram na Semana da Pátria. E muita gente que até então estava apenas acompanhando a mobilização dos sem-terra decidiu aderir, para cobrar definições do governo federal. Em Ijuí, por exemplo, mais de 500 pessoas participaram da concentração no dia 7 de setembro pela manhã, na Praça da República, com faixas e cartazes. O encontro teve o apoio de várias entidades, entre as quais a Universidade de Ijuí, que manifestou solidariedade aos sem-terra, através do reitor Adelar Baggio.

## UMA BANDEIRA

Carlos Karlinski, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí e coordenador da regional da Fetag, lembrou, na abertura da concentração, que "98 por cento da implantação da Reforma Agrária estão em nossas mãos". O

mesmo apelo à organização seria feito logo depois por Júlio Cesar Gabbi, coordenador regional do movimento em 11 municípios ao redor de Ijuí, "Com a Reforma Agrária — disse ele — nós poderemos tirar este país da miséria".

Júlio César tem 26 anos, é filho de Euclides Gabbi (conselheiro da Cotrijuf) e de dona Adelina. A família possui 40 hectares no Rincão dos Pinheiro, em Ijuí, tem 7 filhos, mas apenas dois continuam na lavoura. Os outros trabalham na cidade, como conta Júlio César, que participou de todos os encontros nacionais realizados nos últimos meses sobre a questão agrária. Para ele, o movimento tende a avançar, "pois levantamos uma bandeira que será levada até o fim".

## ACORDO

O pessoal que esteve na Praça da República já havia, no dia 6 de setembro, participando de uma manifestação estadual em Porto Alegre, quando a regional de Ijuí lotou 8 ônibus. Na capital, os sem-terra realizaram passeata e foram ao Inbra, onde conversaram com Gafet Abraão, representante do Instituto, que veio de Brasília para conversar com os agricultores. A reunião, na sede do órgão, foi bastante tensa, pois os 1.500 manifestantes exigiam o cumprimento do prazo dado quando do acampamento de Palmeira das Missões, para que se implantasse um plano de emergência no Estado até 20 de setembro.

Gafet Abraão e o Movimento Estadual entraram num acordo, para que uma

comissão vá a Brasília, no dia 20 de setembro, e discuta este plano com a direção do Inbra. Se esta viagem não der resultados, a próxima etapa da mobilização já está desenhada: haverá invasões de terras consideradas ociosas (veja o quadro com matéria à direita). No mesmo dia 6, as lideranças dos trabalhadores puderam conversar com o ministro Pedro Simon, da Agricultura, na sede do Inbra, quando este prometeu todo o apoio às posições defendidas pelos manifestantes.

## NOVO DELEGADO

O encontro foi considerado satisfatório por Darci Maschio, coordenador estadual do Movimento dos Sem-terra, que aceitou — depois de consultar os agricultores — a proposta de ida a Brasília. Mas isso não quer dizer que a organização não continue, com uma vigília permanente. Eles temem que a delegacia regional do Inbra assumira um comportamento muito moderado, com a indicação para o cargo, no início de setembro, de Egidio Schlabit, ex-prefeito de Camaquã. Egidio substituiu Erani Müller, que ficou menos de duas semanas na função e foi demitido pelo Inbra, por defender a ocupação das terras do Exército para assentamento no Estado.

Não só os agricultores, mas também outras entidades que apoiam o Movimento, pouco conhecem das atividades do ex-prefeito em questões relacionadas com a terra. Até o dia 6 de setembro, ele não havia assumido o cargo, e continuavam os protestos contra sua indicação. O Movi-

## As áreas ociosas

O Inbra sempre disse que não dispõe de um levantamento sobre terras ociosas no Rio Grande do Sul. Pois o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra conta com um mapeamento de áreas localizadas principalmente no Planalto Médio. São 12 áreas, num total de 36.963 hectares, assim relacionadas: 6.227 hectares, de propriedade de Alcione Ferreira Gonçalves, em Chapada; 2.948 hectares, de Célia Vargas de Souza, em Erval Seco; 2.881 hectares, de Félix Tubino Guerra, em Carazinho; 4.191 hectares, de Homero Guerra, também em Carazinho; 3.136 hectares, de Gilberto Coirolo da Silva, em Cruz Alta; 482 hectares, do mesmo Gilberto, em Santa Bárbara do Sul; 1.127 hectares, de Guilherme Bacaltchuk, em Ronda Alta; 412 hectares, do mesmo Guilherme, em Jacutinga; 1.076 hectares, de Armando Bortolin, em Passo Fundo; 1.871 hectares, de Alberto Angelo Tagliari, em Cruz Alta; 370 hectares, do mesmo Alberto, em Passo Fundo; e mais 12 mil hectares, da família Anoni, em Sarandi e Ronda Alta. A Reforma, segundo o Movimento, pode ser iniciada nestas terras.

mento preferia que o delegado fosse Claro Freitas, que vinha atuando como chefe adjunto regional da Fetag. Para os colonos, Egidio Schlabit pode querer "por um pano quente" nas reivindicações dos sem-terra, principalmente no que se refere a um plano de emergência.

Enquanto os trabalhadores rurais continuam mobilizados, os proprietários aguardam o programa oficial para implantação da Reforma. Os empregadores, através de suas entidades, encaminharam propostas a Brasília, defendendo especialmente a não-inclusão de terras produtivas no plano final. A garantia, de que as áreas bem aproveitadas não serão atingidas, foi repetida, mais uma vez, pelo próprio presidente José Sarney, quando de sua visita ao Estado, no dia 5 de setembro. Sarney defendeu a Reforma, mas garantiu que as terras que produzem ficam fora do programa.

## Chá, bolo e Constituinte

O debate em torno da Constituinte vai aos poucos chegando também ao interior, e envolvendo moradores da zona rural. Na Região Pioneira da Cotrijuf, as indagações dos associados têm sido respondidas numa série de reuniões, desde a segunda metade de agosto. Os produtores e suas famílias discutem a Constituinte em seus próprios núcleos, em encontros coordenados pelo Departamento de Comunicação e Educação, e realizados a pedido dos associados. Também os funcionários da Cooperativa vêm participando de seminários internos, para discussão do mesmo tema, na Regional Pioneira.

No dia 5 de setembro, uma dessas reuniões atraiu 56 pessoas ao salão da comunidade da Linha 8 Oeste, em Ijuí. Moradores da localidade e da vizinhança, além de um grupo de estudantes de Coronel Barros, ouviram primeiro uma pales-



Muitos estudantes foram à Linha 8 Oeste

tra do assessor da direção, Valmir Beck da Rosa. Depois, fizeram perguntas e trocaram idéias a respeito também da Reforma Agrária. Após duas horas e meia de debates, o pessoal tomou chá e comeu bolos e doces preparados por esposas e filhas de

Frederico teme os pedintes de voto



associados da Linha 8.

É assim, com chá, bolo e o debate político, que os moradores do meio rural vão se entrosando sobre um assunto que interessa a todos. Esteve presente à reunião o seu Frederico Adolfo Kindler, de 68 anos e proprietário de 20 hectares na localidade. Ele votou quando da formação da última Assembleia Constituinte, em 1946, mas não se lembra quem foi seu candidato. "Para presidente da República — diz ele —, me lembro que votei no Dutra (Eurico Gaspar Dutra)".

Seu Frederico leva fé na Constituinte e na Nova República. "Eu não sei — disse ele na reunião — como é que este povo pode ser tão calmo". O agricultor referia-se ao custo de vida, que está insuportável. Ele só tem medo dos aproveitadores, que irão aparecer pedindo votos, pois acredita ser difícil confiar nos políticos. E dá um exemplo: "Vejam só o que aconteceu com o antigo ministro da Justiça, que deveria dar o exemplo de justiça". O ex-ministro Ibrahim Abi-Ackel, como se sabe, é acusado de envolvimento no contrabando de pedras preciosas do Brasil para os Estados Unidos e outros países.

# Pressão muda o atendimento

Com faixas e cartazes, os trabalhadores rurais invadem a sede do Inamps



"Foi a primeira vitória nesta área, com a participação direta do trabalhador rural. Mas a luta vai continuar, para que se consiga a equiparação também de benefícios da Previdência". A afirmação foi feita no dia 10 de setembro, pelo presidente da Fetag (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul), Ezídio Pinheiro. Ele ainda comemorava a conquista dos pequenos produtores gaúchos que, mobilizados pela Fetag e sindicatos de trabalhadores rurais, terão finalmente a equiparação da assistência médico-hospitalar ao atendimento prestado aos segurados urbanos.

O movimento dos agricultores durou 21 dias, com passeatas, concentrações e até uma invasão da sede do Inamps em Porto Alegre. Do dia 19 de agosto até 8 de setembro, delegações do interior, representando as regiões da Fetag, se revezaram na capital. Os manifestantes conquistaram a simpatia da população e, depois de muitas negociações, conseguiram o que queriam. A partir do dia 1º de outubro, o atendimento médico-hospitalar, quando de internações, será prestado sem limites, por todos os hospitais gaúchos.

A mobilização aconteceu num momento em que a assistência nos hospitais havia chegado a um ponto crítico, com muitas casas de saúde suspendendo convênios ou cobrando diferenças. O principal argumento para isso era a insuficiência de verbas,

um problema crônico que se arrastava há vários anos. Com a vigília permanente em Porto Alegre, os trabalhadores rurais conseguiram exercer forte pressão sobre o governo, que no dia 6 de setembro ouviram o presidente José Sarney anunciar, em sua visita ao Estado, que a equiparação seria concedida.

No dia 9, os agricultores abandonaram Porto Alegre, mas prometeram que voltarão, se não forem atendidos. Para as autoridades da área da Previdência, segundo Ezídio Pinheiro, ficou a prova de que "o agricultor está organizado, e continua com um pé na frente e outro atrás". A conquista, afinal, somente foi alcançada depois de muita luta, e de propostas rejeitadas pelas lideranças, quando as negociações.

O ministro da Previdência, Waldir Pires, chegou a propor que as internações voltariam a ser feitas pelo sistema de AIH (Autorização de Internação Hospitalar), como no Plano Paraná, que vigorou no ano passado (veja matéria abaixo). Só que os agricultores teriam direito a apenas 10 por cento do total das internações por ano, considerando-se neste caso o total, com as baixas de segurados urbanos. A sugestão foi rejeitada, pois não atenderia às necessidades dos trabalhadores rurais, e poderia terminar prejudicando os segurados da cidade.

Essa proposta foi feita no dia 3 de setembro, e logo depois Waldir Pires determinou estudos

para a equiparação. No dia 7 de setembro, a Fetag foi informada oficialmente, após o anúncio feito pelo presidente Sarney, de que a reivindicação seria atendida. De acordo com a equiparação, os hospitais passam a receber por serviços prestados, sendo então extinto o sistema de destinação de uma verba fixa.

Ezídio Pinheiro ressalta que a vitória dos agricultores é significativa, mas faz questão de lembrar que ainda há muito o que reivindicar. A equiparação abrange apenas as internações, prevendo que nenhum hospital poderá rejeitar baixas ou cobrar diferenças. Mas o atendimento ambulatorial continua com deficiências, pois é prestado na maioria das vezes pelos sindicatos. Também não foi atingida pela medida a área de benefícios (aposentadoria, auxílio-doença, acidente de trabalho, pensões e outros).

"O importante — afirma o presidente da Fetag — é que o agricultor volta a ter confiança em si mesmo, acreditando na sua organização como forma de pressionar as autoridades". Por enquanto, o atendimento sem limite irá beneficiar apenas os segurados rurais do Rio Grande do Sul. Pinheiro lembra que o ministro Waldir Pires tomou essa decisão, de estender a equiparação apenas aos gaúchos, porque aqui o movimento estava organizado. Assim, ele espera que a experiência dê certo aqui e depois seja estendida a outros Estados.

Agricultores vão a Porto Alegre, acampam e conseguem equiparação do atendimento médico-hospitalar



Ezídio Pinheiro

VOCÊ SABE O QUE TEM A MAIS DENTRO DE UM SACO DE ADUBOS IPIRANGA?

Dentro de saco de adubo tem adubo. É apenas uma obrigação do fabricante.

Mas dentro de um saco de Adubos Ipiranga, além da obrigação, tem responsabilidades que o fabricante assume com os agricultores.

Tem alta tecnologia desenvolvida pelos engenheiros da empresa, permitindo reunir num mesmo produto os elementos indispensáveis a qualquer tipo de solo e de cultura.

Tem a longa experiência do Centro Agrônomo de Pesquisas de Adubos Ipiranga, que realiza profundos estudos sobre os mais diversos tipos de solos, proporcionando adubações corretas, levando em conta as condições locais de temperatura, umidade, insolação; histórico de utilização do solo - adubações e calagens feitas anteriormente.

Tem um eficiente sistema de assistência técnica prestada por eficientes agrônomos, que não se limitam a estudar problemas de fertilidade do solo ou sua correção, mas que se preocupam também em proporcionar informações adicionais aos agricultores.

E tem, ainda, a infra-estrutura do complexo de fertilizantes da Ipiranga, que assegura a continuidade do aprimoramento e do fornecimento de adubos de primeira grandeza.



**ADUBOS IPIRANGA**

Fórmula Brasil, garantindo produtividade.

## Um temor: e vai dar certo?

Durante o mês de setembro é que a Fetag irá tratar, com o Ministério da Previdência, dos detalhes do novo sistema de internações. É provável que o credenciamento dos agricultores seja feito pelos sindicatos, e que volte a vigorar a carteirinha de segurado rural igual à usada pelos beneficiários da cidade. No ano passado, quando o trabalhador rural foi, por pouco tempo, beneficiado pelo chamado Plano Paraná, muita gente chegou a usar a carteirinha, depois engavetada.

O Plano para os rurais foi

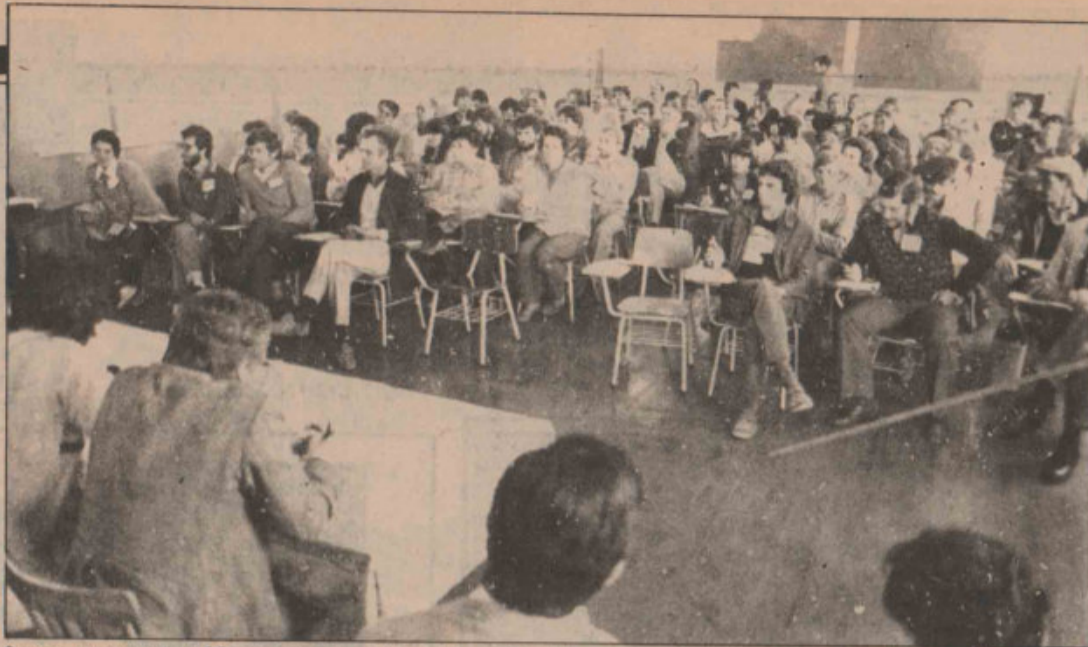
implantado no dia 21 de junho, e cancelado no final de outubro. Nesse período, segurados que há tempos vinham adiando operações, porque os hospitais se negavam a atendê-los, conseguiram finalmente realizar as cirurgias. Essas operações não eram consideradas de urgência, e entre elas se incluíam as de catarata, uma doença que atinge boa parte da população idosa tanto da zona rural como urbana.

Pois o governo não suportou os gastos com o Plano Paraná, e a experiência durou pouco,

como muitos haviam previsto. Agora, com as internações sem limite, não são poucos os que devem voltar a perguntar se a mudança dará mesmo certo. Para Ezídio Pinheiro, essa dúvida de fato existe, mas é preciso apostar no sucesso da inovação.

"Vamos continuar mobilizados — diz ele —, e precisamos fazer com que isso dê certo". O número de internações — segundo Pinheiro — deve ser bem controlado, para que o governo não venha depois alegar que houve abuso por parte dos agricultores.

**Produtores se reúnem em Santo Ângelo e concluem: cooperativas devem ser também um instrumento político**



Apenas quatro das 12 cooperativas da região estiveram representadas no encontro em Santo Ângelo

# Hora de dar o troco

As cooperativas foram, durante muito tempo, repassadoras de tecnologia, de crédito, de informações e de políticas oficiais que pouco tinham a ver com a realidade das regiões onde atuam. Agora, chegou a hora de dar o troco: elas devem assumir a tarefa de serem também entidades críticas, sem deixar de lado a eficiência como instrumento econômico. Este foi um ponto forte dos debates que, durante dois dias, 14 e 15 de agosto, envolveram produtores de cooperativas da 6ª região da Fecotrijo, em Santo Ângelo.

O 2º Encontro de Produtores Rurais contou com a participação de cerca de 100 pessoas, reunindo associados, mulheres e jovens ligados às cooperativas que integram a região 6, no Planalto Médio, Missões e Alto Uruguai. Durante os dois dias, instalados no Seminário da Sagrada Família, eles fizeram avançar mais um pouco uma idéia que cresce no meio rural. De acordo com os produtores, chegou o momento das cooperativas assumirem sua função política, não só aceitando regras ditadas pelas autoridades ou por interesses que não são os dos seus associados, mas questionando e propondo saídas.

## INTEGRAÇÃO

Com trabalhos em grupos e a troca de pontos de vista em plenário, os agricultores deixaram claro que as cooperativas não podem ignorar assuntos como a Reforma Agrária e a Assembléia Nacional Constituinte. Dentro dessa mesma visão,

as entidades precisam estar cada vez mais afinadas com as lutas conduzidas pelos sindicatos de trabalhadores rurais. Mais do que isto: devem também buscar a integração de agricultores e trabalhadores da cidade.

Todas essas posições fazem parte das propostas finais do encontro, que reuniu principalmente lideranças de núcleos. No primeiro dia, em trabalhos de grupos, eles identificaram os principais problemas que a família do meio rural enfrenta. São questões bastante conhecidas, como a Previdência e o atendimento médico deficientes, os altos custos dos financiamentos, os baixos preços mínimos, a falta de perspectivas para os filhos pela impossibilidade de comprar terras.

Mas o ponto alto das discussões, tanto no primeiro como no segundo dia, foi o cooperativismo. A grande maioria defendeu um novo comportamento para as cooperativas, que devem agora ajudar na mudança do modelo agrícola. Para os produtores, há muita expectativa em torno de transformações econômicas, e o cooperativismo precisa estar atento a isto. Ganha importância no momento — segundo eles — a diversificação, que terá de se tornar viável, para sobrevivência de quem até hoje lidou com a monocultura da soja, no verão, e do trigo, no inverno.

## DIVERSIFICAÇÃO

Ao mesmo tempo em que devem ser eficientes como instrumento econô-

mico, marcando presença no mercado, as cooperativas também terão que se fortalecer como entidade política. Como exemplo disso foi citada, por muitos agricultores, a posição da Cotrijuf, que assumiu, com seu Centro de Treinamento — CTC, a tarefa de ser também geradora de tecnologia e experimentadora de novas alternativas. Para eles, experiências assim não podem ser vistas como coisas apenas técnicas, mas também como características de uma postura política.

Afinal — ressaltaram os defensores da idéia — com propostas concretas é que se poderá mudar a situação geral da agricultura. Os produtores defenderam ainda uma maior autonomia para o Ministério da Agricultura, uma revisão da forma de pagamento da dívida externa brasileira, a implantação da Reforma Agrária a partir de 20 de setembro, e a ampliação do debate sobre a Constituinte.

Quem foi a Santo Ângelo retornou à sua cidade convencido de que a reorganização do agricultor, e de toda a sociedade, está apenas iniciando. Mas muita gente voltou frustrada, porque nem todos se decidem a isso. O motivo foi este: a ausência de um bom número de cooperativas. A 6ª Região da Fecotrijo integra 12 entidades, e apenas 4 estavam representadas. A Cotrijuf esteve presente, e foi um associado de Jôia, Ataídes Conceição, quem deixou esta pergunta no ar: "Será que as outras cooperativas e seus associados não têm problemas?"

## AS REFORMAS

# "Decidir junto com o povo"

Nos debates sobre a Constituinte e a Reforma Agrária, em Santo Ângelo, um agricultor esteve sempre presente: Gelocy Soares da Silva, dono de 20 hectares na localidade de Lajeado Crissiumal, em Crissiumal. Ele



Gelocy: cooperativas devem ser aliadas dos sindicatos

tem certeza de que "depois da Reforma Agrária, o assunto mais polêmico e mais importante para o agricultor é a Constituinte". Para seu Gelocy, chegou o momento de fazer com que, através do debate em torno da nova Constituição, "fique bem claro quem esteve mesmo ao lado do produtor". Ele garante: "Nós vamos virar as costas para os que nada fizeram até agora, e vieram se oferecer para falar de novo em nosso nome".

O agricultor se refere nesse caso aos

políticos carreiristas, o que não significa que todos os deputados e senadores sejam por ele considerados apenas pedintes de votos. "Mas — afirma — é agora que ficaremos sabendo quem esteve realmente com o produtor". Seu Gelocy entende que a Constituinte deveria ser convocada especialmente para fazer a Constituição, sem se misturar com os candidatos para a Câmara Federal e o Senado, e explica: "Assim ficaria mais fácil de se eleger representantes do pequeno agricultor, através de candidaturas avulsas".

## ESPERANÇA

Ele também está preocupado com a Reforma Agrária, pois teme um retrocesso. "A Reforma — diz o produtor — terá que ser muito bem feita, com todo o apoio aos assentados. Se isso não acontecer, haverá fracasso e o latifundiário vai ter dor de barriga rindo do pequeno". Para seu Gelocy, se a Reforma for de fato implantada, "os grandes proprietários irão fazer de tudo para que ela não dê certo".

Essa, segundo ele, é a hora também das cooperativas se aliarem aos sindicatos para que as lutas dos agricultores sejam levadas adiante. "As cooperativas — observa — andaram muito desacreditadas. Hoje, as direções devem ir ao encontro da base, porque é a base que dá sustentação". Para seu Gelocy, "em muitas cooperativas ainda falta uma cúpula que decida junto com o povo". De qualquer forma, ele acha que, no geral, o entusiasmo é que prevalece, e afirma: "O produtor está otimista, e eu até tenho medo de tanta esperança".

## A MULHER

# "O machismo ainda é caso sério"

Dona Célia Marsru, que mora na localidade de São Miguel, em Augusto Pestana, andou conversando com outras mulheres que participaram do encontro em Santo Ângelo, nos intervalos dos



Célia: "Queremos crescer" debates e trabalhos em grupo. E nessas conversas constatou, sem surpresa, que "o problema do machismo ainda é um caso sério". Só que para ela essa história de que o homem é quem manda já foi superada. Tanto que dona Célia garante: "Quando tenho que participar de reuniões, para discutir assuntos da mulher, saio e volto pra casa sem ter que dar satisfação pra ninguém".

Ela não quer dizer com isso que sua participação nesses encontros, coordenados pelo Departamento de Comunicação e Educação da Cotrijuf, seja tratada com indiferença pelo marido, Francisco, e pelos três filhos (uma moça e dois rapazes). "Eu tenho o apoio de todos eles, e por isso não preciso ficar dando explicações em casa, onde todas as tarefas, tanto as domésticas como as da lavoura, são divididas", afirma dona Célia. Mas ela reconhece que não são muitas as mulheres do meio rural nessa situação.

Na maioria dos casos, o primeiro obstáculo à organização das mulheres está na falta de incentivo dentro de casa. "Mas nós não queremos tirar o lugar de ninguém — lembra ela —, e sim crescer ao lado do homem. A mulher quer discutir e entender a situação da agricultura com o marido, e buscar soluções junto com ele. Eu não concordo com os que afirmam que nossa organização pode prejudicar a discussão de assuntos de interesse geral do produtor".

## NÃO SEPARAR

Para dona Célia, com o crescimento da mulher é que a luta será fortalecida, pois ela está brigando, antes de mais nada, pelo seu reconhecimento como trabalhadora. "Nós temos a luta pelos nossos direitos, principalmente na área da Previdência, e ela pode avançar com os movimentos dos agricultores por melhores condições", afirma, lembrando que não há como separar as reivindicações da mulher rural dos movimentos dos agricultores. Afinal, "a mulher trabalha tanto ou mais que o marido, mas não é reconhecida oficialmente como trabalhadora".

## PARA O MELHOR CHIMARRÃO

A Erva Mate Genuína é a seiva verde dos melhores ervais da região. Genuína é feita com folhas selecionadas, e tem a tradição de quem gosta e conhece.



ERVA MATE GENUÍNA  
Irmãos Foletto  
Vila Doutor Bozano — Fone 09 — Ijuí.

# Dominação pela técnica

"A agricultura é uma forma de vida, e não uma simples forma de acumulação de capital". A frase é do agrônomo Renato Borges de Medeiros, diretor técnico da Cotrijuf, e um dos palestrantes do encontro em Santo Ângelo. Renato falou principalmente da consciência que está se formando, tanto nas cidades como nos campos, nesses últimos anos. Para ele, pode assim surgir no meio rural um novo homem, que seja curioso e se pergunte sobre a realidade em que vive.

Renato lembrou que, apesar da agricultura ser forma de vida, não foi assim que andou sendo vista nas últimas décadas, ou desde logo depois da Segunda Guerra. O Brasil, por exemplo, como outros países subdesenvolvidos, receberam uma enxurrada de tecnologia de fora, em especial dos Estados Unidos. Passaram a proliferar os ensinamentos vindos "de cima", orientados por doutores que olhavam o agricultor com superioridade.

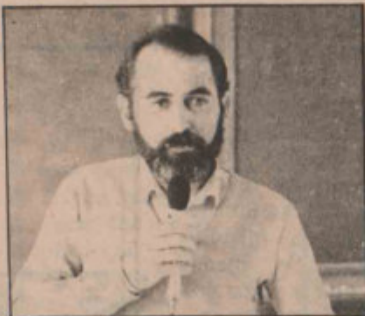
Essa tecnologia, que é parte de toda a dominação, foi transmitida no Brasil por órgãos como a Embrapa, que hoje começam a mudar de opinião. "Quem domina a informação tem o poder político e econômico", disse Renato, ao se referir à força dos grandes grupos que se infiltraram na Agricultura. Hoje — segundo ele — tenta-se resgatar os conhecimentos do próprio agricultor, para que sua atividade esteja adequada à realidade, sem que isso signifique um recuo no tempo.

A técnica importada fun-

cionou, nesse tempo todo, como se fosse "um pé na memória do agricultor", afirmou o diretor técnico. Hoje, o homem rural precisa "ser agente da história, e para isso deve exercitar sua memória". Pelo menos — observou Renato — "estamos voltando a dizer o que pensamos. Ficamos por muitos anos diante da hipocrisia de não podermos ter partido, de nos considerarmos neutros, como se isso fosse possível. Hoje, devemos construir a sociedade que queremos".

O professor Argemiro Jacob Brum, da Fidene-Unijuf, também foi palestrante do encontro. Ele abordou a crise da economia brasileira, lembrando o modelo que se implantou no país a partir de 1964. O governo, logo após o golpe militar, sonhou em transformar o país numa potência mundial. Depois do sonho do milagre brasileiro, da década de 70, o que se vê é um país enterrado numa dívida externa de mais de 100 bilhões de dólares, com 13 milhões de desempregados e a economia em recessão por ordem do Fundo Monetário Internacional. Neste contexto, as perspectivas para a agricultura não são nada boas, segundo o professor, pois não há um mercado interno forte.

A Nova República surge com compromissos bem definidos, e ênfase para a área social. Quer retomar o crescimento econômico, criar um milhão e meio de novos empregos por ano, melhorar a distribuição da renda. Mas não vai ser fácil — como lembrou Argemiro. Nos últimos quatro anos, a renda per capita



Renato: é preciso ser agente

da população brasileira, em vez de crescer, caiu 12 por cento. Para ele, é nessa hora que agricultores e moradores da cidade devem ser aliados, para que construam junto o que virá a ser a Nova República.

Os produtores reunidos no Seminário ouviram também o presidente da Fetag, Ezídio Pinheiro, que igualmente abordou a questão da redução do poder aquisitivo do povo. Este é um obstáculo para a agricultura — lembrou Pinheiro —, pois para quem, afinal, irá se vender a produção? "Não há excesso de alimentos, como muitos dizem existir, mas sim um número enorme de pessoas que passam fome por não ter como comprar o que se produz".

O presidente da Fetag deu como prova disso o exemplo do caso do leite. Houve redução na produção, mas não faltou produto, porque o povo compra menos. Pinheiro fez um apelo, para que exista maior integração entre cooperativas e sindicatos, lembrando que mais de 80 por cento dos associados são ligados aos STR (Sindicatos de Trabalhadores Rurais).

## O JOVEM

# "Quero ficar na lavoura"

Nelcindo José Henicka, de 20 anos, é um dos mais novos associados de cooperativas do Estado. Ele fez seu cadastro no dia 12 de agosto, na Cotrimaio, em Três Passos, depois de lidar por muito tempo com as contas do pai, seu Telmo Henicka. Nelcindo, que participou do encontro em Santo Ângelo, é um novo associado, mas um "velho" cooperativista, pois desde os 13 anos, quando seu Telmo adoeceu da coluna e ficou semi-paralítico, ele é quem cuida dos negócios da família. Apesar de ser menor de idade, o rapaz passou a assinar papéis, movimentar a conta corrente, retirar insumos, tudo na base da confiança que conquistou do pessoal da Cotrimaio.

Se não tivesse contado com esse incentivo, a situação dos Henicka teria ficado bem pior, desde que seu Telmo adoeceu. Ele planta em 6 hectares, na localidade de Alto da União, em Três Passos, onde mora com a mulher, o filho Nelcindo e duas filhas gêmeas, Nelci Teresinha e Nelcinda Maria, de 15 anos. Nelcindo lembra que a família teve de vender uma trilha-deira para pagar os gastos com o tratamento. Mas o pior é que muita gente da vizinhança logo se animou a visitar a família, pensando em comprar o pedaço



Nelcindo: substituindo o pai de terra e até uma junta de bois. CATEQUISTA

Mas os maus vizinhos tiveram logo que desistir. Nelcindo, com a ajuda da mãe e das irmãs, passou a cuidar da lavoura, onde plantam de tudo um pouco e criam suínos, vacas de leite, galinhas. O rapaz deixou então de estudar, largando a 5ª série, mas continuou participando das reuniões de catequese da Igreja. Foi ali, segundo ele, que pôde "tomar consciência das coisas", nas conversas com os padres de Três Passos. Nelcindo assumiu a função de catequista, e chegou a andar no Mato Grosso como enviado dos religiosos a Barra do Garças, numa área de colonização.

"Foi lá — conta ele — que eu descobri que a colonização

não é um jeito justo de se solucionar o problema do sem-terra. A maioria é obrigada a voltar, por falta de apoio". Nelcindo sabe, na ponta da língua, vários dados sobre a concentração da terra no Brasil, a produção de alimentos, a dívida externa. E entende que o cooperativismo pode ser agora, num momento de mudanças, muito mais importante do que anos atrás. Pensando assim, ele decidiu ser também associado da Cotrimaio, depois de receber 2 hectares e meio do pai. Antes, associou-se ao Sindicato de Trabalhadores Rurais, e providenciou o seu próprio bloco Modelo 15.

"Eu quero ficar na lavoura, que é onde eu sei trabalhar e conto com o apoio das cooperativas nesta luta dos sem-terra", afirma o rapaz. Ele diz mais: "Aquilo que se faz com amor sempre dá resultado. Se o jovem não for incentivado, ele será uma semente chocha". Nelcindo pretende formar núcleos de jovens em Três Passos, esperando que a organização leve o pessoal a se conscientizar da situação que o filho do agricultor enfrenta. Para ele, é preciso que "o jovem se dê conta que a saída está ali mesmo, onde ele mora. Eu penso assim, pois o que a cidade está nos oferecendo de bom?".

## O MODELO

# O crédito serviu para especulação

"Eu acredito que o ministro Pedro Simon é bem intencionado e pode fazer muito pela agricultura. Mas eu aposto mesmo é no Ruben, um profundo conhecedor dos problemas do produtor". Quem diz isso é Delmo Beppler, proprietário de 70 hectares em Roque Gonzales e um dos mais ativos participantes dos debates em Santo Ângelo. Ele acha que o novo modelo agrícola começa a ser definido, mas ainda tem muitas dúvidas, especialmente a respeito da possibilidade de êxito do estímulo que está sendo dado ao plantio do milho.

Delmo defende a regionalização da produção no Brasil, com áreas bem definidas para cada cultura. Isso não quer dizer que determinada região não possa plantar de tudo um pouco, mas a prioridade seria dada sempre a uma lavoura. "Isso é o que acontece nos países de agricultura mais desenvolvida", afirma o agricultor, lembrando que deveriam, nesse caso, ser consideradas as condições do solo, o clima e outros fatores.

O aumento da produção do milho é, segundo Delmo, um desafio e, ao mesmo tempo, um risco. A produção pode crescer, mas o problema é saber se o mercado consumidor irá absorver a safra, lembra ele, deixando uma indagação: "E será que os

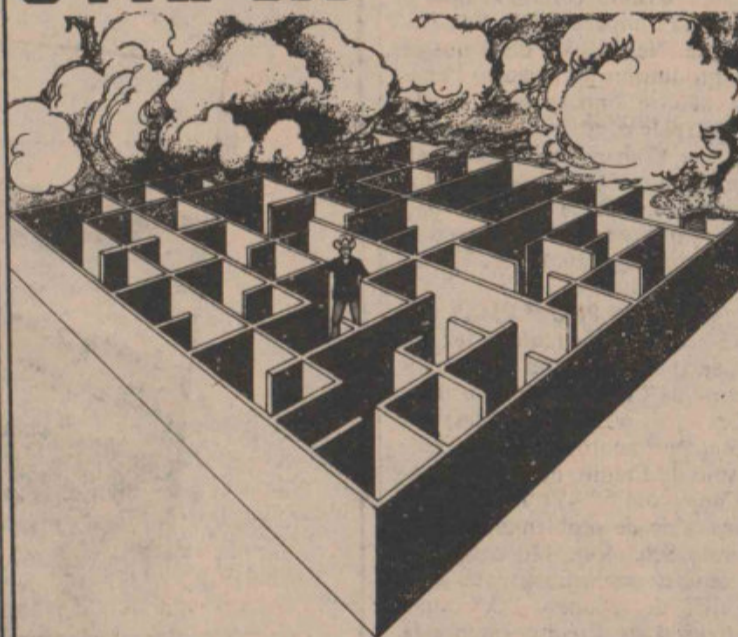


Delmo: problema é o mercado

preços não irão cair muito, com o aumento da oferta?" Delmo plantou 50 hectares de soja e apenas 5 hectares de milho, na última safra. Até o dia 15 de agosto ele ainda estava meio indeciso, pois não sabia que áreas destinar para essas duas culturas.

Delmo não espera, para daqui a pouco, a volta do crédito subsidiado, e confia numa boa colheita de trigo, da lavoura de 40 hectares, para que possa pegar o mínimo de financiamento para soja e milho. "O dinheiro do crédito subsidiado serviu para muita especulação. E o subsídio ao consumidor, como acontece com o trigo, também se presta para desvios, pois teve gente que utilizou trigo para tratar porcos". Mas o que interessa mesmo hoje — diz ele — "é que estamos esperando mudanças, e elas poderão acontecer, pois o povo em geral acredita nisso".

# NÃO SE PERCA COM O PAPUÃ



# ENCONTRE A SAÍDA CERTA COM DUAL

CIBA-GEIGY

088/06/85

# Uma questão de organização

Dar mostras do que está se fazendo em termos de cooperativismo de Crédito Rural no Estado e ao mesmo tempo despertar os produtores da região para a importância do sistema de crédito, foi a intenção do gerente da Cooperativa de Crédito Rural Pestanense Ltda, o Milton Schmidt, ao organizar um encontro entre produtores e diretores da Cocecrer. A reunião aconteceu na sede dos funcionários da Cotrijuí, em Augusto Pestana e contou com a presença de cerca de 120 produtores da região. Estiveram conversando com os produtores Ademar Schardong, diretor Superintendente da Cocecrer - Cooperativa Gaúcha de Crédito Rural - e Nei Mânica, que além de diretor da Cooperativa de Crédito Rural de Não-Me-Toque, é também um dos diretores eleitos da Cocecrer.

Nei Mânica falou sobre o funcionamento da Cooperativa de Crédito de Não-Me-Toque e da organização do seu quadro social. Fundada há três anos, a Cooperativa de Crédito Rural de Não-Me-Toque tem sua área de ação estendida também aos municípios de Colorado e Víctor Graeff. Dos 1.800 produtores atualmente associados em cooperativas de produção dos três municípios, 1.525 são também associados da Cooperativa de Crédito. "Isso vem demonstrar, disse Nei Mânica, a importância que o produtor daquela região vem dando à sua Cooperativa de Crédito".

A Cooperativa de Crédito de Não-Me-Toque apresenta, hoje, um saldo médio de Cr\$ 1 bilhão e 100 milhões e uma receita de Cr\$ 600 milhões. A Cooperativa começou, segundo Mânica, modestamente, apenas captando depósitos dos produtores, "mas hoje, graças ao trabalho e organização do quadro social, estamos muito bem". Usando como exemplo o caso da Cooperativa de Não-Me-Toque, Nei Mânica disse que se os produtores de Augusto Pestana não se organizarem, e não participarem mais efetivamente de sua Cooperativa, a Credipel, eles nunca obterão os resultados desejados. "Se a Credipel não tem o que oferecer é porque está faltando organização dos senhores, os produtores".

#### MUITOS PROBLEMAS

Ademar Schardong fez um balanço histórico do Cooperativismo de Crédito no país e as razões que o levaram quase ao desaparecimento. O Cooperativismo de Crédito no Estado conta hoje com 57.471 associados e uma série de problemas, que segundo Schardong vão desde deficiências operacionais até deficiência de recursos. "O Cooperativismo de Crédito ainda está muito longe de se tornar um banco. Falta apoio do governo para abrir poupança e novos postos de atendimento".

A própria descapitalização do produtor rural e a difícil situação econômica-financeira de inúmeras cooperativas agropecuárias têm reflexos diretos no Cooperativismo de Crédito. Além desses fatores, somam ainda, segundo Schardong, o com-

prometimento dos associados com os bancos que lhes concedem crédito rural; a frágil conscientização de inúmeros dirigentes sobre a importância da integração; o interesse imediatista dos produtores; o não reconhecimento da validade do cooperativismo de Crédito pelas autoridades monetárias e o generalizado desconhecimento da doutrina cooperativista e de seus princípios básicos.

#### O PROBLEMA NAS MÃOS DO PRODUTOR

Mas a preocupação maior de Schardong estava muito mais voltada para a situação da Cooperativa de Crédito Rural Pestanense. E foi com uma pergunta muito simples que tentou questionar e despertar os produtores rurais da região a respeito da situação na Credipel. Por que a Cooperativa de Crédito de Augusto Pestana inexistente perante o contexto econômico e social do município? "A Cooperativa só vai crescer e dar benefícios se os senhores quiserem. Toda a Cooperativa tem que ser assumida pelos próprios produtores, para

apresentar algum resultado". Melhor exemplificando, Schardong comparou a Cooperativa e seus associados a uma lavoura de mandioca. "Se apenas soltar a rama por cima da terra, ela não germina. Mas se colocarmos terra e adubo em cima, logo a lavoura estará muito bonita e produzindo. Assim é o Cooperativismo de Crédito. É preciso que os senhores participem, assumam e fiscalizem".

Mais adiante ele disse que não estavam ali para resolver o problema da Credipel. "Se ela não está desenvolvendo e está parada, os senhores é que terão de resolver o problema. Nós apenas podemos apresentar alternativas, sugestões e orientações.

Mas é preciso que haja interesse em que ela funcione". Disse ainda que não conhece nenhum país do mundo que resolveu seu problema de crédito sem ter sido através da administração dos recursos gerados pela lavoura e pelo próprio produtor. "E assim se-



Cerca de 120 produtores participaram da reunião



Ademar Schardong



Nei Mânica

rá a Cooperativa de Crédito de Augusto Pestana. Os produtores é que terão de se organizar e tocá-la para a frente".

## Quem planta, colhe. Já está em Ijuí, Colônia Santo Antônio, a Telefonia Rural Social.

Um programa do Governo do Estado.



A Telefonia Rural Social chegou. Aqui e em todas as cidades do nosso Rio Grande, este programa do Governo do Estado, executado pela CRT, já é uma realidade.

Muito breve, os dois principais distritos de cada município gaúcho estarão servidos pela Telefonia Rural Social.

É a hora de colher os resultados de um trabalho há tanto tempo esperado por todo o Rio Grande do Sul.

Uma boa forma de comemorarmos o Sesquicentenário da Revolução Farroupilha.

**CRT** COMPANHIA RIOGRANDENSE DE TELECOMUNICAÇÕES  
Vinculada à Secretaria de Energia, Minas e Comunicações.

O RIO GRANDE SOMOS NOS. FAÇA A SUA PARTE. GOVERNO JAIR SOARES





# A surpresa do extra-cota

A aplicação do leite excessivo a partir do mês de setembro vem surpreendendo não apenas os produtores de leite da Cotrijuí, mas também os demais produtores associados a outras cooperativas filiadas a CCGL - Cooperativa Central Gaúcha de Leite. O que vem causando estranheza entre os produtores não é o leite excessivo em si, mas a decisão da CCGL de aplicar a medida depois de dois anos sem considerá-la. O leite excessivo é uma medida adotada pelo governo através de uma portaria da Sunab e que estabelece a formação de cotas durante os meses de inverno.

O diretor presidente da Central de Leite, Frederico Dürr não acredita que a medida adotada venha prejudicar em demasia os produtores de leite e justifica a aplicação do leite excessivo dizendo que foi a única saída encontrada pelas indústrias para fazer frente à concorrência. Segundo ele, nesse tempo em que as indústrias gaúchas dispensaram a aplicação do leite excessivo e o produtor não se viu obrigado a formar cotas nos meses de inverno, muitas indústrias de fora, principalmente de Minas Gerais - onde elas sempre trabalharam em cima do leite excessivo -, entraram no mercado em condições de concorrer com melhores preços já que seus custos eram menores. "Não estamos voltando atrás. Apenas nos dois últimos anos tivemos condições de dispensar a aplicação do leite excessivo com a única intenção de favorecer o produtor de leite".

Mas segundo Frederico Dürr, esses dois anos também serviram para mostrar tanto para a CCGL como para as demais indústrias que vinham dispensando a aplicação do leite excessivo, que a medida só serviu para alijá-los do mercado, principalmente no que diz respeito a colocação de subprodutos, como o queijo. "Diante dessa situação, chegamos a conclusão que somente voltando a aplicar o leite excessivo, temos condições de concorrer de igual para igual com as indústrias de fora do Estado".

## Cr\$ 820 PELO LITRO DE LEITE

Os produtores que forem atingidos pela medida, receberão apenas Cr\$ 820 pelo litro de leite considerado excesso, enquanto que aqueles que estiverem produzindo dentro da cota, receberão Cr\$ 1.000 pelo litro considerado consumo. O leite considerado indústria terá um preço de Cr\$ 952 pelo litro.

O leite cota é a média de produção formada nos meses de abril até julho. Exemplificando melhor: se um produtor produziu 970 litros em abril; 1.010 litros em maio; 1.200 litros em junho e 1.350 litros em julho, ele terá como cota a média desses quatro meses, ou seja, 1.132 litros de leite. Por esses 1.132 litros de leite o produtor receberá preço normal durante os meses de verão. Se em dezembro, época de melhores pastagens e de pique da produção, esse produtor tiver uma produção de 1.840 litros de leite, terá 708 litros con-

siderados como leite excesso ou extra-cota. Por esses 708 litros de leite o produtor receberá um preço menor. "Na verdade, explica Frederico Dürr, a Central nem está aplicando a portaria na sua íntegra, pois em vez de pagarmos os Cr\$ 686 pelo litro de leite excesso como ela estabelece, estamos pagando um pouco mais pelo produto".

O produtor que parou de produzir leite no inverno ou que recém agora decidiu entrar para a atividade, terá toda a sua produção comercializada como leite excesso. "O produtor que recém está entrando na atividade, esse sim acreditamos que ficará um pouco prejudicado, diz Frederico Dürr. O que ele acha injusto é o produtor permanente, já estruturado, receber o mesmo preço pelo produto que um produtor eventual. "O leiteiro fixo, que se preocupa em fazer pastagens para os animais, que tem a sua atividade estruturada é que precisa de estímulos e não aqueles que caem fora da atividade nas épocas de crise". A Central tem hoje 11 indústrias que segundo o diretor presidente não podem ficar à mercê dos produtores eventuais. "E temos certeza que o bom produtor não será castigado pelo leite excesso".

## NÃO VAI PASSAR DOS 15 POR CENTO

Assim como acredita que poucos produtores serão castigados pela medida, Frederico Dürr também tem certeza de que o volume de leite excesso não vai ser muito grande, ficando por volta de 15 por cento do total da produção. Para ter tanta certeza ele se baseia no fato de que a partir deste ano houve uma reação muito grande na produção de leite. Essa reação continuou mesmo nos meses de inverno, possibilitando que os produtores pudessem formar boas cotas. Credita como causas à reação na produção de leite o clima que correu favorável a formação de pastagens e aos problemas ocorridos com o preço da soja.

Em março desse ano a produção da Central foi de 15.504 milhões de litros de leite (em março de 84 foi de 14.713 milhões de litros); em abril ela ficou em 12.483 milhões de litros (em abril de 84 foi de 11.443 milhões); em maio ficou em 11.525 milhões (no ano passado, nessa mesma época tinha ficado em 10.291 milhões de litros); em junho ficou em 11.665 milhões de litros (em junho de 84 ficou em 10.438 milhões) e julho a produção subiu para 14.543 milhões de litros de leite contra os 12.684 milhões produzidos em julho do ano passado. "Pode se perceber, alerta Frederico Dürr, que já a partir de março desse ano, se compararmos com o que foi produzido no ano passado, a produção começou a reagir. O produtor voltou a trabalhar com leite mais cedo e isso foi muito bom, pois possibilitou que ele formasse boa cota. Justamente por isso que não vemos razão para tanta preocupação com relação ao leite excesso".

## A PRODUÇÃO VAI SER GRANDE

O Alao José Daltrozo, res-

ponsável pelo setor de Leite na Cotrijuí, Região Pioneira, também está otimista em relação a reação que vem acontecendo na produção leiteira da região. "A produção, diz ele, vem superando as expectativas".

Mas se a produção começou a reagir e na região esse fato vem acontecendo a partir de julho/agosto, também é certo de que muito leite excesso vai ser produzido de agora em diante. "Em torno de 42 por cento da produção entregue na região, pelo menos até o final do ano, deverá ser comercializada como leite excesso, lamenta o Alao. No período de abril a julho - meses destinados a formação de cotas - foram produzidos na região 4.860.060 litros de



Frederico Dürr

leite, dando uma média mensal de 1.215.015 litros. Para o mês de setembro a previsão de recebimento do setor de leite da Cotrijuí é de 1.776.000 litros; para outubro 2.224.000; novembro 2.191.000 e para dezembro 2.202.000. Só em dezembro quase um milhão de litros de leite estarão sendo comercializados como leite excesso.

Considerando essa previsão de recebimento, o Alao calcula que até o final do ano deixarão de circular na região em torno de Cr\$ 5 bilhões, isso considerando que o preço do leite excesso é 19 por cento inferior ao pago pelo leite normal.

## GRANDE DESESTÍMULO

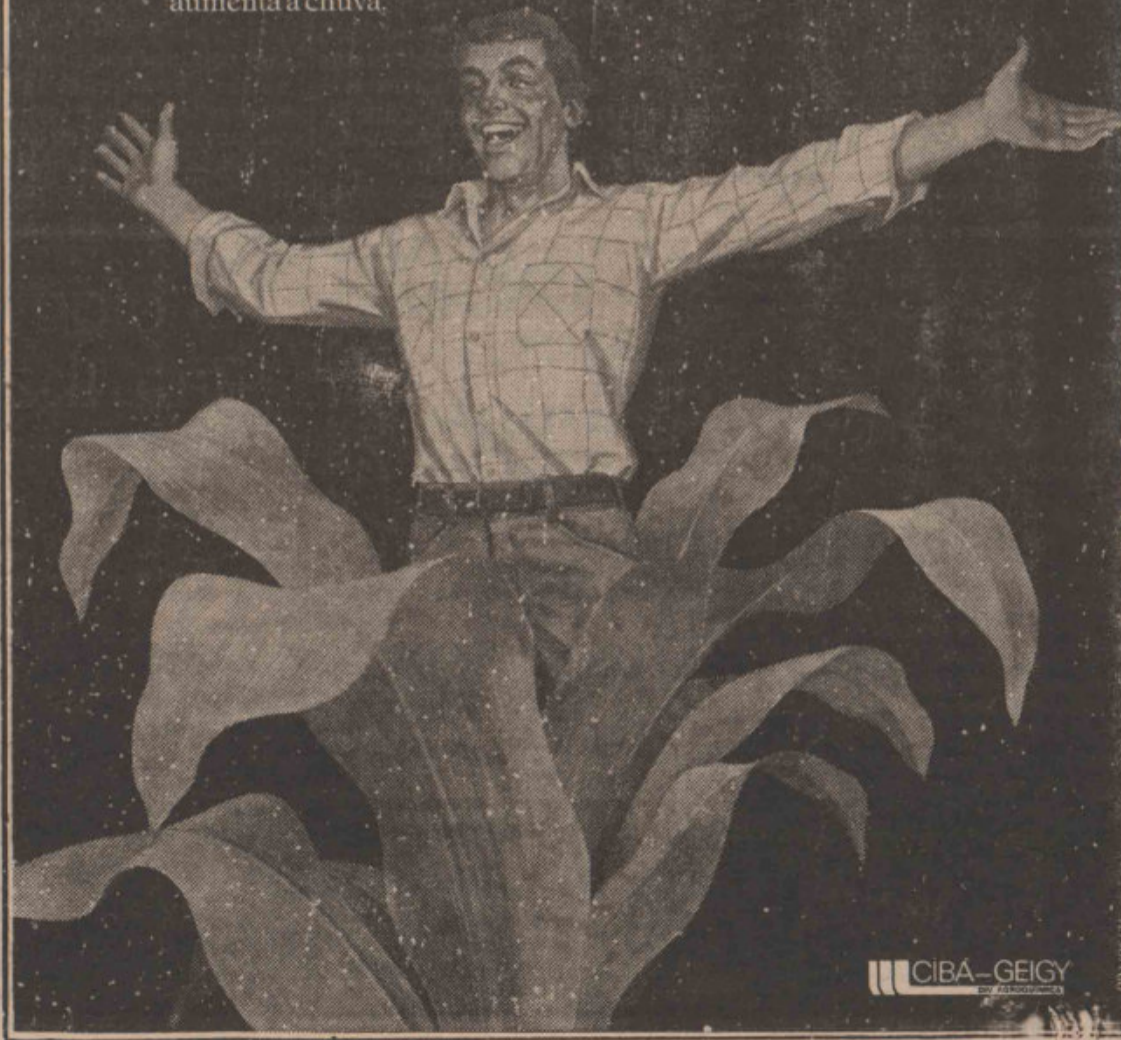
O Alao reconhece que o leite excesso é uma medida adotada por muitas indústrias e que não era ignorada pelos produtores da região, embora a CCGL não estivesse aplicando já há dois anos. "Principalmente agora que o produtor vem atravessando uma situação difícil em razão dos problemas ocorridos com a venda da soja, havia muita esperança de que a Central não voltasse a aplicar o leite excesso", lamenta. O que se pode observar, segundo o Alao, é um grande desestímulo entre os próprios produtores de leite "que até já começavam a pensar em investir na atividade".

# Evite o sufoco. Use Primextra.

Você planta o milho e, algumas semanas depois, as ervas daninhas já estão comendo seu dinheiro investido em adubos, o alimento das plantas, seu esforço. Justamente no momento de dedicar-se a outros cultivos, outros plantios e quando aumenta a chuva.

Um sufoco! Que pode ser evitado com uma simples aplicação de PRIMEXTRA - o herbicida do milho.

Evite o sufoco. Use PRIMEXTRA e respire aliviado.



CIBA-GEIGY

# O ano todo é de safra

*Criadores de Dom Pedrito investem em pastagem para lucrar na entressafra*

O quilo do boi gordo ao produtor deu salto de menos de Cr\$ 2 mil para maio de Cr\$ 4 mil, em pouco mais de um mês entre junho e agosto deste ano. O reajuste no preço oscilou, mas não ficou nunca abaixo de 130 por cento, neste curto período. O aumento chegou a fazer com que o governo anunciasse a importação de 50 mil toneladas de carne, no final de agosto. E no dia 2 de setembro a carne foi até tabelada ao consumidor, numa tentativa de conter a alta e, ao mesmo tempo, os índices da inflação.

Os preços da carne não vinham sendo corrigidos desde outubro do ano passado, e ficaram quase estáveis até maio deste ano. O aumento, na entressafra, é coisa previsível, mas desta vez o pique aconteceu meio que de repente, num pequeno espaço de tempo. O consumidor, que vem reduzindo ano a ano seu poder de compra, afastou-se mais ainda dos balcões dos supermercados. E o criador, que poderia tirar proveito desta alta, geralmente não tem gado para vender no período. Mas há pecuaristas que se incluem entre as exceções, e conseguem, mesmo na entressafra, oferecer gado para abate.

Esses criadores ainda não são muitos, pois a pecuária continua sendo uma atividade que mantém a tradição de produzir muito no verão e pouco nos meses frios. A safra se inicia mesmo entre novembro e dezembro, e vai até maio, quando os campos nativos ainda dispõem de pastagem. Depois, entre junho e outubro, cai a oferta de animais, pois os pastos ficam ralos. É claro que isso provoca altas nos preços, que assustam o consumidor e não chegam a beneficiar a grande maioria dos pecuaristas. Quem ganha com isso geralmente são os grandes grupos, que conseguem formar estoques e tirar proveito das condições do mercado.

## QUASE DE GRAÇA

Os poucos produtores beneficiados com a entressafra são os que investem especialmente na alimentação do gado, com a formação de pastagens aliada a outros cuidados. Em Dom Pedrito, onde a Cotrijuí vem incentivando essa prática (veja na página ao lado) há bons exemplos de criadores que procuram modernizar a pecuária de corte. É este o caso da família Coradini. Seu Alcides Coradini e os filhos Valdomiro e Vandi são proprietários de 3 mil hectares e investem em pastagem há oito anos, sempre em rodízio com as lavouras de soja e arroz.

Eles plantam 700 hectares de soja



Com alimento garantido no inverno, o gado ganha peso e vai a abate inclusive nos meses da entressafra

e 700 de arroz, em áreas divididas em parcelas. Na área de soja, o rodízio é feito com azevém, trevo e cornichão, e na de arroz com azevém. "Nós plantamos soja visando muito mais a pastagem", explica Vandi, lembrando que a alimentação para o gado sai quase de graça, pois utiliza a adubação da lavoura e o gasto é apenas com semente. Assim, eles conseguem economizar com herbicidas e, ao mesmo tempo, estão investindo na preservação do solo. Para completar, têm gado gordo na entressafra. A pastagem é formada sem financiamento.

Em fins de agosto e início de setembro, quando a grande maioria dos pecuaristas não tem gado para vender, os Coradini já dispõem de animais gordos.

"Engordamos a metade do gado na entressafra", conta Vandi, que agora, em agosto, vendeu bois a Cr\$ 4 mil o quilo. Eles lidam apenas com a terminação de terneiros de várias raças, com preferência para o Charolês e suas cruzas. Adquirem os animais com 2 anos e meio, e encaminham para o abate com 3 anos e meio ou quatro anos.

## SEMPRE COMPENSA

Vandi Coradini está certo de que qualquer pecuarista pode investir em pastagem, independente do tamanho da propriedade, desde que integre lavoura e pecuária. Esta também é a opinião de Lídio Dalla Nora Bastos, proprietário de 696 hectares na localidade de Caveiras. Lídio é dono da Cabanha Santa Albina, e começou a investir em pastagem há 15 anos para alimentação de touros. Há cinco anos ele constatou que poderia utilizar o trevo, o azevém e o cornichão também para o gado de corte de cruzas de Nelore com Charolês.

A propriedade tem 13 poteiros, e a pastagem ocupa em rodízio estas parcelas de 15 a 20 hectares, com soja e milho, numa rotação que faz com que a mesma

planta somente retorne a cada um dos poteiros a cada quatro anos. A vaca com terneiro ao pé é mantida na pastagem, onde o animal para engorde permanece depois do desmame. Lídio está abatendo bois com idades que variam de três e meio a até cinco anos. Mas espera reduzir o tempo de terminação para no máximo três anos.

## E O CONSUMIDOR?

"A pastagem integrada à agricultura de grãos sai quase de graça", afirma o criador. Ele acha inclusive que os pecuaristas poderiam ceder áreas a arrendatários, cobrando pouco ou até mesmo nada, para que pudessem contar com pastagem. O arrendatário exploraria a área com lavoura, e formaria a pastagem, com o proprietário entrando apenas com a semente. Lídio está certo de que o criador sairia ganhando, mesmo que nada cobrasse pelo pedaço de terra cedido ao agricultor.

"A possibilidade de ganhos na entressafra irá sempre compensar os investimentos em pastagens", afirma ele, que em fins de outubro terá novilhos para abate. O interessante, segundo Lídio Bastos, é que mesmo no pique da safra, com bastante oferta de boi gordo, a maioria da população não tem acesso ao consumo de carne. "O criador — diz — ele deve pensar também em quem consome. A verdade é que nós somos culpados pela queda de preço na safra, por não mantermos uma produção mais regular durante o ano todo".



Lídio Bastos



Vandi Coradini

## Os resultados sempre aparecem

Outros criadores, como José Carlos Quadros d'Athayde, já investiram em pastagem, deixaram a prática de lado mas pretendem voltar a dar maior atenção à alimentação do gado. José Carlos, que é também veterinário, acha que é possível cuidar do aspecto sanitário do rebanho e, ao mesmo tempo, introduzir melhoramentos em pastagens. "Tudo isso pode ser feito sem pressa, pois os resultados sempre aparecem", diz ele.

O pecuarista relembra que em 1970, seu pai, Manoel Rodrigues d'Athayde, introduziu cornichão, trevo e azevém em campos nativos, sem lavrar a terra. O investimento foi feito com financiamento concedido pelo governo para pastagens melhoradas, quando parte da propriedade foi dividida em 11 poteiros. "Mas meu pai — conta ele — faleceu

em 1972, e não pôde ver os resultados". A experiência foi então abandonada, mas José Carlos manteve os poteiros, desta vez apenas com pasto nativo, utilizados em rodízio pelo gado no inverno e no verão. Cada poteiro fica, em média, de 25 a 30 dias sem pastoreio.

Acontece que esta área, na localidade de Tanumã, tem campo de excelente qualidade, e garante gado gordo durante quase todo o ano. José Carlos assegura que somente não encaminha animais para abate entre julho e setembro. Agora mesmo, em outubro, se o tempo ajudar, ele acredita que já terá boi gordo. O pecuarista cria Charolês e cruzas desta raça com Santa Gertrudes e Hereford, e abate novilhos com médias de três anos e três anos e meio.

É ele quem pergunta: "Se o meu pai,

que estava com 84 anos, achava que era possível inovar, por que nós, que somos mais novos, não vamos fazer isso?" José Carlos está disposto a utilizar novamente a pastagem de inverno, possivelmente trevos e azevém, para que os animais obtenham ganhos de peso em tempo ainda maior. "O importante — diz o criador — é que o gado seja também de boa qualidade, para que possa transformar o pasto em carne no menor tempo possível".

O investimento — ressalta ele — pode ser feito sem pressa, para que se aumente a oferta de animais na entressafra, com ganhos para quem produz e para quem consome. Outro aspecto que ele considera decisivo: é preciso que o proprietário acompanhe a lida sempre de perto. José Carlos, que se formou em veteri-



José Carlos: investir, mas sem pressa

nária no final da década de 40, lembra que voltou a Dom Pedrito para cuidar da propriedade do pai "levantando cedo", no tempo das madrugadas, e assim quase deixei de ser um técnico para me transformar num peão".

# Acordo contém os preços

No final de agosto, já sob a chefia de Dilson Funaro, o Ministério da Fazenda tomou uma medida drástica: determinou o tabelamento do preço da carne no atacado e no varejo. Este seria o primeiro passo em falso do novo ministro, e o tabelamento iria durar apenas dois dias, 2 e 3 de setembro, caindo na quarta-feira, 4. Por pressão de representantes dos criadores e dos frigoríficos, o governo revisou sua decisão, que teria sido tomada não por Funaro, mas por João Luiz da Silva Dias, chefe da Seap - Secretaria Especial de Abastecimento e Preços.

O ministro teria apenas seguido um conselho de Silva Dias, e a medida seria parte de uma tentativa de impedir que os preços da carne contribuíssem para o aumento da inflação, que chegou a 14 por cento em agosto. Os criadores reagiram e também as indústrias, pois a tabela - com preços inferiores aos que vinham sendo praticados - iria achar os ganhos do pecuarista e dos frigoríficos. O próprio governo reconhece, afinal, que apesar dos aumentos registrados a partir de julho, a inflação ainda supera - e muito - a evolução dos preços ao produtor, nos 12 meses.

## ACORDO

Os dados são desencontrados, a respeito dessa evolução, e indicam reajustes ao criador que variam de 108 a até 180 por cento, de agosto a agosto, enquanto a inflação no período foi de 217 por cento. "O governo quer encontrar um bode expiatório, para explicar a inflação", disse o presidente da Farsul, Ary Marimon. Ele e outras lideranças do setor foram a Brasília, e no dia 4 de setembro, de-

pois da reunião no dia anterior, o tabelamento caiu. Foi firmado um acordo, pelo qual se mantêm os preços praticados nos últimos dias de agosto.

Esse acordo prevê, no atacado, Cr\$ 8 mil pelo quilo do dianteiro, e Cr\$ 11 mil pelo de traseiro, e é válido por 30 dias. Depois disso, autoridades, produtores e indústrias voltam a conversar, para que o abastecimento seja garantido sem elevação nos preços. Dependerá do sucesso desse entendimento a importação ou não de 50 mil toneladas de carne, que também havia sido anunciada.

## ESTOQUES

Para Luiz Fernando Ryff Moreira, responsável pelo setor de mercado interno da Cotriexport, em Porto Alegre, o governo admitiu que errou ao tabelar a carne. Antes, as autoridades - deste e do governo anterior - já haviam errado ao não formar estoques reguladores em volumes suficientes para conter altas na entressafra. O interessante, segundo Luiz Fernando, é que, apesar de não tomar essa providência, o governo autorizou exportações, num total de 27 mil toneladas, no pique da entressafra, agravando a situação.

Dois grupos foram beneficiados pelas exportações, informa ele. Mas o setor - assegura - aposta num melhor relacionamento com Dilson Funaro a partir de agora. Em dezembro as partes interessadas devem conversar novamente com o ministro, desta vez para tratar, bem cedo, da formação dos estoques para o próximo ano. Esse estoque deverá ser de, no mínimo, 50 mil toneladas, para que o setor não enfrente novo sobressalto daqui a um ano.



Frigorífico da Cooperativa adotou critério de remuneração do produtor pelo rendimento das carcaças, como estímulo à melhoria da qualidade do rebanho, segundo Tânio Bandeira



## Meta da Cotrijuí: 500 toneladas de azevém em 86

A Regional da Cotrijuí em Dom Pedrito já dispõe de números para mostrar que vem crescendo a adesão dos pecuaristas do município à formação de pastagens. No ano passado, a Regional distribuiu 50 toneladas de semente de azevém a associados, e este ano o volume ficará em torno de 250 toneladas. Esses números são citados pelo vice-presidente da Regional, Tânio Bandeira, que já tem uma meta para 1986: a distribuição de 500 toneladas de semente dessa forrageira, que se adapta bem às condições do município, junto com o trevo branco.

Com essa adesão, a cooperativa poderá ampliar aos poucos o número de produtores que entregam ao frigorífico da própria Cotrijuí animais novos e com acabamento que permite um melhor aproveitamento, em comparação com os tradicionais bois de mais de 4 anos. Isso será conseguido - como ressalta Tânio - com a conjugação de uma série de aspectos, como a seleção do rebanho, os cuidados zootécnicos e de manejo e, principalmente, uma boa alimentação.

As pastagens, implantadas na resteva da soja e do arroz, podem reduzir o índice de mortalidade de animais e garantir maior rentabilidade. "Os primeiros resultados desses investimentos - diz o vice-presidente - são bons tanto para o criador como para o frigorífico, que abate carne de melhor qualidade e, em consequência, para o consumidor". O importante é que se assegure assim uma oferta mais regular de bovinos para o abate, durante o

ano, reduzindo-se o vazio representado pela entressafra.

## MERCADO

Tânio observa que se acentua, a cada ano, a necessidade de se "encurtar distâncias entre o produtor e consumidor", em função de um mercado cada vez mais diversificado. Essa preocupação deve contemplar todas as camadas da população. A tendência indica, por exemplo, que a população exige uma carne mais trabalhada, que possibilite um preparo mais rápido. E isso será conseguido com um produto de qualidade.

No ano passado, a Cotrijuí lançou a "caixinha" de carnes "Tenrés", com cortes selecionados, que teve excelente aceitação. "Essa - diz Tânio - é uma experiência consolidada". Outra iniciativa da Regional foi a distribuição de carnes de dianteiro diretamente aos consumidores da periferia de Dom Pedrito, com preços acessíveis à população de baixa renda. Também nesse caso as respostas têm sido satisfatórias.

Mas a conquista de um mercado depende, entre outras coisas, de uma oferta mais estável, e por isso - como lembra ele - "o criador deve se organizar para produzir também na entressafra". Uma das formas de se estimular essa produção é o critério de remuneração do produtor pelo rendimento da carcaça do animal, utilizado pelo frigorífico da Cotrijuí em Dom Pedrito. O frigorífico não abate por peso vivo, e isso - assegura Tânio Bandeira - é um incentivo à melhoria do rebanho.

**Maior produção  
Melhor qualidade  
Menor custo  
Maior segurança**

**TECTO 450**

**Controla a Giberela e a Septoriose**

**MSD-AGVET**  
DIVISÃO DE MERCK SHARP & DOHME

AC-08/84      \*Marca Registrada      (RJA-TT-22/84)

# Juro comeu o lucro

Governo retira subsídios e tumultua a comercialização

O mercado internacional não recompensou a última safra gaúcha de lã com os mesmos preços da safra 83/84. Para complicar, o governo brasileiro retirou incentivos às exportações e, além disso, reduziu ainda mais o crédito subsidiado concedido às cooperativas para comercialização do produto. Esses fatores, aliados a problemas técnicos, que provocaram um grande volume de lã de baixa qualidade, terminaram frustrando um bom número de criadores de Dom Pedrito e de todo o Estado. Na hora de fazer as contas, em julho, quando da liquidação da safra 84/85, eles contestaram que desta vez havia sobrado pouco ou nenhum lucro.

A lã é comercializada o ano todo, a partir do início da tosquia, na primavera, e a liquidação, com a definição dos preços finais a serem pagos ao produtor, acontece em julho. Essa é uma norma obedecida nos últimos anos pela Cotrijuí, e se baseia em condições de um conselho de produtores. A cooperativa concede adiantamentos aos associados, e no encerramento da comercialização se dá o acerto de contas. Pois este ano o adiantamento, aliado aos outros fatores, contribuiu para ajudar a engolir os ganhos que muitos criadores esperavam.

## ABAIXO DA INFILAÇÃO

O agrônomo Paulo Arinos Pedroso, que coordena o setor de lã na Regional de Dom Pedrito, lembra que o Rio Grande do Sul contribui com cerca de 96 por cento da produção de lã do país. Só as cooperativas gaúchas comercializam 22 mil toneladas de lã por ano. E mais de 90 por cento dessa produção são exportados, no caso da Cotrijuí através da Valuruguai, cooperativa de Uruguiana, que mantém um lanifício e atua no mercado externo. Quando a Valuruguai encerra a comercialização é que as demais cooperativas a ela ligadas definem o preço final

ao produtor.

Na última safra, o mercado internacional não manteve os preços da safra anterior, e a Cotrijuí pagou ao produtor, como média líquida geral, Cr\$ 11.705 pelo quilo da lã. Na safra anterior, a média líquida havia ficado em Cr\$ 4.257. De um ano para o outro o reajuste no preço foi de 175 por cento, e ficou abaixo da inflação, que em julho estava acumulada em 217 por cento. No final de agosto, a Cotrijuí pagou uma bonificação de 20 por cento sobre os valores da liquidação de julho, e a situação melhorou um pouco.

## CRÉDITO MINGUADO

Além dos preços internacionais não terem ajudado, e do dólar também não manter cotações compensadoras para as exportações, o governo tirou uma bonificação que concedia às cooperativas para vendas ao exterior. Essa bonificação era de 11 cents. de dólar e contribuía um pouco para a melhoria do preço final. Mas o pior mesmo é que o Banco do Brasil deixou de repassar às cooperativas um crédito subsidiado, com taxas abaixo da inflação, para a comercialização da lã.

Até cinco anos atrás, esse crédito, que garantia a liberação de adiantamentos ao produtor, correspondia a 90 por cento do preço médio da lã. Ano a ano, os recursos foram minguando, caindo para 40 por cento na safra 82/83, para 30 por cento na safra 83/84, e para apenas 17 por cento na safra passada. As cooperativas tiveram então que recorrer à rede privada de bancos, tomando financiamentos com altos juros, para conceder os adiantamentos fixados mensalmente.

## DEFICIÊNCIAS TÉCNICAS

Essa antecipação terminou comprometendo os lucros que poderiam ser esperados por muita gente. Acontece — como explica Pedroso — que o adiantamento foi concedido com os mesmos valores para

todos os criadores. No final, após a classificação da lã, de acordo com sua "finura" (espessura) e qualidade, os valores pagos não ajudaram a cobrir o custo do dinheiro tomado como antecipação. Muitos criadores estavam acostumados com o crédito subsidiado, e não se deram conta, apesar das informações divulgadas, de que o juro vinha ficando cada vez mais alto.

Na hora de devolver o empréstimo, houve produtor que constatou a inexistência de ganhos. Para Pedroso, é numa hora como essa que se deve dar atenção a um melhor manejo dos rebanhos, pois os maiores prejudicados foram os que entregaram lã de baixa qualidade. A Cotrijuí comercializou 1 milhão e 42 mil quilos de lã da última safra, e pôde concluir que 12 por cento dos criadores entregaram produto com capacho e outros problemas (lã preta ou moura e lã manchada). Este índice é considerado muito alto, mas a qualidade da lã do município pode melhorar, segundo o agrônomo (veja matéria na página ao lado).

É claro que os produtores que entregaram lã de qualidade, e que pouco recorreram aos adiantamentos, ficaram satisfeitos. Mas o vice-presidente da Regional, Tânio Bandeira, admite que o sistema de comercialização precisa de modificações, e elas poderão surgir na próxima safra. Ele lembra que a lã, que nunca contou com preço mínimo, ficou agora sem crédito subsidiado para estocagem e sem incentivos oficiais para exportação. Essas e outras questões vêm sendo tratadas a nível de governo pela Fecolã, a federação das cooperativas do setor.



Pedroso aposta na melhoria da qualidade da lã

## VALORIZAR A CARNE

Tânio também enfatiza que a busca de uma maior valorização da lã deve, no entanto, ser acompanhada também por um incentivo à produção de carne de ovinos. "É preciso — diz ele — que se remunere o criador na entressafra não só com a lã". A Cotrijuí já comercializa, num dos mercados de Dom Pedrito, chuleta de ovelha, com boa aceitação por parte do consumidor, pois os preços são mais acessíveis que os da carne de gado. "O mercado é favorável à carne de ovelha, e a Cooperativa irá iniciar, com um pequeno número de produtores, uma experiência nessa área, através do departamento técnico".

Para o vice-presidente da regional, a Cotrijuí pode também incluir a criação de ovinos como alternativa para a diversificação, em sua Região Pioneira. Afinal, como observa ele, está longe o tempo em que a lã rosada das regiões de soja e trigo, tingida pelas terras vermelhas, tinha menor cotação. Segundo Tânio Bandeira, "a produção de carne e lã, em áreas de terras dobradas, como as de Tenente Portela, pode assegurar melhores retornos por hectare que a soja".

## Lidar com ovelhas é difícil, mas compensa

Alguns anos atrás, quando o preço da lã caiu muito, Alfredo Silveira Barcellos reduziu o rebanho de ovelhas, que era de 3 mil animais. Hoje, seu plantel é de 2.500 ovinos Corriedale, com 14 carneiros, mas não foi apenas a baixa cotação que provocou a diminuição em 20 por cento. Também contribuiu para isso a sua preocupação com a seleção do rebanho, com o padrão zootécnico, principalmente em função da assistência prestada pela Cotrijuí.



Alfredo Barcellos

Alfredo é criador em Upacará e proprietário de 2.350 hectares em sociedade com o cunhado, Pedro Fernandes Martinez, e possui mais 435 hectares em Torquato Severo. Ele é quem diz: "Gosto de lidar com a criação de ovelhas, e agora mais ainda, pois a Cooperativa nos ofereceu um técnico no assunto". Ele acredita que não só a qualidade da lã do seu rebanho, mas também a das demais propriedades melhorou bastante com esse acompanhamento.

"A ovelha — diz Alfredo — come o melhor pasto, mas mesmo assim compensa". Na última safra, ele conseguiu Cr\$ 14.700 pelo quilo da lã, fora os 20 por cento de bonificação, e ficou satisfeito. "Quem pegou financiamento do adiantamento é que não gostou". O criador acredita que muitos produtores pegaram a antecipação pensando em ganhar dinheiro, pois "aplicaram inclusive na poupança".

Antes, quando o juro era baixo, ele pegava o adiantamento, mas desta vez decidiu aguardar a liquidação. É claro que não foi apenas por causa disso que Alfredo ficou satisfeito com o preço. Afinal, como reconhece, de nada adiantaria essa precaução, se não tivesse entregue uma lã de qualidade. Seu rebanho vem sendo selecionado há dois anos e produziu na última safra 7.500 quilos de lã.

Darci Maciel é proprietário da Fazenda Boa Vista, com 1.200 hectares, localizada no subdistrito de Upacará e administrada em parceria com o genro, o veterinário Alberto Ferreira Bastos, e o filho, o engenheiro Hugo Martinez Maciel. Darci aderiu à tosquia de outono, que considera vantajosa em relação à tradicional, pois esta na sua opinião transforma os poteiros em verdadeiros hospitais, pela forte incidência da mosca e o surgimento de bicheiras.

A tosquia acontece em março, e quando chega o forte do inverno a ovelha já está com lã suficiente para enfrentar o frio. O encarneamento é programado para logo depois da tosa, com excelentes resultados para o rebanho. Darci está convencido de que esta mudança ganhará a adesão de muitos criadores, em pouco tempo, mesmo porque o acompanhamento técnico é assegurado pela Cotrijuí. A Fazenda Boa Vista possui um plantel de 2.100 ovinos da raça Corriedale, com linhagem própria, e trabalha com lã e carne. O grande pique da venda de cordeiros para abate ocorre em dezembro, pouco antes do Natal.

O criador está entre os que não conseguiram bons resultados com a lã, na última safra, em consequência dos adiantamentos. Segundo ele, o problema teve origem na falta de comunicação entre a Cooperativa e os produtores, pois a antecipação era, na verdade, um empréstimo, que penalizou ainda mais os que realizaram a tosquia em novembro. Estes fizeram a retirada em seguida, arcando com um juro capitalizado de 16 por cento ao mês.

Ele entregou lã em duas épocas, em novembro e em março último, com um total de 4.389 quilos de velo e 801 quilos de pata, barriga e descole. Conseguiu Cr\$ 64 milhões e 703 mil líquidos, mas perdeu parte do lucro em função dos adiantamentos. Se não fosse isso teria a melhor liquidação já conseguida, pois reconhece que a Cotrijuí foi a cooperativa que melhor remunerou a lã. Com a bonificação de 20 por cento, paga em agosto, ele entende que as perdas da antecipação foram amenizadas.

O criador Urbano Adolpho Veiga Freire, proprietário da Fazenda São Sebastião, na localidade de Upacará, com 870 hectares, tem um orgulho. Ele foi o primeiro, em 1980, a entregar um lote de 100 borregos ao frigorífico da Cotrijuí para abate. Desde então, não deixou de entregar borregos com dois dentes (em torno de um ano), e está certo de que uma das alternativas para que a ovinocultura ofereça maiores retornos está na produção de carne.



Urbano Freire

Urbano acha que o importante, não só para uma carne, mas também uma lã de qualidade, é a própria qualidade do rebanho. Ele cria 800 ovelhas Corriedale, com 17 carneiros, e 90 dos animais são tatuados, com índice zootécnico comprovado. E para que um rebanho alcance bons níveis, é preciso iniciar pela escolha dos reprodutores, cuidando depois também do manejo.

No plantel da Fazenda São Sebastião, lã manchada ou com capacho é coisa que não existe. Por isso, Urbano conseguiu um preço final que considerou razoável para a lã da última safra, quando entregou 2.500 quilos à cooperativa. Ele participou das reuniões do conselho de produtores, que definiu as normas para comercialização, e se convenceu de que "o que nos prejudicou foi o juro dos adiantamentos".

"Havia e há ainda dificuldade para se conseguir dinheiro, e muitos produtores se sentiram atraídos", conta ele. "É muita gente foi prejudicada depois porque não conseguiu uma boa classificação para a lã". Urbano concorda que isso provocou reações desfavoráveis inclusive à Cooperativa, mas acredita que tudo será contornado com mudanças. "Temos que estudar outra maneira, para não pagar juros tão altos".

# Manejo: é preciso inovar

A grande verdade é que, para que se melhore o padrão zootécnico do rebanho ovino de Dom Pedrito e do Rio Grande do Sul, a ovelha precisa deixar de ser vista como um animal menos nobre. Por enquanto, muita gente ainda vê a ovelha competindo com o gado, principalmente por escolher os melhores pastos. Se essa idéia for deixada de lado, é claro que a qualidade da lã irá melhorar, como consequência de uma série de cuidados, como observa o agrônomo Paulo Arinos Pedroso, coordenador deste setor na Regional de Dom Pedrito.

Pedroso enumera alguns dos fatores que podem contribuir para esta melhoria, citando a escolha dos reprodutores, o controle sanitário, o manejo adequado para uma alimentação eficiente e a programação da época de nascimento dos cordeiros. Nesse último caso, por exemplo, ainda predomina na região da campanha o nascimento de cordeiros no inverno, com consequências negativas para os filhotes e para as próprias fêmeas, que se refletem na qualidade da lã.

## INOVAÇÃO

Em primeiro lugar, o nascimento de cordeiros no inverno termina provocando uma grande mortandade, pois está provado que a maior causa da perda de filhotes no Rio Grande do Sul são as chuvas de junho a agosto. No inverno, a ovelha enfrenta a escassez de pasto, e quando não foi ainda tosada acaba ficando com a lã enxarcada após as chuvaradas. A fêmea está amamentando, mas conta com uma alimentação deficiente. O cordeiro, por sua vez, além de ficar exposto às chuvas, tem dificuldades para mamar numa ovelha com lã alta.

Pedroso lembra que é comum um cordeiro chupar a lã da mãe, em vez de pegar o teto, e acaba morrendo. Para ovelhas não tosadas antes da parição, o ideal é realizar o "descole", o corte da lã ao redor do úbere, para facilitar a amamentação. Esta é uma prática antiga, mas também muito esquecida pelos criadores. Mas, segundo o agrônomo, o bom mesmo seria reprogramar o nascimento dos cordeiros e a tosa.

De acordo com essa reprogramação, que já vem sendo feita por um número expressivo de criadores, a ovelha é tosada no outono ou no inverno, entre março e agosto, e o nascimento dos cordeiros é programado para a primavera, podendo ocorrer a partir do dia 15 de setembro. Essa mudança contraria a tradição, que manda que a tosa seja feita no verão, e o nascimento dos cordeiros aconteça no inverno. Este costume termina provocando a mortandade de filhotes e comprometendo a qualidade da lã, pelos motivos já lembrados antes.

## PNEUMONIA

Segundo Pedroso, os rebanhos tradicionais apresentam lã manchada ou com capacho com índice de 19 por cento acima dos demais, que aderiram à inovação. Está provado, afinal, que a ovelha não morre de frio

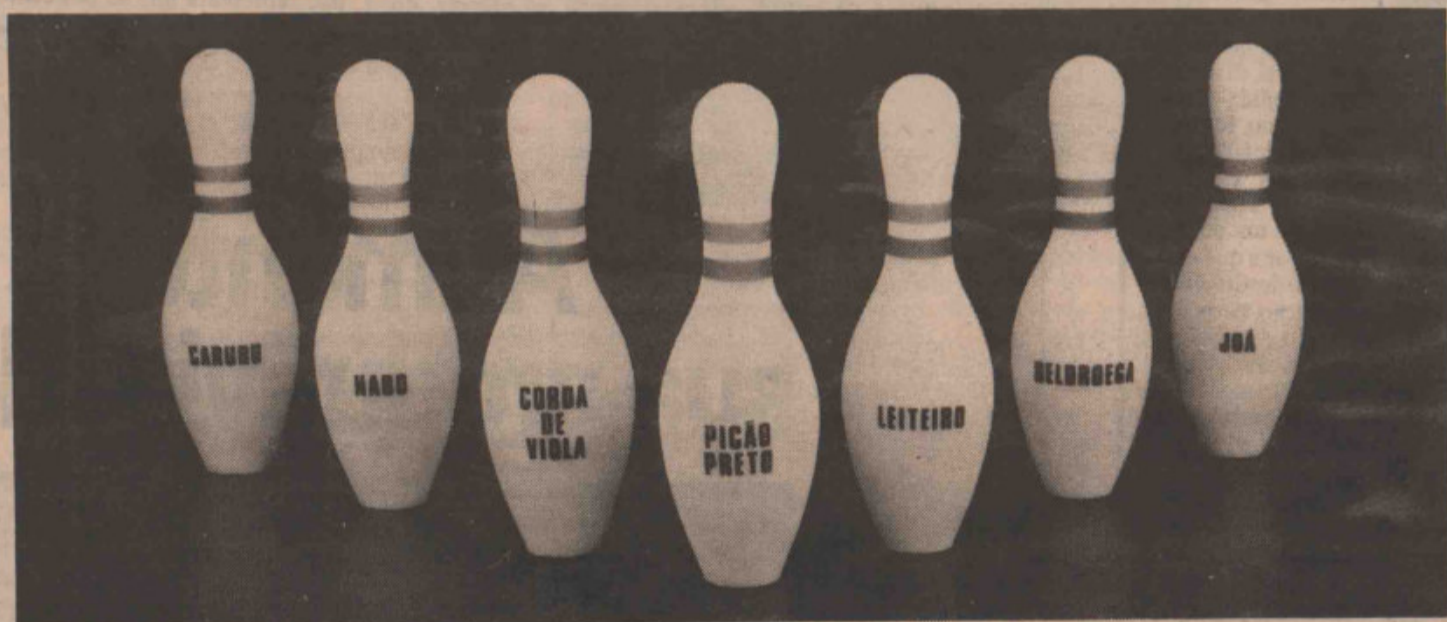
no inverno, por estar tosada, pois a lã, na verdade, não protege tanto o animal como se pensa, e nem mesmo o cordeiro. O que provoca a morte de ovinos é o choque térmico após a chuva, especialmente logo após a tosquia.

A ovelha se põe a correr, cansa e pára, morrendo de pneumonia. E isso acontece tanto no inverno como no verão.

O que deve ser evitado, portanto, é esse corre-corre dos animais à procura de abrigo. Há produtores de Dom Pedrito que utilizam inclusive capas de plástico, que cobrem as ovelhas, para evitar o contato direto da chuva com o corpo do animal. Mas o ideal é manter o rebanho em abrigos, depois da tosa, para que se evite a movimentação e a morte por pneumonia.



Peles de cordeiros mortos após chuvaradas

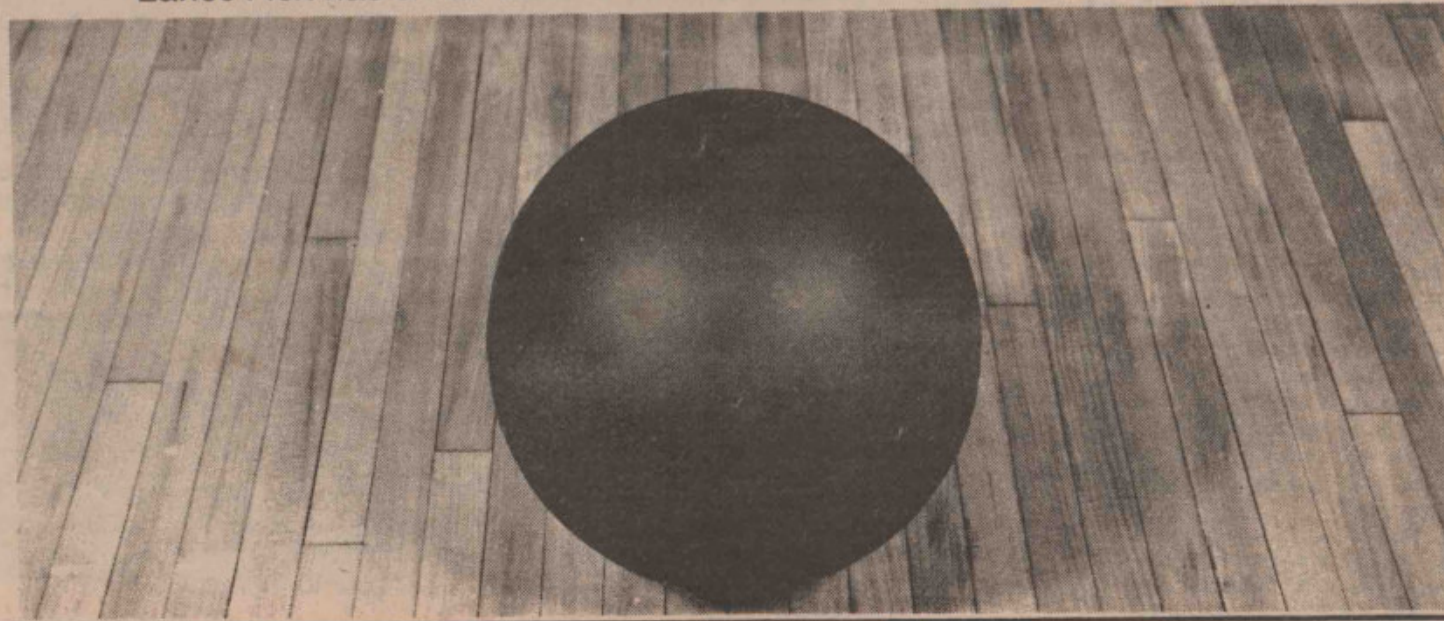


# O HERBICIDA QUE DERRUBA ERVAS DE FOLHAS LARGAS.

Flex é o herbicida para soja com o mais amplo espectro. Derruba as principais ervas de folhas largas de uma só vez, com a máxima segurança para a cultura. Lance Flex nas ervas daninhas.



ICI Brasil S.A.



## PRORROGAÇÃO DAS DÍVIDAS

# Poucos pedidos em Ijuí

"Muito poucos produtores de soja da região estão optando pela prorrogação de suas dívidas de custeio junto aos bancos". A afirmação é do gerente da Agência do Banco do Brasil de Ijuí, Amário Mombach, garantindo por outro lado, que neste ano os produtores se adiantaram e trataram de saldar suas dívidas o mais cedo possível, "provavelmente com medo de que os preços da soja caíssem ainda mais".

A prorrogação das dívidas de custeio foi uma medida adotada pelo governo como forma de garantir a sobrevivência dos sojicultores endividados e sem condições de saldarem seus débitos de custeio, mas é um direito a que tem o produtor e que está dentro do Manual de Crédito Rural. Pela prorrogação os produtores têm um prazo de um até três anos para saldar seus débitos, incluindo correção monetária plena e mais três por cento de juro ao ano. Os pedidos estão sendo examinados, caso a caso, através de um levantamento da situação geral do produtor. "Estamos considerando todos os gastos na lavoura, desde aquisição de insumos, máquinas, implementos até a manutenção da família.

### POUCOS PEDIDOS

Em Ijuí, a agência do Banco do Brasil havia registrado, até o início do mês de setembro, em torno de 30 pedidos de prorrogação de dívidas de custeio, "o que corresponde a apenas três por cento de nossos mutuários", complementa o gerente da agência local.

O alto custo do dinheiro é sem dúvida o motivo que está fazendo com que um número tão pequeno de produtores da região opte pela prorrogação dos seus débitos. Muitos deles preferiram aplicar todo o dinheiro da colheita no pagamento do custeio, e ficar totalmente descapitalizados, do que fazer um superendividamento. Tanto isso é verdade, que quando as normas de prorrogação chegaram até a agência do Banco do Brasil de Ijuí, em torno de 90 por cento dos produtores já haviam saldado seus débitos. "Nosso produtor está ficando mais realista. Com medo de pagar juros, tão logo o preço da soja começou a cair, ele tratou de saldar seus compromissos", afirma Mombach, dizendo que já no mês de maio, muito produtor tinha pago seu custeio.

Mombach acredita que só fizeram prorrogação aqueles produtores que realmente não tinham saída. Se não optassem pela prorrogação, ficariam marginalizados e sem direito a tomar novo financiamento para a próxima safra. De um modo geral, o prazo para pagamento das dívidas prorrogadas pela agência do Banco do Brasil de Ijuí ficou em dois anos. Sendo assim, a primeira parcela vence na próxima safra de verão e a segunda daqui há dois anos.

Mas se poucos produtores estão prorrogando suas dívidas, muitos deles estão buscando custeio para a próxima safra de verão. Essa procura, segundo o ge-

rente, está fundamentada no fato de que os produtores estão totalmente descapitalizados. Mas garante que, dentro de um prazo máximo de dois anos, muito pouco produtor, ainda mais se não mudar a política do governo, vai se utilizar de financiamento para fazer sua lavoura.

Em Santo Augusto e Tenente Portela, a situação é mais ou menos semelhante a de Ijuí.

A diferença, segundo o gerente da agência do Banco do Brasil de Santo Augusto, Dair Machado, é que além do número de pedidos de custeio ser "surpreendentemente grande", também é grande o número de produtores que estão prorrogando seus débitos. Na região de Tenente Portela, embora ainda não exista nenhum número estatístico, informações coletadas junto a agência do

Banco do Brasil asseguram que em torno de 20 por cento dos produtores recorrerão a prorrogação.

Na agência do Banco do Brasil de Ajuricaba já deram entrada 107 pedidos de prorrogação de dívidas, "mas acreditamos, afirma o gerente Carlos Alberto Corsetti, que até o final do mês entrem mais uns 50 pedidos". Isso representa uns 25 por cento



Amário Mombach

do número de produtores que operam na agência. Os pedidos de custeio são ainda pequenos, em torno de 120, embora o gerente estime que até o final do mês esse número se eleve para 400.

## Aumente sua produtividade.



## Aplique TILT.

Este é o momento certo para você garantir o aumento da produtividade de sua lavoura de trigo.

O uso do novo fungicida Tilt oferece esta certeza, porque ele elimina as maiores responsáveis pela baixa produtividade da cultura: as doenças fúngicas. Para ir tão longe em termos de controle, Tilt se apóia em seu amplo espectro, qualidade que é consequência de suas características e modo de ação.

Tilt é um produto sistêmico que age e protege o trigo no interior da planta; e não superficialmente como os fungicidas comuns.

Ele previne o desenvolvimento das doenças, mas se elas já estiverem presentes nas plantas, Tilt passa a funcionar como um produto curativo.

Não existe nada igual na Triticultura.

Tilt - o fungicida completo para o trigo.

Vá buscá-lo na revenda ou cooperativa mais próximas.

# Tilt

TILT NO TRIGO É LUCRO NO BOLSO

Siga as instruções do rótulo.  
Consulte um Agrônomo.

CIBA-GEIGY  
DIV. AGRONOMICA

Produto registrado no DIPROF - Min. da Agricultura.

® Marca Registrada

# O "espetáculo" de março

Protesto contra o confisco da soja é tema de pesquisa

Os agricultores levaram suas máquinas para as ruas, em março de 1980, apenas para derrubar o confisco da soja? A escolha do dia 31 de março, para realização do protesto, foi uma simples coincidência? Os minifundiários teriam sido "usados" pelos médios e grandes produtores? Estas perguntas são feitas até hoje, cinco anos depois do movimento contra o confisco, que levou milhares de agricultores gaúchos e de outros Estados às estradas e cidades, com tratores e automotrizas. Algumas indagações como essas já têm respostas. Outras permanecem como dúvidas, e talvez ainda leve um bom tempo para que sejam bem decifradas.

A antropóloga paulista Mirian Regini Nutti, de 27 anos, que reside no Rio de Janeiro, poderá contribuir para que se entenda melhor o que aconteceu em 1980. Ela está iniciando a elaboração de sua tese de mestrado em antropologia social, que será defendida no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e o tema de seu trabalho é a mobilização dos agricultores. A pesquisa já tem até um título, "O Dia de Protesto dos Sojicultores", e envolve o levantamento de informações nos arquivos dos jornais e muitos depoimentos de agricultores e do pessoal das cooperativas e sindicatos.

## OUTRAS LUTAS

Mirian, que já visitou outros municípios gaúchos, esteve em Ijuí em agosto, realizando pesquisas nos arquivos da Fideine e da Cotrijuí e conversando com agricultores que participaram do movimento. Segundo ela, uma das conclusões tiradas do movimento, bastante difundida ainda hoje, é a de que os pequenos agricultores teriam sido "usados" pelos médios e grandes, indo às ruas com suas máquinas para tratar apenas de uma reivindicação. O atendimento do apelo dos produtores — se diz ainda hoje — beneficiaria muito mais os empresários rurais da soja do que o colono.

Mirian andou constatando que não

é bem assim. É claro que o confisco aparecia como a questão imediata, mas o movimento não ficou só nisso. Com o protesto, os pequenos agricultores aproveitaram para falar da reforma agrária, para reforçar a luta por uma melhor previdência, e para questionar o início do fim do modelo agrícola que concedeu muito crédito subsidiado e estimulou o plantio da soja. O confisco era então o tema que puxava os protestos, mas outras lutas ganharam espaço no movimento.

## O "ESPETÁCULO"

"As manifestações contra o confisco eram 'o espetáculo' que faltava para que o agricultor se sentisse estimulado a dar seqüência a outros movimentos", observa a antropóloga. É a partir daí, como se constata hoje, que os pequenos produtores dão impulso à sua organização. Por isso, segundo ela, o movimento de 1980 não pode ser visto apenas como "uma coisa apenas econômica, pois foi também uma forma do agricultor fazer política". Derrubar o confisco poderia ser a questão imediata e mobilizadora, mas não era tudo.

Mirian acha interessante que o protesto, dirigido contra o governo federal, tenha colocado o então ministro Delfim Netto, do Planejamento, na condição de vilão. Delfim incorpora o modelo econômico e agrícola. A participação da imprensa, na cobertura do acontecimento, é decisiva para que o protesto seja visto também como "um levante gaúcho contra Brasília". Tenta-se, assim, ressuscitar antigos mitos, como a valentia do gaúcho. De qualquer forma, o movimento é visto como coisa pacífica e ordeira, e anunciado desde cedo como vitorioso.

## CATEGORIAS

Outro aspecto importante do movimento: ele foi o último a integrar todas as categorias de produtores (pequenos, médios e grandes) numa grande manifestação de protesto. Para a pesquisadora, a partir daí ficam bem definidas essas categorias e



Agricultor desafiou o governo com protestos no dia 31 de março, segundo Mirian

seus interesses. Afinal, durante muito tempo as compensações oferecidas pela soja e os incentivos do governo, como o crédito subsidiado, impediram — com outros fatores — que fossem feitas distinções entre os produtores. A monocultura compensadora manteve uma aparente homogeneidade, ou seja, uma falsa igualdade entre todos.

"Com o fim do subsídio ao crédito, o agricultor fica sem parâmetro" para seguir em frente, lembra Mirian. Isso quer dizer que o esgotamento do modelo agrícola, que se desmorona especialmente com o fim do crédito barato, leva a um temor generalizado entre quem produz. O governo, que tanto incentivava a monocultura, não só retira aos poucos os favores financeiros, como pretende, como aconteceu em 1980, ser sócio do lucro do agricultor.

Esse comportamento do produtor indica — afirma ela — que a escolha da data para o protesto não foi um acaso, pois o 31 de março era até ali o dia mais importante, simbolicamente, para caracterizar a situação vivida pelo país a partir de 1964. "O agricultor se sentiu traído", observa Mirian, e decidiu desafiar o governo no dia em que se comemorava o aniversário do golpe militar. Com as máquinas nas

ruas, o produtor recorre a um instrumento de trabalho que é também um símbolo de propriedade e, ao mesmo tempo, de endividamento.

## A AÇÃO DO DIA-A-DIA

A pesquisadora entende que o movimento de 1980 pode assim ser visto como um marco do questionamento da relação produtor-governo, que se acentuou nos últimos anos. Ela se decidiu pela análise do protesto por entender que poderá contribuir para o estudo de fatos importantes do meio rural, mas quase sempre ignorados pelos cientistas. "Os estudos abordam geralmente as revoluções camponesas, não analisando a ação política do dia-a-dia dos agricultores".

Para estudar as relações sociais que levaram ao protesto e entender o que aconteceu, Mirian leva em conta o confronto entre as versões divulgadas na época, especialmente pela imprensa, e os depoimentos dos agricultores. "Quem sabe me dizer como o colono age, é o próprio colono. A partir da visão dele é que será possível reconstituir o protesto contra o confisco". Afinal, se fosse dar atenção apenas ao que foi dito pelos jornais, qualquer pessoa seria convencida de que quase se iniciou, em 1980, uma nova Revolução Farroupilha.

# Os óleos de quem conhece máquinas agrícolas. Você e a Shell.



Todo agricultor sabe que deve tratar bem as máquinas, como se trata a terra. Porque a terra depende delas para produzir. Rimula é o óleo da Shell que ajuda você a colher mais soja, milho, algodão, café. E ajuda a preservar seu patrimônio. Rimula dá melhor desempenho para as máquinas, protege o motor e prolonga sua vida por muitas e muitas colheitas.



Você pode confiar

# O retorno das culturas de inverno

301 produtores estão dividindo o valor de Cr\$ 631.710.414, como bonificação pela produção de semente de trigo

Os 565 produtores de semente de trigo, aveia branca, colza, lentilha, alfafa, azevém, centeio, ervilhaca, alfafa e trevos da Região Pioneira estão rateando entre si um valor de Cr\$ 929.991.175, como bonificação pela produção de sementes. Os valores de bonificação, como vem acontecendo todos os anos, foram definidos e aprovados pelo Conselho Geral de Produtores de Sementes da Regional Pioneira, em reunião realizada no dia 08 de agosto, em Ijuí e que contou com a participação de representantes de todas as Unidades de Beneficiamento de Sementes

Os Cr\$ 631.710.414 pagos aos produtores de trigo é o resultado da comercialização dos 76.295 sacos de semente produzidas na Região Pioneira. "Lembramos, alerta o Francisco Tenório Falcão Pereira, coordenador da Área de Produção de Sementes da Cotrijuf na Região Pioneira, que nesse ano houve falta de semente de trigo. Para suprir essa deficiência a Cooperativa foi obrigada a adquirir mais 6.049 sacos de semente de terceiros". Cada produtor recebeu de bonificação, para a semente de trigo Padrão 1, um valor de Cr\$ 8.320 por cada saco de 50 quilos de semente atestada. Pela semente classificada como Padrão 2, os produtores receberam Cr\$ 5.637. Essa bonificação final vem complementar o adiantamento de Cr\$ 2.500 por saco dado ao produto ensacado e Cr\$ 1.250 pelo produto entregue a granel.

Os seis produtores de lentilha da região dividiram entre si os Cr\$ 287.334 obtidos com a comercialização do produto atestado. O retorno ficou em Cr\$ 102 por quilo, que veio somar-se ao adiantamento, dado em novembro passado, de Cr\$ 2.500 por quilo. Já os produtores de semente de colza, ratearam um valor de Cr\$ 10.165.980. Cada produtor recebeu uma bonificação de Cr\$ 31.650 por saco. Os valores de adiantamento dado em dezembro, ficaram em Cr\$ 2.500 para o produto/semente ensacado e Cr\$ 1.250 pelo produto/semente entregue a granel. A linhaça não ofereceu retorno ao produtor em razão do excesso de produto no mercado e da baixa procura.

## AS FORRAGEIRAS

Os 173 produtores de semente de aveia branca ratearam um total de Cr\$ 223.129.080 obtidos pela comercialização de 1.033.005 quilos de produto. A bonificação atingiu o valor de Cr\$ 216 por quilo. O adiantamento dado ao produtor, no mês de fevereiro, fechou numa média de Cr\$ 395 por quilo. O centeio apresentou um resultado de Cr\$ 643.100, produto da venda dos 5.450 quilos de semente. Os cinco produtores receberam, cada um, uma bonificação de Cr\$ 118 por quilo. O adiantamento havia sido de Cr\$ 395 por quilo.

O azevém também apresentou bons resultados. Os 37 produtores de semente receberam uma bonificação de Cr\$ 400 por quilo que somou-se ao

adiantamento de Cr\$ 472 por quilo pago ao produtor por ocasião da entrega do produto. Esse ano foram comercializados pela Cotrijuf um total de 123.508 quilos de semente de azevém, que proporcionou uma receita de Cr\$ 44.718.100. Já o sincho apresentou uma receita de Cr\$ 199.087, resultado da comercialização dos 119 quilos entregues por um produtor. O retorno foi de Cr\$ 1.672 por quilo e o adiantamento dado em 31 de janeiro havia sido de Cr\$ 826 por quilo.

Os produtores de semente de ervilhaca, em número de 15, receberam uma bonificação de Cr\$ 353 por quilo. O adiantamento, também dado em janeiro foi de Cr\$ 1.180. Foram comercializados 20.848 quilos de semente que resultou numa receita de Cr\$ 7.359.344. Para os sete produtores de alfafa da região, que no inverno passado entregaram na Cooperativa 961 quilos de semente, o retorno foi de Cr\$ 6.733. Em primeiros de março desse ano, esses produtores haviam recebido um adiantamento

de Cr\$ 20.000 por quilo de semente.

Os trevos, principalmente o Vermelho, também apresentaram bons resultados. Os 3.507 quilos de trevo Yuchi proporcionaram uma receita de Cr\$ 5.095.671. Cada um dos 13 produtores recebeu uma bonificação de Cr\$ 1.453 por quilo, afora o adiantamento dado em 31 de janeiro de Cr\$ 4.720. Apenas um produtor foi o responsável pela produção de 99 quilos de semente de trevo Vermelho comercializado pela Cotrijuf. O retorno foi

de Cr\$ 2.148 por quilo, mais o adiantamento, também dado no início do ano, de Cr\$ 4.720.

De uma maneira geral, segundo o José Luiz Kessler, coordenador da área de Forrageiras na Cotrijuf, os valores de bonificação distribuídos para as forrageiras foram do agrado dos produtores. Ele aproveita para alertar aos produtores de semente que as perspectivas de retorno sempre serão maiores, quando o produto apresentar boa qualidade.

OSMAR MUZZILI, PESQUISADOR DO IAPAR:

## "O milho é uma das melhores alternativas para diversificar".

**H**oje, no Brasil, a pesquisa agrícola tem informações técnicas suficientes para garantir que os solos não apenas sejam preservados, mas que se tornem rentáveis através de uma exploração bem planejada. São várias as maneiras de se atingir este objetivo, mas um procedimento essencial é a **ROTAÇÃO DE CULTURAS**. Este sistema permite estabilizar e aumentar a produtividade numa combinação dos fatores solo, clima e cultura com os fatores econômicos.

### Por que a Rotação?

"A rotação de culturas tem inúmeras vantagens", afirma o professor Muzilli. Uma rotação de culturas bem planejada visa a manutenção ou melhoria da produtividade do solo, como também a diminuição da incidência de ervas daninhas, pragas e doenças. Promove o controle da erosão e assegura um programa equilibrado de trabalhos na fazenda.

Em relação a este aspecto, é bom lembrar que, em propriedades onde apenas uma cultura é explorada, todos os trabalhos de plantio se concentram num mesmo período, o que ocorre também no momento do cultivo e da colheita.

Do ponto de vista econômico, rotação significa diversificação e a diversificação é um tipo de seguro para o agricultor, tanto em relação às oscilações de preços depois da colheita, como em relação às variações climáticas durante o ciclo das culturas.



### Por que milho na Rotação?

A resposta nos é dada pelo professor Muzilli através dos resultados de 7 anos de pesquisas realizadas no IAPAR que confirmam que **O MILHO É BOA OPÇÃO PARA DIVERSIFICAÇÃO, PORQUE:**

- É uma planta das mais "eficientes" no aproveitamento da energia solar para produção de alimentos. Tem grande potencial produtivo, que pode ser desenvolvido pela melhoria dos sistemas de produção, incluindo sementes, espaçamento, época de plantio, adubação, controle de pragas e **TÉCNICA DE MILHO NO LIMPO**.
- Pertence à família das gramíneas, tem raízes fasciculadas e é exigente em nitrogênio. É, portanto, indicado para suceder a lavoura da soja ou a "dobradinha Soja-Trigo".
- Deixa, após a colheita, um volume muito grande de restos vegetais, proporcionando cobertura do solo e matéria

orgânica, bastante benéficos (e valorizados pelos adeptos do Plantio Direto).

- É plantado e colhido em épocas diferentes da soja. É menos dependente de mecanização, permitindo, assim, o uso mais racional das máquinas e da mão-de-obra na fazenda.
- É tolerante aos herbicidas que não podem ser usados na soja, permitindo o controle químico das invasoras que os plantios repetidos da soja selecionam. Portanto, promove a desinfestação do terreno.

Concluindo, o professor Muzilli chama atenção para os resultados econômicos da pesquisa. A **COMPARAÇÃO DE RENTABILIDADE MOSTROU MELHOR RESULTADO ECONÔMICO PARA A ALTERNÂNCIA DA SOJA COM MILHO, DO QUE PARA O CULTIVO CONTÍNUO DA SOJA ANO APÓS ANO**. Além de uma margem bruta mais elevada, a alternância da soja com o milho resultou em menor risco econômico.



# Hora de revisão nas colmeias

Quem lida com abelhas há algum tempo sabe perfeitamente que uma revisão nas colmeias, uma vez ou outra, não só é necessária para a sobrevivência dos enxames, como também contribui para o aumento da produção de mel. O Jaldyr Cabral da Silva, técnico responsável pela assistência técnica aos apicultores da região de Chiapetta, vai mais longe e garante que o ideal seria fazer uma revisão nas colmeias a cada 20 dias. "A função da revisão é para ver o desenvolvimento dos enxames, acompanhar a ovoposição da rainha, identificar problemas com traças, piolhos e formigas e substituir os favos velhos, pouco produtivos, por novos".

A primavera é a época ideal para se fazer uma revisão bem caprichada nas colmeias. É a oportunidade para o apicultor colocar seu apiário em dia e facilitar a produção de mel durante a floração.

O trato com as abelhas tem alguns segredos que aqueles apicultores, que recém estão entrando para a atividade, ainda desconhecem. Um destes segredos, por exemplo, diz respeito a escolha do horário para mexer com as colmeias. Segundo o Cabral, a melhor hora é pelas 10 horas da manhã, ou então, das duas às três da tarde. Nesses dois horários, as abelhas operárias, mais agressivas, estão fora da caixa. Não aconselha mexer com as abelhas durante a noite. Ao lidar com as abelhas o apicultor deve estar bem preparado e vestido adequadamente, usando macacão, máscara e luvas. Desta forma, ele poderá trabalhar com maior segurança. "Tanto a roupa como o corpo devem estar limpos, pois odores estranhos irritam as abelhas", alerta o Cabral. Levar junto sempre um fumegador. A fumaça deve ser branca e fria, produto da queima de panos podres para não intoxicar as abelhas.



Jaldyr Cabral: revisão é fundamental

## COMO FAZER A REVISÃO

No trabalho de revisão, que segundo o Cabral deve sempre começar por trás das colmeias para não atrapalhar o trânsito das abelhas, deve começar pela retirada dos caixilhos, "sempre em silêncio e sem movimentos bruscos para não despertar a atenção das abelhas". Ao examinar esses caixilhos, verificar se não existem muitos zangões. Se for o caso, retirar alguns zangões. A operação deve seguir adiante com a identificação de ataque de traças, piolhos e formigas.

A formiga é o pior inimigo das abelhas. Para evitar seu ataque, colocar pedaços de lã de ovelha, embebidos com óleo queimado, em volta dos pés dos suportes das caixas. Afora isso, tratar de destruir os ninhos das formigas e manter o local onde estão localizados as colmeias sempre livre de ervas. Outra opção é o apicultor criar galinhas angolistas, que eliminam rapidamente as formigas.

Outro grande inimigo das abelhas é o piolho. Ele costuma se localizar nas costas das abelhas e se alimentar de mel. Para combatê-los, é só colocar dentro

da caixa, sobre o assoalho, uma folha branca de papel com algumas bolinhas de naftalinas. Sempre retirar a folha a cada manhã. Com o cheiro forte da naftalina, o piolho se solta da abelha e cai no papel. Essa operação pode ser repetida durante uns 10 dias, até que não caiam mais piolhos no papel.

## A TROCA DAS CAIXAS

Caso o apicultor ainda esteja usando caixas rústicas no apiário, deve aproveitar a oportunidade e realizar a transferência dos enxames para caixas padronizadas, "de preferência a Langstroth, que além de possibilitar um melhor aproveitamento dos espaços pelas abelhas, é toda desmontável, facilita a limpeza e ainda tem melhor ventilação", aconselha o Cabral.

A troca das caixas deve ser muito bem feita para que o enxame logo se adapte à nova casa. O apicultor deve começar a operação retirando todos os favos da caixa velha, colocando-os num recipiente fechado. Ao encontrar a rainha, colocá-la imediatamente dentro da caixa nova, seguida pelo enxame. Fechar a caixa para que as abelhas não fujam. Numa outra operação, pegar os melhores favos — aqueles com cria e mel —, amarrar com barbante ou borrachinha e colocá-los dentro da caixa nova, sempre tomando o cuidado de deixar os favos com cria no centro. Durante cinco dias, não mexer no enxame. Passado esse tempo, abrir a caixa e cortar as amarras dos favos. "Essa é a operação de despejo", explica Cabral.

Também essa é a oportunidade do apicultor fortalecer o enxame, transformando aqueles muito fracos e pouco produtivos, em enxames fortes.

A apicultura é uma idéia que vem amadurecendo há uns dois anos na região de Chiapetta.

"É mais uma opção dentro do trabalho de diversificação da produção e o que queremos, diz o Cabral, é que o produtor tenha mel para o consumo da família. Apenas o excedente deverá ser

transformado em renda. "Muito menos queremos incurrir a idéia de riqueza com a apicultura. Deverá, num primeiro plano, ser apenas uma alternativa a mais na alimentação caseira", reforça.

**O TRIGO E A SOJA NUNCA SE ENCONTRAM, EMBORA MOREM NO MESMO LUGAR.**

O trigo gosta do frio, do inverno. Já a soja prefere os dias ensolarados do verão. Os dois, entretanto, são filhos de um mesmo solo, nascem num mesmo lugar. Mas para que isto ocorra, para que se complete este ciclo que se renova constantemente, são precisos cuidados especiais. É aí que entra a tecnologia dos Adubos Ipiranga. Os seus pesquisadores e engenheiros trabalham cada terreno, cada espécie de semente, para garantir os nutrientes certos.

E a cada colheita, uma nova análise do solo diz o que a próxima lavoura vai precisar para seguir produzindo mais. A utilização do adubo se faz na dose certa, evitando-se faltas ou excessos.

O Brasil precisa desta consciência agrícola responsável. A produção crescente de grãos é fundamental para o futuro. Colher o dobro é o ideal.

Com o adubo exato, esta meta será alcançada mais facilmente.



**ADUBOS IPIRANGA**

Fórmula Brasil, garantindo produtividade.

## Mais incentivo

"Recém agora estou entrando para a apicultura", diz o seu Protásio Lottermann, proprietário de 80 hectares na Linha Iracema, no município de Chiapetta. Sem ter tido ainda muito tempo para aprender todos os segredos da apicultura, seu Protásio já tem hoje sete colmeias, mas conta que começou a lidar com abelhas há um ano atrás, com apenas três caixas. Ele só não tem mais colmeias porque ainda não descobriu muito bem como conduzir os novos enxames.

— Eu ainda tenho muito o que aprender sobre criação de abelhas, principalmente no que diz respeito aos novos enxames. Até agora não tive muita sorte. Geralmente eles morrem e estou desconfiado que o problema é a falta de alimentos.

Mesmo com tão pouca experiência na lida com as abelhas, seu Protásio já andou fazendo uma boa colheita de mel. Só no ano passado, no mês de dezem-

bro, quando tirou mel pela primeira vez, colheu uma média de 13 quilos de mel por caixa. Não vendeu o mel. Preferiu guardar um tanto para o consumo da família e distribuir o outro tanto entre a vizinhança e os parentes. Mas já andou fazendo as contas e chegou a conclusão que a apicultura pode se transformar numa excelente fonte de renda. Se tivesse vendido os 39 quilos colhidos em dezembro, pelo preço da época — Cr\$ . . . . 7.000 o quilo —, teria obtido uma receita de Cr\$ 273.000. Como gastou Cr\$ 90.000 na aquisição das caixas, ainda lhe sobria, de lucro, Cr\$ 183.000.

— É claro que por enquanto a minha intenção é apenas produzir mel para o consumo da família. Se mais tarde decidir comercializar a produção, então, terei que investir mais na atividade, mas isso vai depender também do incentivo da Cooperati-



Protásio Lottermann: diversificação

va. A apicultura é uma opção a mais que existe para o produtor diversificar a sua propriedade.

Para o seu Protásio a Cooperativa tem que colaborar um pouco mais com os apicultores da região, fornecendo, além da assistência técnica e orientação, todos os equipamentos necessários. Segundo ele, esses equipamentos, como caixas de madeira, lâminas de cera, centrifugadora, máscaras, entre outros, poderiam ser colocados à venda no mercado.

# Cooperação: objetivos e interesses

Walter Frantz

O cooperativismo pode ser definido como uma prática social, em geral, de conteúdo eminentemente econômico, atrás do qual estão diferentes projetos de natureza econômica, social, política e cultural, sempre de acordo com os interesses dos grupos sociais ou indivíduos que o integram ou o condicionam. Assim, também no caso do cooperativismo brasileiro, mais que as idéias e princípios doutrinários clássicos do movimento cooperativo internacional, foram as condições materiais concretas de produção e dinâmica do processo social de correlação de forças que nele se estabeleceu e as condições políticas gerais vigentes no País, em termos conjunturais e estruturais, que definiram e moldaram a prática cooperativa. Foi assim no Rio Grande do Sul, com as antigas cooperativas agrícolas mistas, nascidas dos problemas que os colonos passaram a enfrentar em suas atividades econômicas de pequenos produtores mercantis. Por sua vez, o aparecimento de um novo tipo de cooperativa de comercialização de produtos agrícolas, as assim chamadas Cooperativas de Trigo e Soja, está diretamente ligado à modernização da produção agrícola, isto é, à penetração do capitalismo no campo e à articulação dos produtores rurais frente ao novo quadro de explicitação e realização de interesses e objetivos dos diferentes grupos sociais em presença.

Na origem de ambos os tipos de cooperativas podem ser identificados dois fatores importantes para a compreensão do seu desenvolvimento. De um lado está a reação dos produtores rurais contra as condições adversas do mercado e a esperança de superá-las pela cooperação. O cooperativismo aparece como um projeto de esperança e, como tal, condiciona a adesão, principalmente, do pequeno produtor. De outro lado está a política concreta de condução das cooperativas (legislação, incentivos, etc), elaborada no contexto da política econômica nacional, onde elas aparecem como instrumentos de viabilização dessa política econômica, isto é, como instrumentos para fazer cumprir as funções atribuídas à economia primária no quadro de interesses dominantes da economia nacional.

A partir disso, a grosso modo, podemos dizer que no processo econômico concreto que os produtores rurais do Rio Grande do Sul viveram e ainda vivem, o sentido da produção primária realizada precisa ser enfocado do ponto de vista do produtor e do ponto de vista dos interesses dominantes na economia nacional, estes ligados aos setores urbano-industriais. Isto tanto a nível do contexto da correlação de forças entre a economia do Estado e a economia do País e a nível do contexto da correlação de forças entre os próprios produtores, principalmente, em busca da apropriação dos solos e da realização de suas economias como indivíduos ou grupos sociais. É preciso saber da racionalidade econômica do produtor, de seus objetivos

e interesses ligados à produção e também é preciso saber dos planos da economia nacional com relação ao setor primário. Feito isso, pode-se falar, mais objetivamente, do cooperativismo, ou melhor, da prática cooperativa efetiva e entender a sua importância para cada produtor associado e seu significado para a economia nacional.

Esses aspectos nem sempre estão claros no estudo da natureza e significado da cooperação na economia brasileira, ou, no caso, da economia do Rio Grande do Sul. O encontro dos interesses dos produtores e dos interesses da política econômica nacional, historicamente, aconteceu no cooperativismo, via enfrentamento dos problemas e desafios que se colocavam no caminho de ambos, tais como: esgotamento da tradicional economia dos colonos, mecanização, necessidade do aumento da produtividade, crédito, tecnificação, etc.

Nesse encontro de interesses o projeto cooperativo, muitas vezes, passou a ser confundido com os planos e projetos da política econômica governamental, sem no entanto, necessariamente, haver uma igualização de interesses. Porém, foi pela mecanização, pela modernização do processo cooperativo, e pela cooperação econômica que os produtores buscaram encaminhar os seus interesses, as suas necessidades, as suas economias, de tal forma, como se na confluência dos interesses estes se tornassem um só. Assim, o tipo de agricultura que se passou; a maneira de fazê-la; os interesses das forças econômicas nacionais e o tipo de cooperativismo, apoiado e condicionado pelo Estado, pareciam ser do interesse do produtor.

Isso se torna muito claro no caso da adesão dos pequenos produtores rurais do Estado ao projeto de modernização da produção, desencadeado pela mecanização, pelo uso de insumos modernos e capital financeiro, pela especialização e adoção de práticas de cultivo, economicamente incompatíveis com o tamanho da área e pela própria racionalidade de suas economias, voltadas antes para a subsistência e manutenção da propriedade do que à realização de uma acumulação de capital.

Os pequenos produtores aderiram ao projeto de modernização e também as cooperativas dali resultantes, na esperança de superar suas dificuldades pela cooperação e pela alteração do patamar tecnológico. Eles não se deram conta, no entanto, do verdadeiro sentido desse processo que visava, antes de mais nada, viabilizar a expansão do capital no campo e não o produtor em si. Em outras palavras, o pequeno produtor não percebeu a contradição entre seu projeto social e econômico que procurava viabilizar pela cooperação e o tipo de produção que passou a fazer pela adesão ao processo de modernização e especialização da produção primária, sob o comando dos interesses do capital.

Assim, aprofundando-se o processo de penetração do capi-

tal no campo, a maioria dos pequenos produtores, apesar da má adesão ao cooperativismo, sente cada vez maiores dificuldades de viabilizar-se econômica e socialmente nesse processo, na condição de produtores independentes.

Embora não se possa possibilitar as cooperativas pela solução dos problemas da sociedade como um todo, estas correm um sério risco de se verem desacreditadas como alternativas viáveis na luta dos produtores rurais pela sua permanência no campo. Esse risco é tanto maior quanto mais demorar uma solução ao problema da monocultura, ciclo esse que absorveu completamente as cooperativas por longos anos. É um desafio às atuais cooperativas agrícolas evitar que apenas viabilizem um processo de produção no campo que acaba expulsando grande parte dos produtores, selecionando-os em função de um modelo econômico específico. Na prática, o cooperativismo, entendido teoricamente como um movimento de democratização das chances econômicas e sociais entre os indivíduos, corre o risco de inverter a teoria. A existência de uma estrutura formal de participação, prevista pela legislação cooperativista brasileira e, muito menos, o discurso ideológico dos tradicionais princípios do movimento cooperativo são garantias suficientes para a democratização da prática do poder nas cooperativas. Esta depende muito mais de fatores do ambiente sócio-econômico maior e das próprias estruturas sociais concretas de cada cooperativa do que do recado da lei ou do ideal de princípios, muitas vezes até contraditórios com a prática social vivida.

A experiência histórica da prática cooperativista no setor de grãos no Rio Grande do Sul, traduz bem essa problemática. Primeiro, autoritária e centralizadora nas decisões, a prática cooperativa marginalizou o associado da administração dos negócios e das grandes decisões, fazendo-o um sócio entregador de produção incorporando-o aos planos gerais do modelo econômico nacional vigente.

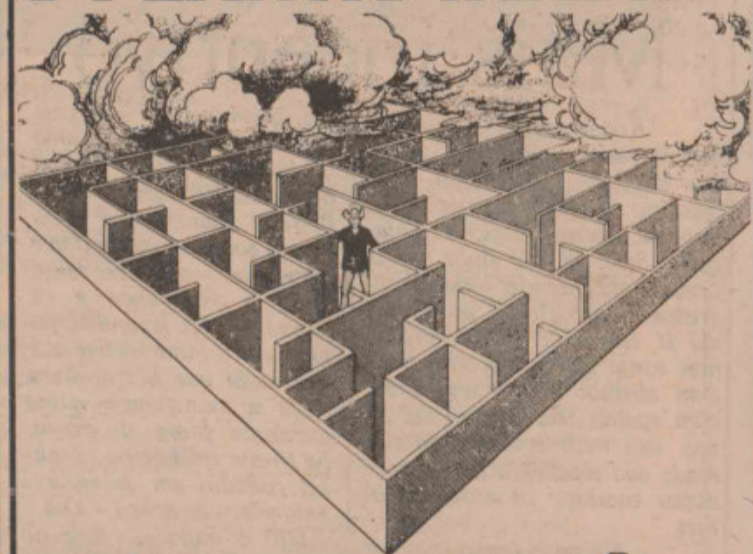
Pelo que se viu até aqui, em termos de história do cooperativismo gaúcho, o que se está fazendo ao nível da democratização da prática cooperativa faz parte de um processo social dinâmico, condicionado e influenciado por diferentes fatores, os quais podem entrar ou podem acelerar o processo de democratização das cooperativas. O "espaço democrático" nas cooperativas, formalizado pela estrutura ou mecanismos de participação, estatutários ou não, está sujeito à correlação de forças que se "confrontam" no processo social da cooperação e na dinâmica do processo administrativo de uma empresa complexa como são hoje as cooperativas tritícolas. Sendo assim, a participação do associado na gestão da empresa cooperativa é produto de uma prática social e não de uma criação intelectual.

No que diz respeito à Cotrijuíf — Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda. — podemos dizer que as suas quase três décadas de atividades representam uma excelente experiência sociológica de organização cooperativa e de participação do associado na gestão de uma empresa cooperativista complexa em um ambiente sócio-econômico igualmente complexo e, muitas vezes, contraditório. Podemos dizer, sem dúvida, que a experiência de "organização cooperativa — Cotrijuíf", é um dos processos sociais mais abrangentes de elaboração de conhecimento da realidade social por parte dos produtores, vivenciados historicamente nessa região do Estado. A história da Cotrijuíf revela um processo social de produção de conhecimento da realidade social por parte dos produtores. Esse processo se inicia desde a adesão dos mesmos à modernização e especialização da produção primária e a sua organização cooperativa com o objetivo de dar encaminhamento às questões práticas dessa nova economia: armazenagem, comercialização, agroindústria, assistência técnica, expansão empresarial, etc) e vai até o questionamento crítico da natureza do próprio projeto econômico e cooperativismo. Ele vem sendo expresso pelos esforços em reorganizar a produção pela diversificação e em reestruturar a empresa cooperativa pela reforma administrativa ou desmembramento.

Um dos aspectos importantes desse processo social, ao nosso ver, diz respeito à questão da participação do associado na gestão dos negócios da empresa cooperativa, isto é, a gestão democrática. A participação dos associados na condução da cooperativa será sempre a expressão da consciência que estes têm a respeito do significado do ato cooperativo no contexto sócio-econômico global. Como tal, a gestão democrática, antes de ser uma questão administrativa, é uma questão política. A materialização da compreensão política do ato cooperativo e, consequentemente, da participação na condução desse ato se traduz em medidas e mecanismos administrativos formais de gestão democrática dos negócios da empresa cooperativa, desde o seu planejamento até o controle e avaliação dos seus resultados. Porém, não havendo um conhecimento claro do sentido do ato cooperativo, todos os ensaios de gestão democrática correm o risco de acabar em práticas paternalistas ou até mesmo autoritárias. Esse conhecimento deve traduzir uma compreensão do contexto sócio-econômico no qual se inscreve a prática cooperativa e a prática econômica de cada associado.

O Walter Frantz é assessor de Comunicação e Educação e de Desenvolvimento em Recursos Humanos na Região Pioneira da Cotrijuíf.

## NÃO SE PERCA COM O PLANTIO TARDIO



## ENCONTRE A SAÍDA CERTA COM DUAL

CIBA-GEIGY

090/06/85

# LAVOURA DO MÊS

*A mosca de frutas (pêssego e ameixa) pode ser controlada com armadilhas caça-moscas. A partir desta época pode-se suspender as capinas do alho. De preferência não circular muito pela lavoura.*



## ALHO

As condições climáticas predominantes no mês de agosto não prejudicaram o alho Portela, que está com bom desenvolvimento e com bom potencial de produção.

As lavouras, de um modo geral, estão limpas, pois ainda durante o mês de julho houve boas condições para a capina. Deste período em diante recomenda-se o mínimo de circulação por entre as plantas, pelo que a própria capina deverá ser evitada, pois as plantas de alho ficam muito sujeitas a ferimentos, por pequenos que pareçam e esta situação é favorável ao perfilhamento, prejudicando a qualidade e o preço do produto.

Lembra-se também que o trips tem atacado a maioria das lavouras da região, pelo que o produtor deve estar atento, obser-

vando as plantas para que assim que notar algum efeito desta praga, imediatamente consulte o Departamento Agrotécnico para tomar as devidas providências.



## CEBOLA

As áreas com cebola estão muito boas, sendo mínimo o prejuízo com eventuais focos de doenças. A ocorrência de trips tem sido observada em algumas áreas, porém não tem prejudicado significativamente as plantas. A limpeza das áreas de cebola implantadas no tarde (junho) ainda devem ser capinadas, pois nesta fase o incho ainda a prejudica, sendo que o afofamento do solo também é benéfico para as plantas.

As lavouras do tarde podem receber cobertura com uréia para acelerar o seu desenvolvimento.

As condições de mercado, pelo comportamento até esta data, parecem ser favoráveis para que o produtor tenha um bom resultado

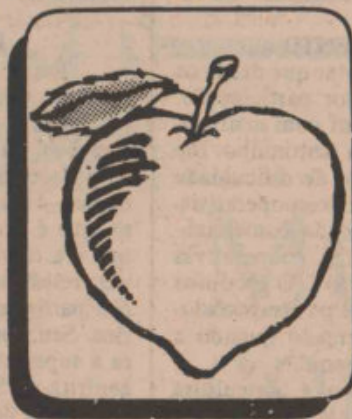


## LENTILHA

As áreas de lentilha ainda estão boas, lembrando-se que o período mais crítico para esta espécie são os próximos 40 dias, que se forem muitos chuvosos podem comprometer completamente a produção.

As cultivares precoces testadas no CTC já estão em pleno florescimento, e se não ocorrerem geadas, terão alto potencial de produção.

Aos associados que cultivarem lentilha sugerimos que façam um contato com sua Unidade para que o Departamento Agrotécnico observe a lavoura.



### FRUTÍFERAS

O mês de setembro é de pouco trabalho no pomar em geral, a não ser a aplicação de uma dose de nitrogênio para estimular o crescimento das plantas. As plantas, como pessegueiro e ameixeira estão nesta época em fase de desenvolvimento dos frutos e sujeitos ao ataque da mosca. O controle deve ser iniciado imediatamente. O uso de armadilha caça-moscas é uma boa prática e pode prevenir problemas de bichamento dos frutos. Esta prática é mais recomendada para plantas do ciclo precoce e médio, que amadurecerão antes do ataque mais intenso das moscas.



## HORTALIÇAS DIVERSAS

O mês de agosto apresentou-se bem, ao inverso de julho, pois choveu por quase todo período, prejudicando o trabalho na horta. Apesar desta situação, as hortas estão regulares e com boa possibilidade de produção.

As folhosas se recuperam rapidamente e já estão disponíveis nas hortas caseiras. A maior dificuldade se tem encontrado na beterraba, recomendando-se frequentes afofamentos dos canteiros para dar melhores chances à produção.



## TOMATE

Os tomateiros estão com bom desenvolvimento inicial e somente agora são iniciados os transplantes para o local definitivo. Lembra-se que o tomateiro é uma planta de ciclo rápido e de grande potencial produtivo, podendo chegar a 6 kg por planta, pelo que é necessário que se dê boas condições para se obter os melhores resultados.

O controle de doenças é também importante, sendo que a própria calda bordalesa (cobre+cal+água) atua sobre um grande número de doenças, sendo barata e sem riscos de contaminação ou intoxicação.



## BATATA

As lavouras de batata da chamada primeira safra já estão todas plantadas e o desenvolvimento inicial é bom. Este ano, pela dificuldade em encontrar brotador, muitos produtores tiveram que efetuar os plantios sem terem usado esta prática, o que resultou em lavoura mais desuniforme e para a qual não há medida complementar a tomar.

### QUADRO DE ÉPOCAS DE SEMEADURA/VARIEDADES/ÁREA

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Repolho			12 m2 Coração de Boi e Matzukase				12 m2 Matzukase Chumbinho				12 m2 Matzukase Chumbinho	
Couve			12 m2 Manteiga				12 m2 Manteiga					
Rabanete	4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho	
Rúcula	6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada		
Cenoura			18 m2 Nantes						18 m2 Kuroda			
Alface	12 m2 Kagraner e Maravilha verão		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Kagraner e Maravilha verão		12 m2 Kagraner e Maravilha verão	
Beterraba			18 m2 Tall Top						18 m2 Tall Top			
Tomate	50 plantas Yokota							50 plantas Kada, P. Gig.				
Pepino	50 plantas Wisconsin							50 plantas Wisconsin			50 plantas Ginca	
Cebola			2.000 plantas Baia Periforme	2.000 plantas Baia Periforme								

COLHEITA DO MES: (para quem segue as sugestões do plantio do quadro acima): Rúcula, Couve, Alface e Rabanete

# Os produtores executivos

Celso Sperotto, Antoninho Lopes e Valter Pötter tiveram que deixar um pouco de lado suas atividades com a lavoura e a pecuária, a partir de abril, para assumir um desafio. Eles são os produtores que chegaram este ano à direção executiva da Cotrijuí, e podem agora fazer um balanço dos primeiros quatro meses nos cargos. A indicação e eleição dos três associados foi o passo mais largo dado pela Estrutura do Poder na Cooperativa, que possibilita a democratização das decisões e a renovação de lideranças.

Celso é o vice-presidente da Regional Pioneira, Pötter é o superintendente da Regional de Dom Pedrito, e Antoninho o superintendente da Pioneira. Eles foram eleitos no dia 10 de abril, quando a chapa única, liderada por Oswaldo Meotti, conseguiu 94,16 por cento dos votos dos associados. No dia 11, tomaram posse e, partir daí passaram a viver o dia-a-dia da Cotrijuí, lidando com questões que eles já conheciam como líderes de núcleos ou pelo fato de terem integrado o conselho fiscal.

## LIDA NOVA

Com a eleição de abril, toda a direção executiva da Cooperativa foi renovada, com os sete dirigentes escolhidos assumindo os cargos pela primeira vez nas três regionais. Mas os outros quatro diretores já haviam exercido outras funções executivas. Celso, Antoninho e Pötter, ao contrário, estavam iniciando uma lida nova, no momento em que, com a eleição, se inauguravam também as reformas administrativas na Cotrijuí. Essas reformas, aguardadas há bastante tempo, vão aos poucos assegurando maior autonomia às regionais Pioneira, Dom Pedrito e Mato Grosso do Sul.

Antoninho Lopes relembra que o momento em que assumiu o cargo não era dos melhores, considerando-se a situação geral. O preço da soja caiu abaixo do mínimo, o produtor enfrentava custos ainda maiores para formar a lavoura de inverno, e a morte do presidente Tancredo Neves deixava um ponto de interrogação quanto ao futuro da agricultura e, enfim, do país. Antoninho havia sido conselheiro fiscal da Cotrijuí por dois períodos, e era representante eleito pela segunda vez. Além disso, tinha presidido por sei anos o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Chiapetta. Mas confessa que ficou assustado ao sentir de perto "o tamanho da Cotrijuí".

Ele teve de mudar-se de Chiapetta



Celso Sperotto



Antoninho Lopes



Valter Pötter

*Eles se destacaram como líderes, com a Nova Estrutura do Poder, e chegaram à direção da Cotrijuí nas eleições deste ano*

para Ijuí e passou a "visitar" sua lavoura nos fins de semana. "Mas — lembra o superintendente — todo o associado tem o direito de assumir a direção de sua cooperativa, pois ela é do produtor e também por ele deve ser dirigida". Se não fosse assim, de nada adiantaria todo o avanço que a Estrutura do Poder conseguiu desde 1979, quando foi implantada então como experiência. Segundo ele, esse modelo de participação da Cooperativa deve inspirar outras entidades do setor.

## FORTELECIMENTO

"Hoje, podemos notar que desde os conselheiros há uma maior participação, e que as regionais contam com maior liberdade de ação", afirma Antoninho. Ele entende que "o momento de dificuldade também pode fortalecer o cooperativismo", e explica: "Quando da comercialização da safra de soja, as cooperativas cumpriram com sua função". O produtor está lembrado, afinal, que os atravessadores saltaram fora do mercado quando a comercialização se complicou.

As perspectivas para a agricultura não são boas, reconhece ele, mas há espe-

rança de mudanças, e as cooperativas devem contribuir para a alteração do modelo agrícola. Mas a política para o setor depende também da condução da economia como um todo. "Até agora, o governo esteve preocupado em pagar a dívida externa", diz Antoninho, referindo-se à "velha República". Para ele, é preciso pensar na retomada do crescimento econômico, com aumento do poder de compra da população, pois sem isso a agricultura não sobrevive.

## PEGANDO JUNTO

Essa é também a opinião de Celso Sperotto, para quem a diversificação da produção será decisiva não só para os associados da área da Cotrijuí, mas também de outras regiões. "Sem a diversificação — diz ele — será difícil sair da crise, que é financeira e econômica". Celso, que era representante eleito pela segunda vez, residia em Santo Augusto, onde sempre participou de movimentos comunitários. Seu nome chegou a ser lembrado para a superintendência, antes de Ruben Ilgenfritz da Silva, o ex-presidente, ter sido

nomeado secretário geral do Ministério da Agricultura. Celso rejeitou o convite, mas terminou depois aceitando a vice-presidência da Pioneira.

"Seria uma incoerência — ressalta ele — se nós, que sempre defendemos uma maior participação, nós negássemos a assumir a direção". Também ele teve de mudar-se de Santo Augusto para Ijuí, e as idas à lavoura ficaram cada vez mais escassas. "Eu acho que a força do cooperativismo está revitalizada na Cotrijuí, depois da eleição. Nós estamos pegando juntos, com o associado e o funcionário, pois o momento é decisivo".

Celso diz se sentir à vontade para decidir, porque conta com o respaldo do associado, desde sua indicação, como ocorreu com os demais eleitos. "Se não fosse essa participação do produtor, não nos sentiríamos com tanta força para resolver problemas". O vice-presidente da Pioneira entende que a nova situação do país, com a democratização, pode ser estimuladora. "O presidente Sarney está bem intencionado, e algo de positivo deve resultar dessa Nova República".

## UM PACTO

Em Dom Pedrito, o superintendente Valter Pötter dividiu atribuições com o vice Tânio Bandeira. Ele é quem supervisiona o departamento agrotécnico, o frigorífico e o setor de insumos. Pötter já havia ocupado, por duas vezes, o conselho fiscal, e era representante quando foi eleito. É veterinário e nota uma diferença básica entre a nova função e sua atividade como administrador de propriedades da família. Ele lidava com interesses particulares, e agora passa a se envolver diretamente com os interesses de todo o quadro social.

"Em Dom Pedrito, firmamos um saudável pacto administrativo", diz o superintendente, ao se referir à divisão de funções, que também conta com o apoio dos conselheiros. Para ele, as pessoas que têm uma certa liderança devem se sentir na obrigação de assumir cargos de responsabilidade, "até como forma de retribuir aos outros o que lhes foi oferecido durante sua formação". Também no seu caso o cargo executivo alterou a rotina de trabalho, pois não são poucas as vezes em que as atividades da Cooperativa exigem que o expediente se prolongue até a noite. "Mas considero esse trabalho um dever, uma contribuição que devo dar à Cooperativa e à comunidade".

## Em 86, a eleição de representantes

O conselho de representantes da Cotrijuí, que já contribuiu com três novos dirigentes para a Cooperativa, vai aos poucos se firmando como meio capaz de assegurar a renovação de lideranças. Essa forma de ampliar a participação do associado na vida da Cotrijuí surgiu em 1979, como parte da Estrutura do Poder, que desde o ano passado faz parte do estatuto social. O modelo já está inclusive sendo seguido por outras cooperativas, num momento em que o sistema aposta na sua democratização.

Atualmente, são 123 os representantes, eleitos pelos próprios associados, e que atuam como porta-voz de suas localidades junto à direção. Eles são indicados na proporção de um representante para cada grupo de 150 associados, e têm, entre outras atribuições, a apreciação do ba-

lanço e relatório de cada exercício, nas assembleias de início de ano. Afinal, seria impossível reunir numa assembleia geral todos os atuais 22 mil associados da Cooperativa, nas três regionais.

A Regional Pioneira conta com 90 representantes, o Mato Grosso do Sul tem 23, e Dom Pedrito conta com 10. No próximo ano, haverá nova eleição, para renovação desse conselho. A data não está ainda definida, mas a eleição deverá acontecer entre os meses de agosto e outubro. Se a escolha fosse hoje, os 22 mil associados poderiam ampliar o número de representantes para 146 mil, de acordo com a proporção de 1 para cada 150 produtores.

O voto para indicação dos líderes de núcleos é direto. Como já aconteceu antes, cada unidade da área de ação da Cooperativa distribui urnas nas localida-



Estrutura do Poder amplia a participação do produtor no dia-a-dia da Cooperativa

des do interior, para que os associados possam votar. Podem votar e ser votados os produtores que tenham entregue suas safras no exercício anterior, conforme consta do regimento interno.

Foram os representantes que, entre outras decisões recentes, encaminharam o

debate em torno das reformas administrativas implantadas na Cotrijuí. Essas reformas resultaram, com a eleição de três vices e três superintendentes em abril último, em maior autonomia para cada uma das três regionais. Antes, a Cotrijuí contava com apenas um vice e um superintendente para todas as regionais.



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

Coordenação: Maria Aparecida Pereira Mendes

# Folclore

Você sabe quem foi que inventou o "Atirei um pau no gato", a "Ciranda-Cirandinha", a lenda do Sací Pererê, do João-de-Barro? Não sabe? Nem nós. Aliás, ninguém sabe, porque estas cantigas e histórias nos foram contadas e cantadas por nossos pais e avós, que ouviram, também, de seus pais e avós. Isto é folclore. Elas vão sendo passadas adiante oralmente e todo mundo conhece, todo mundo já cantou alguma dessas canções. Ninguém sabe quem as inventou, isto é, seu autor é anônimo. O Folclore brasileiro é muito rico, cheio de lendas, contos, canções, brincadeiras. As comidas, roupas e artesanato das diferentes regiões brasileiras também fazem parte do folclore. O folclore gaúcho também é muito rico, com lendas, cantigas, costumes comida, chás e remédios caseiros. Vale a pena você pesquisar entre as pessoas mais velhas do lugar onde você mora, as brincadeiras que elas faziam quando eram crianças, os chás que tomavam, etc. Proponha isso para sua professora, pois embora o dia do Folclore seja 22 de agosto, ele deve ser sempre lembrado, pois faz parte da nossa história, da nossa vida. Realize um painel ou mural com as informações pesquisadas, você certamente ficará surpreso com a riqueza e a criatividade com que os brinquedos e brincadeiras eram realizados.

## Trovas

Três coisas velhas são boas  
 Pote, sapato e café  
 Três eu gosto bem fresquinhas  
 Água, paçoca e mulher  
 Dizem que o mate afoga  
 As mágoas do coração  
 Mate sobre mate tomo  
 As mágoas boiando vão.  
 Quando eu era galo novo  
 Comia milho na mão  
 Hoje, sou galo velho  
 Bato com o bico no chão.  
 Estas meninas de agora  
 Só querem é namorar  
 Botam panela no fogo  
 E não sabem temperar  
 Eu quero dar um conselho  
 A quem o quiser tomar  
 Quem quiser viver no mundo  
 Há de ouvir, ver e calar.

## Provérbios

- Mulher de cabelo na venta, nem o diabo agüenta.
- Quem planta, colhe.
- Devagar, se vai ao longe.
- Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.
- Quem apanha de mulher, não se queixa ao delegado.
- Quem ama o feio, bonito lhe parece.

## Advinhações

- No alto vive, ao alto mora, todos vêm, ninguém o adora (sino)
- O que é, o que é, só fica alegre quando apanha? (pandeiro)
- O que é, o que é, que não anda, mas gasta sola de sapato? (chão)
- O que é, o que é, na água nasce, na água cresce, se botar na água desaparece? (sal)

## Travalínguas

- "Troca o trinco, traz o troco"
- "Troca o trinco, traz o troco"
- "Fia, fio a fio, fino fio, frio a frio"
- "Luzia lustrava o lustre listrado, o lustre listrado luzia"
- "Manha tatanha, aranha, tatinha Tatu é que arranha a tua casinha"
- "Quem compra cara a paca pagará a paca cara pois quem a paca cara compra paca cara pagará"

# Lendas

As lendas atravessam gerações e gerações, guardadas pela tradição e o filtro do tempo. Quando muito deixam-se perder as minúcias, os pormenores, mas retêm e conservam o enredo e o sentido fundamental. Refletem, geralmente, a vida passada de um povo. São a cultura desse mesmo povo.

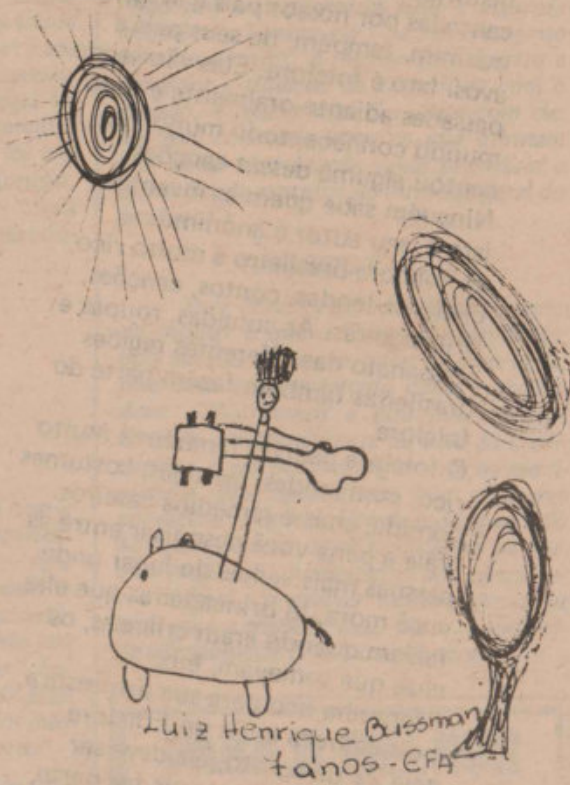
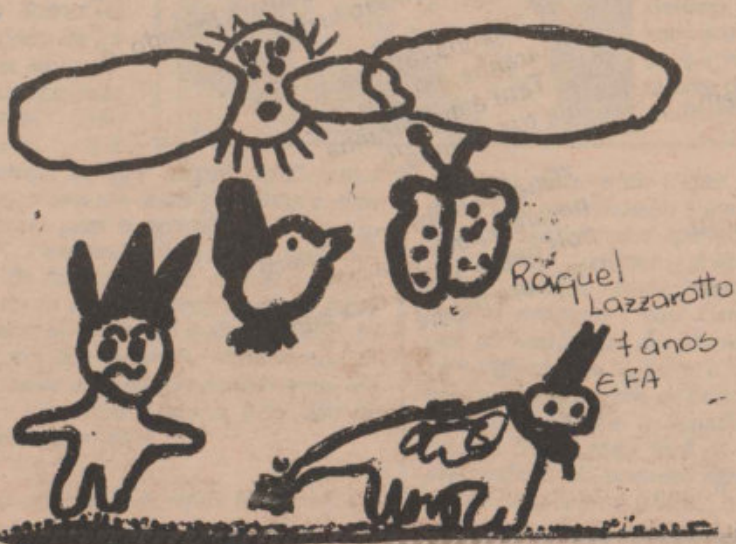
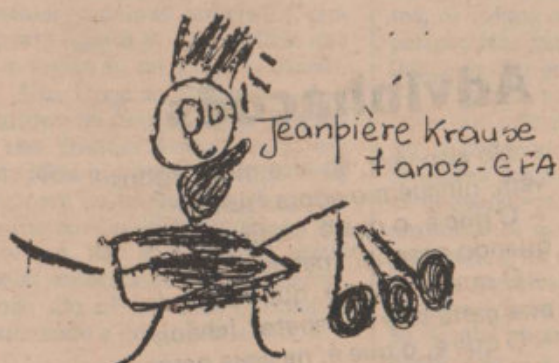


## O primeiro gaúcho

Os índios que habitavam a região sul usavam umas boleadeiras, juntamente com as flechas e lanças, contra os inimigos e na caça. Era uma grande festa, com muitas fogueiras para assar as carnes. Dançavam e cantavam alegremente, quando alguns bandeirantes passavam por perto e viram a fumaça. Como estavam atrás de ouro e pedras preciosas, precisavam de escravos para ajudá-los. Um deles disse:

—Devem ser índios! — Vamos aprisioná-los e torná-los nossos escravos. Os índios tinham sentinelas por todos os lados. Assim os bandeirantes foram vistos. A ser tinela combinou, com o chefe da tribo, um plano. Vários guerreiros, a cavalo, seguiram para a campina. Os guerreiros deveriam ficar deitados e escondidos num dos lados do cavalo, deixando, o outro, voltado para os brancos. Os brancos aproximaram-se dos cavalos para laçá-los. Quando os índios perceberam que podiam pegá-los, saíram em disparada, atirando boleadeiras e outros fugiram. Rodrigo, o bandeirante mais jovem, estava ferido, mas ainda com vida. Fizeram-no prisioneiro. Realizaram uma grande festa pela vitória e o condenaram à morte, logo que ficasse bom do ferimento. A filha do chefe, uma linda mocinha chamada Imembuí, ficou com muita pena de Rodrigo e passou a tratá-lo muito bem. Todos os dias, o jovem perguntava à menina quando seria sacrificado. Ela dizia que ele não se preocupasse, pois falaria com seu pai. Rodrigo ficou tão alegre que sentiu vontade de cantar e tocar. Resolveu fazer um instrumento: — uma viola e começou a tocar belas canções, tristes e suaves. A índia gostou tanto que, pediu a Rodrigo, que não parasse de tocar. Mas o chefe indígena mandou buscar Rodrigo para o sacrifício. A esperança de Rodrigo já havia acabado: foi amarrado a um tronco, apesar dos pedidos da menina, que implorou a seu pai que não o matasse. Estava apaixonada por ele. Procurou todos os outros chefes, implorou clemência a todos. Eles não estavam dispostos a concordar, mas como gostavam da indiazinha, resolveram mandar soltá-lo. Não viam motivos para poupá-lo mas não queriam desgostar a índia. Rodrigo teve uma idéia: sabia que os índios são muito sensíveis à música. Talvez conseguisse conquistá-los com suas canções. Foi buscar sua

viola, sentou-se perto deles a tocar e cantar. Quando os índios o ouviram ficaram surpresos. Ele não era um homem! Era um Deus! Passou a ser admirado por todos, aprendendo até a usar as boleadeiras. Diz a lenda que enquanto ouviam as tristes e belas canções, os índios exclamavam: GAU-CHE. GAU-CHE. O que significa "gente que canta triste". Desta expressão indígena surgiu a palavra GAÚCHO. Rodrigo e Imembuí ficaram noivos e pouco tempo depois realizou-se o casamento. O bandeirante foi eleito conselheiro da tribo e muito influenciou nos seus hábitos. Rodrigo foi o primeiro gaúcho e seus descendentes herdaram o amor à música, à terra e ao progresso.



# O folclore nos brinquedos

Nossas mães e avós certamente brincaram muito com bonecas de pano, as "bruxas", como eram chamadas. Algumas de vocês talvez também brinquem. Estamos dando, aqui, a sugestão da confecção de uma, bem fácil, feita com meias. Aproveite esses dias de chuva, que você não pode sair de casa e faça a sua, dando o seu toque pessoal.

## BONECA DE PANO

### Material necessário:

- um par de meias de homem bem comprido (meias de algodão) na cor desejada.
- Linha da cor da meia.
- Lã amarela para os cabelos.
- 2 botões brancos.
- Linha de bordar vermelho, marrom e amarela.
- Fita de cetim azul-rei
- Retalhos coloridos de lonita.
- Algodão para enchimento.

### Explicações dos moldes:

- 1 - Pé de meia.
- 2 - Pernas.
- 3 - Armação
- 4 - Braços
- 5 - Rosto
- 6 - Detalhes do rosto
- 7 - Cabelos
- 8 - Armação do rosto da boneca
- 9 - Braço
- 10 - Armação do corpo

- 11 - Corpo
- 12 - Vestidinho
- 13 - Esqueleto armado.

### Execução:

Recorte um pé de meia na altura do cano. Costure a parte recortada, dando o formato das pernas, amarrando a parte de cima para formar a cabeça. O outro pé de meia servirá para confeccionar os braços. Costure-os. Encha o corpo e os braços com algodão. Prenda os braços ao corpo dando pontos invisíveis. Faça uma trança com a lã amarela e cole-a na cabeça. Prenda dois botões brancos (para formar os olhos) com linha vermelha e borde os detalhes do rosto. Faça um mimoso vestidinho com retalhos de lonita e vista a bonequinha, dando os retoques finais.

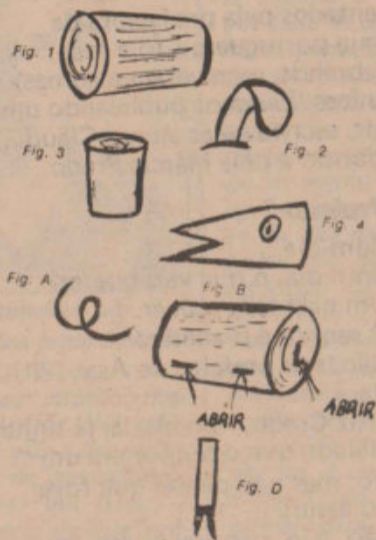
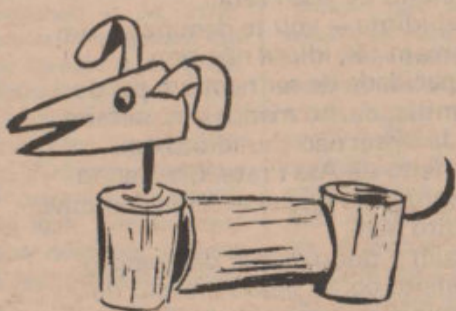
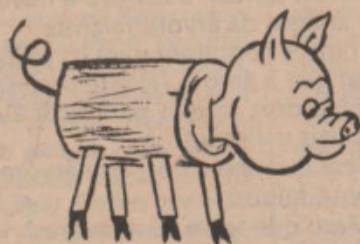


Fig. C



Para os meninos, damos a sugestão de bichinhos de rolha. Os modelos são de um cachorro e de um porquinho, mas vocês poderão criar outros. Mãos à obra.

## CACHORRO E PORQUINHO

### Material necessário:

- Rolhas grandes e pequenas.
- Cartolina.
- Palito de fósforo.
- Arame fino.
- Tinta nanquim preta.
- Barbante retorcido.
- Cola-tudo.

### Explicações dos moldes:

- 1 - Corpo
- 2 - Orelha
- 3 - Pata
- 4 - Focinho
- A - Rabinho
- B - Corpo
- C - Focinho
- D - Patinha

### Execução:

Cachorro: Com uma rolha pequena faça o focinho dando um corte na parte mais fina para fazer a boca e fure na parte superior para

fixar as orelhas. Corte o molde das orelhas em cartolina e cole-as na cabeça do cachorro, dobrando como mostrado no modelo. Com um palito de fósforo cortado fixe a cabeça na pata dianteira. O corpo e a pata traseira são ligadas por um arame fino introduzido no meio das rolhas. Barbante retorcido fará o rabinho. Pinte os olhos e o nariz com tinta nanquim preta.

Porquinho: Recorte em cartolina branca (duas vezes) o molde da cabeça do porco. As patas também são confeccionadas em cartolina e pintadas com nanquim preto. Uma rolha bem larga servirá para fazer o corpo. Dê alguns talhos nos lugares marcados na figura e enfie a cabeça e patas colando-as com cola-tudo. Pinte os olhos e o focinho para arrematar.

# Criança também escreve. E como!

Os leitores do Cotrisol continuam nos enviando as coisas que estão fazendo. Isto é muito bom e é um incentivo para nós. Sabemos que também os professores utilizam o Cotrisol em sala de aula e queremos registrar aqui a amável carta da professora Tânia Maria da Costa, de Augusto Pestana, que diz:

"Prezada Coordenadora do Cotrisol Por meio desta envio-lhe as histórias criadas pelos meus alunos de 2a. a 4a. séries da Escola Municipal Ângelo Barasuol da localidade de São Miguel, interior de Augusto Pestana.

Trabalho com o COTRIJORNAL em sala de aula e principalmente com o suplemento infantil, COTRISOL. Os alunos ficaram muito entusiasmados com o suplemento do mês de maio. A partir daí comecei um trabalho no sentido dos alunos criarem suas próprias histórias, porque considero muito válido o trabalho que os professores desta escola vêm desenvolvendo. Não foi possível enviar anteriormente porque somente recebi o jornal do mês de maio no dia 1º do corrente, mesmo assim, em nome dos alunos, espero a publicação das histórias de Chapeuzinho nas próximas edições. Agradeço-lhe a atenção dispensada, colocando-me à disposição. Atenciosamente. Tânia Maria da Costa".

Nós é que agradecemos sua carta, professora Tânia e gostaríamos que continuasse a incentivar seus alunos a produzirem seus textos. O Cotrisol gostará de publicá-los, mesmo que não sejam sugestões nossas. Assim, quando julgar oportuno, remeta-nos os trabalhos das crianças. Aqui estão as histórias dos Chapeuzinhos, das crianças de Augusto Pestana.

## CHAPEUZINHO LARANJA

Era uma vez uma menina que só usava um chapéu cor de laranja, que ganhara de sua avó, no seu aniversário.

A avó de Chapeuzinho Laranja era muito velhinha e morava sozinha perto de uma floresta onde havia muitos animais ferozes, entre eles, um lobo mau que gostava de comer as pessoas. A velhinha estava de cama, gripada e Chapeuzinho Laranja foi levar xarope de mel-agrião para ela. A mãe de Chapeuzinho Laranja recomendou que ela não fosse pela floresta porque haviam muitos animais ferozes. O Chapeuzinho Laranja desobedeceu sua mãe e um lobo que gostava muito de laranjas, queria engolir a Chapeuzinho porque ela chamava-se Chapeuzinho Laranja. Mas um caçador que passava por perto pegou sua espingarda e atirou no lobo, que saiu em disparada.

Chapeuzinho Laranja, assustada, jurou nunca mais desobedecer sua mãe.  
Magnos José Nunes — 4a. série — 10 anos — Esc. Ângelo Barasuol — Augusto Pestana

## CHAPEUZINHO AZUL

Era uma vez uma menina que só usava chapéu azul. Então passou a se chamar Chapeuzinho Azul. Ela não gostava de gente velha, a não ser de sua avó, porque ela lhe dava muitos presentes. Um dia Chapeuzinho Azul pediu para sua mãe para ir na casa de sua avó. Então sua mãe falou:

— Chapeuzinho Azul, não vá pela floresta, lá tem muitos perigos. Mas Chapeuzinho Azul não respeitou a vontade de sua mãe, pegou um bolo de mel e laranjas e saiu pela floresta a dentro para chegar até a casa da vovó. No meio do caminho Chapeuzinho Azul encontrou o lobo, mas não sabia que era o lobo mau.

Quando Chapeuzinho se distraiu para pegar algumas flores e olhar os passarinhos, o lobo correu e bateu na porta da casa da vovó de Chapeuzinho. A vovó falou:

— Entre, eu não posso me levantar porque estou muito fraquinha. Então o lobo entrou e engoliu a vovó. Colocou a touca e o vestido dela. De repente Chapeuzinho bateu e o lobo disfarçou e disse:

— Entre Chapeuzinho, a porta está aberta. O Chapeuzinho entrou e ficou espantada: — Vovó, por que essas orelhas tão grandes?

— Para te ouvir melhor, minha netinha.

— Porque essa boca enorme?

— Para te engolir.

O lobo deu um salto e engoliu o Chapeuzinho Azul. Logo depois um amigo da vovó encontrou o lobo dormindo e roncando. O caçador cortou a barriga do lobo e tirou o Chapeuzinho Azul e sua avó. Chapeuzinho Azul prometeu nunca mais desobedecer sua mãe, pois havia aprendido a lição.

Sidnei Guiotto — 4a. série — 9 anos  
Esc. Mun. Ângelo Barasuol — Augusto Pestana

## CHAPEUZINHO VERDE

Era uma vez uma menina que se chamava Chapeuzinho Verde. Era muito levada e recebeu este nome porque havia pintado o seu chapéu de verde. Um dia a menina desobedeceu sua avó e foi brincar na floresta. Na floresta apareceu o lobo que começou a correr atrás de Chapeuzinho, que corria para a casa de sua vovozinha.

Na corrida a menina perdeu o seu chapeuzinho verde. A vovó ficou triste e nunca mais lhe deu presentes.

Fábio Gewebre — 8 anos — 2a. série  
Esc. Mun. Ângelo Barasuol — Augusto Pestana

## O CHAPEUZINHO MÁGICO

Era uma vez um menino que se chamava Chapeuzinho Mágico, porque ele tinha um chapéu mágico. As vezes o chapéu do menino saía voando, mesmo sem ter asas. Quando chovia, se transformava em guarda-chuva para proteger o

menino da chuva.

Certo dia a mãe do Chapeuzinho Mágico pediu:

— Meu filho, leve este bolo de coco para sua avó, lá do outro lado da floresta. Mas cuidado com o lobo mau. Aí, o Chapeuzinho encontrou o lobo que estava faminto. O Chapeuzinho, que era mágico, desapareceu da cabeça do menino.

O menino, espantado, teve que correr do lobo até sua casa. Chegando lá, encontrou o seu Chapeuzinho Mágico são e a salvo, e os dois ficaram muito felizes.

Fabrcio Guiotto — 8 anos — 2a. série — Esc. Municipal Ângelo Barasuol — Augusto Pestana

## CHAPEUZINHO FLORIDO

Era uma vez uma menina que se chamava Chapeuzinho Florido. Recebeu este nome porque sempre usava um Chapeuzinho cheio de flores.

Chapeuzinho Florido era muito sapeca e gostava muito de desobedecer sua mãe. A mãe de Chapeuzinho mandou levar uma torta de morangos para a sua vovó, que morava do outro lado do bosque, mas Chapeuzinho Florido desobedeceu sua mãe e foi brincar no bosque. Um lobo pegou o Chapeuzinho Florido e tirou as flores do chapéu dela.

Cristiano D. Guberte — 8 anos — 2a série — Esc. Municipal Ângelo Barasuol — Augusto Pestana

## Inventando história

Os alunos da 7a. série da Escola Francisco de Assis — Fidene, orientados pela professora de língua portuguesa Lídia Inês Allebrandt, escreveram algumas crônicas. Estamos publicando uma delas, escrita pelas alunas Cláudia Gadonski e pela Márcia Prado.

### O Prefeito

— Bom dia.  
— Bom dia, o que vais querer?  
— Um café sem açúcar.  
— O senhor é diabético?  
— Não, sou prefeito de Asa Preta.

— Cruz-Credo, Ave Maria, já tinham me falado que o senhor era um burro, mas não pensei que fosse tanto assim.

— Não, não, não sou burro, sou prefeito de Asa Preta. Seu idiota — vou te denunciar, um homem tão idiota não tem capacidade de ser nem um pai de família, muito menos um prefeito. — Já disse: não sou idiota, sou prefeito de Asa Preta. Chi, tenho a impressão que esse cara não houve muito bem.

Assim o dono do bar denuncia o prefeito como sendo incapaz de administrar uma cidade. E ele foi intimado a prestar um depoimento

junto com o dono do bar.

Na sala do juiz:

— Bom dia. É o senhor que diz ser o prefeito de Asa Preta?

— Não, eu não digo ser, eu sou.

— Está bem, gritou. Este cara deve ser louco ou deve estar nadando na ignorância — cochichou o juiz.

— Não. Não, senhor, não sou louco nem ignorante, sou PREFEITO DE ASA PRETA. . .

Num instante a confusão foi formada, gente correndo, com roupas brancas e com camisas de força na mão. De repente um homem se dirigiu ao juiz.

— Me desculpe, senhor juiz, toda esta confusão. É que este homem é o prefeito do Sanatório Asa Preta e de tanto trabalhar lá, ficou meio louco.

— Eu insisto em dizer: sou prefeito de Asa Preta.

No dia seguinte, no mesmo bar chegou um homem e pediu:

— Me vê um café sem açúcar.

— O senhor é diabético? Não, não responda, por favor. Já venho com seu café.

Na edição do mês passado o Cotrisol sugeriu que as crianças criassem uma história a partir dos personagens do desenho, que eram seis pintinhos, um galo, uma cabra, uma nuvem, uma árvore falante e uma galinha.

Já recebemos duas e estamos esperando outras. Aqui estão elas:

### A ÁRVORE FALANTE

Num bosque havia uma linda árvore falante. Ela chamou todos os bichos ao redor dela para descansarem na sombra. Os bichos correram para junto dela. A galinha com seus filhotes e o galo. A cabra também aproveitou para ir descansar. E a linda nuvem mandou uma boa chuva para eles se divertirem. Sidmara Pedrosa Blaszk 7 anos — 1a. série  
Escola Fernando Ferrari — São Luiz Santo Augusto

Era uma vez uma árvore falante, mas ela era sozinha e queria ter um amigo. Um dia estava passando seis pintos, eles viram que ela estava triste e falaram:

— Nós somos seus amigos. Até que um dia os pintinhos falaram para a cabra que a árvore falante estava triste, e a cabra falou:

— Vamos contar para dona nuvem?  
— Vamos, responderam os pintos. E os seis pintos, a cabra e a nuvem são amigos da árvore falante.

Os pintos contaram para os pais deles que a árvore falante precisa de mais dois amigos para ficar alegre e os pais disseram:

— Será que serve nós? E a árvore falante falou:

— Claro que serve. E a árvore falante ficou feliz com esses amigos.

Fabiana Lucchese — 8 anos — 2a. série — Sagrado Coração de Jesus — Ijuí.